



INSTITUTO PIAGET
Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares
Viseu

Relatório Final

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico
Especializado Guitarra Clássica

João António Cardoso Silva

MESTRADO EM ENSINO DE MÚSICA

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

João António Cardoso Silva

Relatório Final

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Parecer

Na qualidade de Supervisor do Relatório Final de Estágio integrado no Mestrado em Ensino de Música apresentado pelo licenciado João António Cardoso Silva com o título

**Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica**

declaro:

Que o trabalho realizado cumpre os requisitos científicos, metodológicos e formais que são pertinentes para a apresentação e defesa perante o Júri designado para a avaliação do mesmo.

Em consequência, considera-se que seja autorizada a data para a avaliação que resultará na concessão do título de MESTRE.

Viseu, 09 de Setembro de 2022,

Professor Doutor Alexandre Andrade

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

João António Cardoso Silva,
autor do Relatório final intitulado
“Autonomia Orientada Na Escolha De
Repertório No Ensino Artístico
Especializado - Guitarra Clássica”,
declaro que, salvo fontes
devidamente citadas e referidas, o
presente documento é fruto do meu
trabalho pessoal, individual e
original.

Viseu, aos 09 dias do mês de Setembro de 2022

João António Cardoso Silva

Relatório final apresentado ao
ISEIT-Viseu, como parte dos
requisitos para a obtenção do grau
de Mestre em Ensino de Música:
ESPECIALIZAÇÃO - INSTRUMENTO
/ GUITARRA.

Sumário

O presente trabalho pretende fazer uma abordagem sobre a forma como a autonomia na escolha de repertório por parte dos alunos, orientada pelo professor e adaptada aos seus graus de formação, os pode ou não ajudar a suprir dificuldades técnicas e/ou interpretativas, no sentido em que pode ser um factor importante de motivação para o estudo contínuo e positivo da guitarra.

Palavras-Chave

Repertório; Autonomia; Motivação; Técnica; Guitarra.

Abstract

This article pretends to be an approachment about the way as the student's autonomy in themselves repertory choice, teacher guided and adapted to each degree, can help them to resolve some technical or musical handicaps, in the way that it can be an important motivation way to the positive and regular study from the guitar

Key Words

Repertory; Autonomy; Motivation; Technique; Guitar.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Agradecimentos

Este percurso não teria sido possível de concluir sem a ajuda de várias pessoas às quais me apraz agradecer de forma sentida.

Em primeiro lugar, à minha família pelo apoio constante ao longo de todo o meu caminho musical, principalmente por terem acreditado na realização deste percurso académico e profissional, com especial destaque para a família residente em S. Pedro do Sul que muitas vezes me facultou a estadia necessária e inerente à frequência no Instituto Piaget de Viseu.

Agradecer ao Conservatório de Música de Coimbra pela disponibilidade em aceitar-me como estagiário.

Um agradecimento especial à Professora Cooperante Marta Costa pela incansável disponibilidade que, desde o início, demonstrou para me apoiar a levar este barco a bom porto, bem como a toda a sua turma que me ajudou e facilitou a realização deste projeto. Para além disso, os ensinamentos que professora e alunos me transmitiram ao longo da prática de ensino supervisionada, foram de suma importância, não só para a realização deste percurso académico como também para a minha atividade profissional enquanto professor de guitarra.

Agradecer também ao professor Augusto Pacheco não só pelos seus ensinamentos de guitarra, mas também pela forma como me auxiliou na revisão e conclusão deste relatório final.

Gratular os meus colegas e professores de curso com quem partilhei tantas ideias, muitas das quais expostas ou aplicadas ao longo deste documento.

Um agradecimento final ao Professor Alexandre Andrade, pelo acompanhamento e disponibilidade demonstrados ao longo de todo o curso, em especial durante este segundo ano académico por ter aceitado supervisionar o meu estágio.

A todos e todas o meu Obrigado.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Índice de Conteúdos

INTRODUÇÃO	1
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
1.1 - A MÚSICA E A SUA FORMA DE ENSINO NA HISTÓRIA OCIDENTAL	5
1.2 - RIGIDEZ NO ENSINO DA MÚSICA – TRADIÇÃO OU HERANÇA HISTÓRICA?	9
1.3 - A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	11
1.4 - FLEXIBILIDADE CURRICULAR E AUTONOMIA PEDAGÓGICA	13
1.5 - CRIATIVIDADE – UMA FORMA DE ROMPER COM OS PADRÕES EDUCATIVOS DO EAE	16
1.6 - COMO APLICAR ESTES CONCEITOS AO ENSINO DO INSTRUMENTO DENTRO DE EAE?	20
1.7 - O QUE SE ENTENDE POR MOTIVAÇÃO E COMO SE DEVE TRABALHÁ-LA	24
1.8 - POR QUE MOTIVO ALGUNS ALUNOS ESTUDAM TANTO E OUTROS DESISTEM?	28
1.9 - O PROFESSOR ENQUANTO AGENTE IMPORTANTE NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO	39
1.10 - A ESCOLHA DE REPERTÓRIO COMO FACTOR MOTIVADOR	44
II – ENQUADRAMENTO DA REALIDADE DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	48
2.1 - CARATERIZAÇÃO DO POLO DE ESTÁGIO	48
2.2 - JUSTIFICAÇÃO PELA ESCOLHA DO POLO DE ESTÁGIO	50
1.3 - CURSOS MINISTRADOS E REGIMES DE FREQUÊNCIA	51
1.4 - PARTICULARIDADES DO PROJETO EDUCATIVO	52
1.5 - PERFIL DOS ALUNOS ENLOBADOS NA PES E CONSEQUENTES ARRANJOS MUSICAIS COMPOSTOS PARA CADA UM	53
III – PLANO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO	64
3.1 - TEMA	64
3.2 - DELIMITAÇÃO DO TEMA	64
3.3 - MOTIVAÇÃO	64
3.4 - PROBLEMA DE PESQUISA	65
3.5 - HIPÓTESES	65
3.6 - SIGNIFICADO OU PERTINÊNCIA DO ESTUDO	65
3.7 - OBJETIVOS	66
3.8 - JUSTIFICAÇÃO	66
3.9 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	67
3.10 - METODOLOGIA DA PESQUISA E RECOLHA DE DADOS	67
3.11 - PLANO DE AÇÃO	69
3.12 - CRONOGRAMA	70

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

3.13 - CUSTOS.....	71
3.14 - CAMPO DE OBSERVAÇÃO/AMOSTRA	71
3.15 - REPRESENTATIVIDADE QUALITATIVA DA AMOSTRA	72
3.16 - LISTA DOS ARRANJOS COMPOSTOS NO ÂMBITO DO PROJETO	73
IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E REFLEXÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	91
4.1 - PRIMEIRAS IMPRESSÕES	91
4.2 - AUDIÇÃO FINAL REALIZADA NO ÂMBITO DO PROJETO	92
4.3 - QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS.....	93
4.4 - REFLEXÃO ACERCA DOS RESULTADOS OBTIDOS	95
4.4 - SUGESTÕES PARA O FUTURO.....	111
V. CONCLUSÃO	112
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
DESPACHO N.º 5908/2017, DE 5 DE JULHO	119
ANEXOS	120
ANEXO I - PLANO DAS AULAS ASSISTIDAS PELO PROFESSOR ORIENTADOR DE ESTÁGIO E PELO PROFESSOR COORIENTADOR NO ÂMBITO DA PES	120
ANEXO II - RELATÓRIO DA AUDIÇÃO FINAL REALIZADA NO ÂMBITO DESTA PROJETO.....	123
ANEXO III - QUESTIONÁRIOS INDIVIDUAIS PREENCHIDOS.....	124

Índice de Tabelas

TABELA 1 - PERFIL DA ALUNA 1	56
TABELA 2 - PERFIL DA ALUNA 2.....	57
TABELA 3 - PERFIL DO ALUNO 3.....	58
TABELA 4 - PERFIL DA ALUNA 4	59
TABELA 5 - PERFIL DA ALUNA 5	59
TABELA 6 - PERFIL DO ALUNO 6.....	61
TABELA 7 - PERFIL DO ALUNO 7.....	62
TABELA 8 - PERFIL DO ALUNO 8.....	63
TABELA 9 - CRONOGRAMA DO PLANO DE AÇÃO-INVESTIGAÇÃO	70

Índice de Ilustrações/Arranjos Musicais

FIGURA 1 - LOVE OF MY LIFE- VERSÃO INICIAL.....	73
FIGURA 2 - LOVE OF MY LIFE - VERSÃO FINAL PÁG. 1	74

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

FIGURA 3 - LOVE OF MY LIFE - VERSÃO FINAL PÁG. 2	75
FIGURA 4 - NO TIME TO DIE - VERSÃO INICIAL.....	76
FIGURA 5 - NO TIME TO DIE - VERSÃO FINAL	77
FIGURA 6 - THE SCIENTIST - VERSÃO INICIAL.....	78
FIGURA 7 - THE SCIENTIST - VERSÃO FINAL.....	79
FIGURA 8 - EASY ON ME - VERSÃO INICIAL	80
FIGURA 9 - EASY ON ME - VERSÃO FINAL	81
FIGURA 10 - REWRITE THE STARS - VERSÃO INICIAL	82
FIGURA 11 - REWRITE THE STARS - VERSÃO FINAL - PÁG. 1.....	83
FIGURA 12 - REWRITE THE STARS - VERSÃO FINAL - PÁG. 2	84
FIGURA 13 - COME AS YOU ARE - VERSÃO INICIAL.....	85
FIGURA 14 - COME AS YOU ARE - VERSÃO FINAL	86
FIGURA 15 - BELIEVER - VERSÃO INICIAL.....	87
FIGURA 16 - BELIEVER - VERSÃO FINAL	88
FIGURA 17 - PARA SEMPRE - VERSÃO INICIAL.....	89
FIGURA 18 - PARA SEMPRE - VERSÃO FINAL.....	90

Índice de Gráficos relativos ao Questionário aplicado aos alunos

GRÁFICO 1 - PORQUE DECIDISTE ESCOLHER A GUITARRA?	96
GRÁFICO 2 - QUANDO ENTRASTE NO CONSERVATÓRIO, TINHAS UMA IDEIA DO TIPO DE MÚSICA QUE IRIAS APRENDER?	96
GRÁFICO 3 - GOSTAS DO ESTILO DE MÚSICAS QUE TENS VINDO A APRENDER?	97
GRÁFICO 4 - QUAL O TIPO DE MÚSICA QUE MAIS GOSTAS?	98
GRÁFICO 5 - QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES QUE SENTES NO ESTUDO/EXECUÇÃO DA GUITARRA?	99
GRÁFICO 6 - O QUE É QUE, NORMALMENTE, TE MOTIVA MAIS A ESTUDAR UMA PEÇA?	99
GRÁFICO 7 - O QUE MAIS TE DESMOTIVA NO ESTUDO DE UMA PEÇA?	100
GRÁFICO 8 - NORMALMENTE, COMO É ESCOLHIDO O REPERTÓRIO QUE TOCAS?.....	102
GRÁFICO 9 - EM MÉDIA, QUANTO TEMPO DEDICAS, DIARIAMENTE, AO ESTUDO DA GUITARRA?.....	103
GRÁFICO 10 - OS TEUS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO, OUVEM AS PEÇAS QUE ESTUDAS/TOCAS?	103
GRÁFICO 11 - SENTISTE-TE MAIS MOTIVADO A ESTUDAR O ARRANJO DA MÚSICA QUE SUGERISTE?	104
GRÁFICO 12 - COMO CONSIDERAS O GRAU DE DIFICULDADE DO ARRANJO QUE TOCASTE?	104
GRÁFICO 13 - QUANTO TEMPO DEDICASTE AO ESTUDO DO ARRANJO?	105
GRÁFICO 14 - CONSIDERAS IMPORTANTE TOCAR ESTE TIPO DE MÚSICAS?	105
GRÁFICO 15 - TENS VONTADE DE VOLTAR A TOCAR MÚSICAS DESTA OU DE OUTRAS BANDAS/ARTISTAS QUE GOSTES?	106
GRÁFICO 16 - QUAIS AS TÉCNICAS QUE TRABALHASTE/APRENDESTES COM O TEU ARRANJO?	107
GRÁFICO 17 - SUGERISTE ALTERAÇÕES AO ARRANJO/PARTITURA?.....	108
GRÁFICO 18 - QUE TIPO DE ALTERAÇÃO SUGERISTE OU GOSTARIAS DE TER SUGERIDO?.....	108

INTRODUÇÃO

Esta investigação nasce da necessidade que o autor, enquanto professor, mas também, e não menos importante, enquanto aluno, sentiu ao longo do seu percurso, quer académico quer profissional, em encontrar um sentido, um rumo, na definição da sua identidade enquanto instrumentista, enquanto músico e mesmo enquanto professor. Para tal muito contribuíram, evidentemente, os professores, mas também, numa fase mais atual, os próprios alunos. E não deixa de ser curioso que neste espaço temporal, compreendido entre a fase de estudante do Ensino Artístico Especializado¹ e a fase de Professor, cerca de duas décadas, se encontrem as mesmas dificuldades nos alunos, nomeadamente ao nível da motivação para o estudo regular do instrumento. Inúmeros factores poderiam ser apresentados e, conseqüentemente, estudados, sobre os quais uma investigação deste género poderia incidir. No entanto há um ponto que, na ótica do investigador, tem vindo a ser comum ao longo de várias gerações. E prende-se com a definição do repertório a abordar. É certo que nem todas as Escolas do EAE seguem as mesmas matrizes, e umas acabam até por dar uma certa liberdade de escolha aos seus professores e alunos na definição das obras e estudos a executar, fruto da autonomia pedagógica. Em sentido contrário, outras optam por ser mais rigorosas e cingem os seus educandos ao repertório predefinido através das matrizes. A realidade é que os alunos acabam por ser sujeitos (em muitos casos quase absolutamente) passivos na escolha do seu próprio repertório. E isso pode trazer problemas ao nível, reforça-se, da motivação e da própria identidade enquanto instrumentistas. Para além disso, limitar a abordagem musical a um contexto mais localizado, neste caso a música Erudita - apesar do seu vastíssimo repertório e dos diferentes estilos que aqui se pode encontrar - pode acabar por limitar ou até descuidar a abordagem a outras técnicas musicais, quer ao nível da execução do instrumento em particular quer ao nível do entendimento musical em geral. É evidente que há certos instrumentos cuja própria conceção está orientada para tipos de repertório muito específicos – caso

¹ Doravante designado por EAE

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

do cravo, ou dos instrumentos de música antiga, entre muitos outros, não querendo isso dizer que não possam, ainda assim, tocar repertório moderno, atual ou contemporâneo. Pegando num exemplo mais específico como o da guitarra (clássica)², existem inúmeras formas de abordar este instrumento. Existe o repertório erudito, que abrange os vários períodos da sua história (ocidental) enquanto instrumento, mas existe também repertório de outras áreas, como o *Jazz*, a música Pop, o Rock (com a vertente da guitarra elétrica, por exemplo), e ainda géneros como a Bossa Nova (onde a guitarra é designada por “violão”) ou o Flamengo, géneros em que a guitarra assume um papel fundamental de destaque, mas cuja forma de execução é manifestamente diferente daquela geralmente aprendida ao longo da formação no EAE. Certo é que algumas escolas começam a explorar áreas mais específicas para cada instrumento – como o caso do *Jazz* que já nos permite realizar cursos académicos de formação superior – mas na maioria dos casos, para se estudar um instrumento a um nível academicamente reconhecido, não se pode fugir, e deve mesmo reconhecer-se, a importância do EAE. E aqui aborda-se novamente a questão das limitações na definição de repertório³ acima mencionadas e sob as quais este trabalho pretende, em parte, incidir. É evidente que há sempre um risco em generalizar este tipo de considerações até porque existirão alunos que preferem ser orientados na escolha das peças a estudar, e não deixam de se motivar por causa disso. Da mesma forma, alunos de iniciação e até mesmo dos primeiros graus de guitarra, não terão os conhecimentos nem a maturidade necessária para que possam escolher as peças que querem estudar e tocar. Não quer isto dizer que não se procure um caminho que vá ao encontro dos seus gostos e, conseqüentemente, ao encontro das suas expectativas. Por outro lado, se se tiver em conta alunos de graus mais avançados, altura em que começam a definir a sua

² O próprio termo “clássica” acaba por delimitar muito bem o tipo de abordagem que se vai fazer ao instrumento, nomeadamente no EAE

³ Importante frisar, novamente, que o termo “limitação de repertório” se refere ao facto de se cingir a um tipo muito específico de abordagem musical, e não propriamente à escassez ou à qualidade das obras.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

maturação musical, e que muitas vezes, no enquadramento legal do EAE, coincide com períodos marcantes do seu próprio desenvolvimento, como a adolescência e até mesmo com o início de vida adulta, ou seja, fases em que os alunos já começam a ter a sua personalidade vincada e até mesmo ideias mais claras do que pretendem para o seu futuro (musical ou não), limitá-los na escolha de repertório pode criar certos *handicaps* motivacionais e mesmo emocionais, que podem vir a prejudicar a sua disponibilidade para o estudo do próprio instrumento. É neste sentido que esta investigação surge, na necessidade de perceber até que ponto a exploração de outros mundos (musicais), de outras abordagens, como o conceito de harmonia, muito inerente aos instrumentos harmónicos, o ver a guitarra não propriamente como solista, mas como instrumento acompanhador, assente num repertório mais diversificado, mas não menos exigente, pode ou não motivar os alunos a tocar mais e melhor.

Como será evidente, reforce-se, não é, de todo, objetivo deste trabalho ignorar todo o vasto, rico e importantíssimo repertório que, na realidade da música ocidental, foi sendo composto e tocado ao longo dos vários períodos da História. Bem pelo contrário. Aliás, muitos dos instrumentos, tal como são conhecidos hoje, evoluíram, e são o que são graças não só aos instrumentistas que os executaram, mas também devido aos compositores e ao repertório específico, que veio desenvolver técnicas de execução e até o(s) próprio(s) instrumento(s). Por isso não fará sentido descurar esta vastíssima herança que a história da música deixou e continua a deixar. O que se procura, e é neste ponto que se converge para a ideologia desta investigação, é um complemento à música a que, tradicionalmente, se chama de erudita. Até porque nos dias de hoje, o nível de informação a que fácil e instantaneamente se tem acesso levam a colocar algumas questões que, num passado recente, não se colocavam. Enquanto, até há relativamente pouco tempo, o acesso a obras e respetivas partituras era bastante limitado, hoje existe uma quase infinita quantidade de material, erudito ou não, à disposição. E aqui se levanta mais uma das problemáticas que se aborda nas próximas páginas. Fará sentido manter o repertório abordado no EAE cingido a matrizes que apenas consideram um repertório específico e ignoram a música que se faz no presente, seja ela de que

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

género for? Ou será mais produtivo procurar novas abordagens, estimulando os alunos a procurar um repertório que vá (ainda mais) ao encontro das suas expectativas? Atenção que esta opção não pretende deixar de lado as técnicas inerentes à execução de cada instrumento. Bem pelo contrário. A ideia é mesmo explorar as técnicas da guitarra, neste caso específico, não só através do repertório erudito, mas também através de novas peças, novos arranjos, novas abordagens que possam convergir com os gostos pessoais e musicais de cada aluno, e, a partir daí procurar estimulá-los a suprir essas mesmas dificuldades técnicas, recorrendo à motivação como forma de espartar esse mesmo trabalho usualmente menos apetecível de se realizar.

I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - A Música e a sua forma de ensino na história Ocidental

A música, segundo a definição de Clifton, traduzido por Freitas (1997:24), “(...) é um conjunto ordenado de sons e silêncios cujo sentido é representativo ao invés de denotativo”. Para além desta definição genérica, o mesmo autor atribui à música um papel muito importante ao nível das expressões humanas, pois considera que esta pode atingir “(...) um nível de sensorialismo muito importante (...)” (*ibidem*) no sentido em que “(...) é a realização da possibilidade de qualquer som apresentar a algum ser humano um sentido que ele experimenta em seu corpo” (*ibidem*). Segundo Moraes (1991), a música é uma forma peculiar de sentir e pensar, que propõe caminhos alternativos para o fazer:

“É por isso que se pode perceber a música não apenas naquilo que o hábito convencionou chamar de música, mas – e sobretudo – onde existe (...) a invenção de linguagens: formas de ver, representar, transfigurar e de transformar o mundo”. (Moraes, 1991)

Devido a estes fatores, entre muitos outros, a música está presente na história da humanidade desde os seus primórdios sendo, por isso, transversal a todas as culturas e abordada de formas muito diferentes por cada uma delas. Desde o simples prazer expressivo e lúdico, à necessidade de transcendência ou a formas de comunicação, a música é explorada e adotada há milhares de anos por todo o mundo. Existem documentos que sugerem o estudo da música a partir da Mesopotâmia, encontrando-se registos acerca de instrumentos e teoria musical. Seguidamente os egípcios também teorizaram acerca da música tendo inclusive criado alguns instrumentos como o monocórdio. A partir daqui filósofos como Pitágoras (582-500 a.c.), que havia estudado precisamente na Mesopotâmia e no Egito, trouxeram para a Grécia ciências como a harmonia das esferas, dos modos e dos números, tendo transportado algumas teorias egípcias, como a teoria das relações entre os sons, relacionando as alturas dos mesmos de uma forma lógica e não propriamente

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

arbitrária. Criou também relações a partir das vibrações das notas, partindo de uma nota fundamental, tendo, como já referido, atingido a construção do monocórdio, um instrumento constituído por uma única corda através da qual se podiam produzir diferentes alturas de som. Entrando já na educação musical, localiza-se Atenas como o ponto de partida onde os filósofos criaram sistemas que depois se foram estendendo a toda a Europa Ocidental. Isto deve-se ao trabalho destes pensadores da época, que acreditavam que a música e a educação musical eram manifestações visíveis quer da sociedade organizada quer do prazer individual. Ao mesmo tempo reconhecem que se vive num universo organizado e que como seres racionais, existe a oportunidade de procurar a verdade e a virtude e sermos responsáveis pela nossa própria satisfação e felicidade (Mark, 2009). Mais tarde outros filósofos acabaram por atribuir muita importância ao ensino da música. Platão (427 a.C.-347 d.C.) acreditava num estado ideal assente na educação e nas artes, incluindo a música e ginástica para ajudar as crianças a abranger uma vida ideal na comunidade grega e prepará-las para serem ativas na mesma. A verdade platónica confundia-se com a dialética entre o Bem e o Belo (Boavida & Amado, 2006). A palavra grega *música* definia as artes na sua generalidade estando incluídas a literatura, a dança e, como é óbvio, a própria música, sendo esta a componente crucial do plano de educação para a cidadania (Platão, *in* Mark, 2009). E aqui se começa a entrar no campo da educação musical em idade de pré-escolar, pois é com Platão que se encontram nas *Leis*, orientações sobre a educação musical, exposições sobre a relevância dos jogos (musicais) nas crianças entre os três e os seis anos de idade ou a importância de baloiçar as crianças enquanto se lhes entoa uma canção de embalar (Vásquez & Niño, 2000). No entanto, e ao contrário de Aristóteles (384 a.C. – 322 d.C.) que mais tarde veio complementar as ideias do seu antecessor filósofo, Platão via a criatividade como uma espécie de divina “infeção” mental da qual o pensamento racional não faz parte (Barrett, 2009), ou seja, Platão negava, ou melhor, rejeitava a criatividade. É então com Aristóteles que se começa a desenvolver a ideia de criatividade artística associada à educação musical. Ou seja, Aristóteles adota a linha pedagógica de Platão, mas acrescenta-lhe esta vertente expressiva. Dá suma importância à parte lúdica, pois considerava que o lazer era

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

mais importante que o trabalho, sendo que via a felicidade como um fim, e a música seria um dos meios para atingir esse fim, pois o homem acompanha a música com prazer e não com dor (Aristóteles, referido in Mark, 2009). Para terminar esta parte mais ancestral da história e do ensino da música, referir ainda que Aristóteles acreditava que a música deveria ser estudada com uma perspectiva sobre a educação – que o próprio intitulou como *purga* - ou seja o prazer intelectual para relaxamento e recreação depois dos exercícios. A ele está associado o termo original *catarse*, um método psicoterapêutico musical que desencadeia uma descompressão pela emoção. Novos filósofos continuaram e aprofundaram estas ideias. Roma veio trazer uma nova influência na cultura ocidental. Tal como os gregos buscavam a perfeição em muitas áreas da sociedade. A música não foi exceção sendo que o canto passou a ganhar grande relevo pois foi aplicado em todas as áreas. Também muito importante é esta ideia de que o ofício de músico já seria, naquele tempo, reconhecido, dada a importância das *Irmandades de músicos* existentes em Roma (Vásquez & Niño, 2000). Quintiliano explorou as vantagens que o estudo da música traz. Segundo ele, existem dois modos de expressão musical essenciais. Um relativo à expressão vocal e outro aos gestos do corpo. A teoria da expressão vocal é, posteriormente, dividida pelo músico Aristóxeno em ritmo e métrica, referindo-se o ritmo à modulação da voz e a métrica à melodia e aos sons produzidos.

A partir do séc. I, a música passou a fazer parte do crescimento e da educação do ser humano. Inicialmente de uma forma informal e, mais tarde, gradualmente, de uma forma mais formal. Na cultura ocidental a música religiosa acabou por se assumir como o primeiro grande veículo de expressão e de ensino da música. Surgem importantes teóricos e pedagogos musicais, que criaram e implementaram sistemas de estudo musical que vieram a ser a base da teoria musical actual. Casos de Sto. Agostinho com a sua doutrina clerical – A Igreja deveria ser responsável por toda a educação do homem – foi fundamental para o desenvolver do ensino musical via música Sacra. Agostinho, no entanto, considerava que a música deveria ser apenas um meio de conexão espiritual (religiosa), rejeitando o perigo que o prazer (pagão) associado à música podia trazer. Com a Idade Média e a forte expansão do Cristianismo o ensino da música começa a ganhar relevo junto das Igrejas e/ou

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

Catedrais, mas sempre com o intuito de ensinar as crianças a acompanhar o ritual litúrgico (Vásquez & Niño, 2000). Com o dispersar da música pelas inúmeras regiões, e sempre com a ideia de cingir a música (e conseqüentemente o seu ensino) à Igreja, surgem doutrinas orientadoras da prática e do ensino da Música. O Papa Gregório Magno (540-604) foi fundamental no concretizar desta ideia com a criação do seu “Canto Gregoriano”, cuja pureza se mantinha imaculada e trazia o ser humano de volta ao contacto com Deus, rejeitando por completo a música pagã e os seus perigos. Chegou mesmo a ser proibida a liberdade criativa, sendo que todas as novas melodias tinham de passar pelo crivo de Roma de modo a poderem ser aceites. Começam também a surgir importantes estudiosos que vão contribuir para a criação do sistema de notação musical. Guido D’Arezzo (992-1050), monge italiano e regente da Catedral de Arezzo, foi o criador do sistema musical moderno em pauta antiga, tendo também batizado as notas conforme hoje se conhecem. Foi-lhe também atribuído a criação de mnemónicas utilizadas como forma de facilitar o ensino da leitura musical. Apesar da forte repressão exercida pela Igreja relativamente à música de carácter não religioso, com o evoluir das sociedades a música pagã acabou por ganhar cada vez mais importância, sendo que a sua cada vez maior diversidade bem como a própria riqueza musical e, talvez até mais importante, o fácil acesso por todos os estratos populacionais (durante muitos anos a música era acessível apenas às classes sociais mais abastadas) fez com que, até aos dias de hoje, a música em geral ganhasse tamanho relevo que acabou por se tornar uma forma de identidade nacional.

Percebe-se, através da leitura dos parágrafos anteriores, que a importância da educação musical evoluiu de uma forma lenta durante largos séculos. Apesar de, após a idade média existir um evoluir acentuado na música enquanto vertente artística – surgem os grandes compositores, as orquestras, as novas formas musicais que construíram o caminho até à música de hoje – esta evolução não se fez sentir de forma tão assertiva ao nível do ensino da música. De notar que se mantém este enquadramento no contexto da música Ocidental. Só bem mais tarde, com o afastamento da rigidez imposta pela Igreja, se permitiu o surgimento de novas escolas mais liberais e mais abrangentes, o que possibilitou desenvolver um sistema

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

de ensino da música que veio ao encontro dos sistemas que estão em voga nos dias de hoje.

1.2 - Rigidez no Ensino da Música – Tradição ou Herança Histórica?

Percebe-se, da leitura dos parágrafos anteriores, que historicamente (quase) sempre existiu uma rigidez educativa e doutrinal no que ao ensino da música diz respeito, dentro, reforça-se, do contexto Ocidental. Quer fosse imposta pela Igreja, primeiro grande impulsionador do ensino da Música, quer pela forma como a mesma era encarada nos níveis mais eruditos – a rigidez e o rigor da pauta e da sua execução eram *sine qua non* para se aprender. Por outro lado, a música pagã era colocada em segundo plano e, em muitos casos, era mesmo rejeitada. Aliado a tudo o isto, há ainda o facto de, durante todo este período, a música estar acessível apenas às classes mais altas. Poderá considerar-se então que este rigor na abordagem educativa, praticada ao longo de tantos séculos, seja uma herança genética que ainda hoje se faz sentir nas Escolas do EAE? Foque-se os três pilares do EAE no que ao ensino de instrumento diz respeito. Leitura Musical, Desenvolvimento Técnico e Preparação Performativa. Qualquer um destes itens exige uma prática rigorosa e constante do instrumento, por parte do aluno, no sentido de aumentar exponencialmente a sua evolução a cada um destes níveis. Mas será este o caminho correto nos dias que correm?

Saliente-se o primeiro ponto, a leitura musical. Desde a primeira aula em contexto de EAE que a criança é confrontada com a leitura na pauta. No entanto, existem cada vez mais músicos que tocam sem o recurso à pauta, principalmente fora do contexto do EAE, procurando outras alternativas de leitura mais práticas e acessíveis ou recorrendo mesmo à prática musical de ouvido. Então porque não se adotam estas práticas nas escolas e conservatórios? Não que a pauta não tenha o seu valor musical, mas acaba, em muitos casos por levar à desmotivação dos alunos devido à dificuldade e relutância que muitos têm em abordá-la, principalmente nas idades iniciais de estudo. De resto esta ideia é reforçada por Priest (1989) que defende que a insistência na leitura da pauta é um dos principais motivos que leva

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

as crianças a deixar de tocar. Num outro artigo, o mesmo autor (2002) assinala o facto de no ensino formal da música quase toda a música instrumental é transmitida através da pauta.

Relativamente ao aprimoramento técnico, este é, normalmente, o principal foco do professor de instrumento, sendo que acaba por se focar muito na aquisição de competências e desenvolvimento de técnica, o que, dada a exigência física e mental que, em muitos instrumentos, isto acarreta, acaba também por desmotivar os alunos. Será por isso que, no seguimento da ideia anteriormente apresentada, de que fora do EAE cada vez se desenvolvem novas práticas e músicos de excelência, autores como Bowman (2002) afirmarem que “é possível fazer música sem educar musicalmente”. Este foco na técnica, ao invés, da exploração de factores como a criatividade ou o desenvolvimento do ouvido musical, que acarreta o estudo e a execução de um repertório muito específico, vem agravar esta questão da motivação para o estudo. Apesar de existirem, cada vez mais, novas abordagens e novas pesquisas, até há pouco tempo o foco era quase única e exclusivamente nos pontos referidos, o que levou autores como Hallam (1998) a constatar que “existem mais estudos e investigações sobre o desenvolvimento e aquisição de competências técnicas e performativas do que sobre o desenvolvimento de competências expressivas ou criativas”.

Tudo isto tem como objeto final a apresentação performativa em contexto de audição, cujo repertório assenta em peças impostas pelo programa quer do professor, quer da escola quer mesmo a nível nacional. Perante isto, conclui-se que existem muitas lacunas quer não só ao nível do ensino de outras competências musicais, tão ou mais importantes que aquelas atrás mencionadas, quer ao nível da liberdade na escolha de repertório por parte dos alunos que acabam por ter que executar repertório previamente definido, e em alguns casos repertório imposto. Tudo isto leva a que muitos alunos acabem por não encontrar o seu caminho musical, ficando desmotivados e acabando por desistir do estudo da música. É, portanto, importante que se comece a olhar para esta questão da liberdade criativa musical, quer ao nível da escolha de repertório quer ao nível da exploração da aprendizagem de outras técnicas e

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

competências musicais, como uma forma de o EAE se desvincular desta carga histórica formal e redigida de ensinar música, que tanto o caracteriza.

1.3 - A Importância da Música No Desenvolvimento Da Criança

Será importante, antes de avançar nesta fundamentação teórica, perceber porque e de que forma a música é importante no desenvolvimento da criança enquanto aluno para que depois se possam aplicar estes conceitos ao contexto do EAE. Pela leitura do capítulo anterior poderia colocar-se a hipótese de um aluno estudar e realizar uma carreira de música sem recorrer ao EAE. E note-se que isso é cada vez mais frequente. Isto porque, fora deste âmbito formal, o Ensino da Música tende a focar e desenvolver competências “extramusicais” ao invés das competências técnicas acima referidas. Vários autores se debruçam sobre esta questão. Atente-se nas palavras de Riccardi (2005):

“(...)participar em atividades musicais favorece o desenvolvimento potencial de habilidades que envolvem diferentes âmbitos: sensorial-psicomotor; psico-emocional; cognitivo; social; ético-espiritual”. Riccardi. (2005, p. 123-132)

Esta referência é importante pois mostra que, para além das competências musicais e técnicas focadas pelos professores e referidas no capítulo anterior – leitura musical, desenvolvimento técnico e capacidade performativa – existe toda uma componente social, cognitiva, psicomotora e emocional ligada à música. Por isso será importante que o professor tenha isto em conta e estimule igualmente o aluno a desenvolver estas capacidades. Para além disso a música permite um desenvolvimento social por parte do aluno, visto que, na sua maioria, a música é uma arte coletiva, ou seja, executada com e para outros músicos. Mas então porquê focar tanto a parte individual musical e não uma parte mais social e abrangente – como acontece nos grupos não eruditos como as bandas de *Rock, Jazz, Filarmónicas, Coros*, entre muitos outros. Encontram-se várias referências dos mais diversos autores a vincar precisamente esta questão do desenvolvimento das capacidades “não musicais” – se é que não são também elas musicais – inerentes ao bom ensino da

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

música. De entre estas aptidões destacam-se o desenvolvimento pessoal, autonomia, autoestima, motivação (Kokotsaki & Hallam, 2011, p. 149-172), mas também aspetos como o desenvolvimento cultural, a sensibilidade (musical e não só), o espírito de equipa, a coordenação motora, o método de trabalho e a autodisciplina (Hallam, 2010, p. 269-289). Outros autores destacam ainda factores importantes como o sentido estético (Lai, 2011) e o sentido de responsabilidade (Brown, 1980). A próxima citação, como que remata todas estas ideias:

“(...) a importância da educação e do ensino artístico na formação dos estudantes tem, hoje em dia, forte suporte científico. (...) Não restam hoje dúvidas que a educação artística beneficia o desenvolvimento intelectual, pessoal e social dos estudantes. (...) Estudos recentes apontam para fortes relações entre o ensino-aprendizagem das artes e as aptidões cognitivas fundamentais subjacentes ao domínio de outros aspetos centrais da educação”. Fernandes et al. (2007).

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

1.4 – Flexibilidade Curricular e Autonomia Pedagógica

Um ponto importante para que a educação dentro do âmbito do EAE possa evoluir, é a questão da flexibilização curricular e da própria autonomia pedagógica das escolas e, conseqüentemente, dos corpos diretivos e, principalmente, letivos. Para entender melhor esta questão, consultou-se o “Despacho n.º 5907-2017 de 05 de julho – no âmbito da Autonomia e Flexibilização Curricular” no sentido de perceber o que diz a própria legislação acerca desta questão e como a mesma pode ser enquadrada no ensino artístico. Se existe um marco importante na definição do futuro da educação em Portugal, sem dúvida que esse marco é este despacho. Não só pela liberdade curricular que permite aplicar, mas também pela forma como, claramente aponta a um novo caminho educativo para as escolas portuguesas. De resto pode facilmente constatar-se esse facto recorrendo às palavras do próprio despacho:

“O XXI Governo Constitucional assume a educação como um meio privilegiado de promover a justiça social e a igualdade de oportunidades, constituindo um dos princípios que enformam a sua política a promoção de um ensino de qualidade e sucesso”. (Despacho n.º 5907-2017, 2017)

Não que esta parte traga novidades em relação ao que já se praticava, pois serão estes os valores fundamentais a ser assumidos pela educação. No entanto, para além de nunca ser demais oportuno relembrar estes mesmos princípios, a sequência destas ideias é bastante interessante, no sentido em que:

“(…) a promoção de um ensino de qualidade implica garantir que o sucesso se traduz em aprendizagens efetivas e significativas, com conhecimentos consolidados, que são mobilizados em situações concretas que potenciam o desenvolvimento de competências de nível elevado, que, por sua vez, contribuem para uma cidadania de sucesso no contexto dos desafios colocados pela sociedade contemporânea”. (IBIDEM)

Estas duas transcrições literais de parte do despacho em causa, que data de 2017, permite concluir que há uma clara preocupação com as questões de aplicação

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

curricular, ao nível da cidadania e do próprio processo de desenvolvimento intelectual do aluno. Ideia que, de resto, se pode enquadrar perfeitamente na questão de fundo desta investigação e que se prende com a autonomia por parte dos alunos na definição de repertório. O foco nas aprendizagens e competências dos alunos, a preocupação com as questões de cidadania, os conhecimentos aplicados em situações concretas, ao invés das situações teóricas e abstratas, e a preparação para a resposta aos desafios das sociedades modernas, são ideias que permitem verificar que há uma clara vontade de mudar o paradigma da educação em Portugal. Mais uma vez se refere que isto só pode acontecer se houver uma preocupação, um foco no currículo escolar. Atente-se em mais algumas palavras fundamentais na constituição deste despacho:

“O conjunto de competências inscritas nas propostas de perfil de aluno (...) abarca competências transversais, transdisciplinares numa teia que inter-relaciona e mobiliza um conjunto sólido de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores”. (IBIDEM)

Conjunto, competências, transversalidade, transdisciplinaridade, teia. Foque-se com muita atenção estes termos. São, sem dúvida, os princípios que até aqui se têm vindo a defender e que devem definir um currículo escolar. Poder verificar que, finalmente, há uma lei que prevê a aplicação destas ideias é muito gratificante para todos os agentes que se identificam com esta questão. A forma como este parágrafo do artigo é rematada resume bem quais os objetivos inerentes à definição curricular pois, conforme indicado, o aluno/cidadão será capaz de resolver problemas da mais diversa ordem, utilizando diferentes linguagens técnicas e científicas, sendo ao mesmo tempo um ser conhecedor e capaz de gerar conhecimento, tornando-se, muito importante, autónomo. Um aspeto que deve ser sublinhado, visto que esta investigação está inserida num curso de ensino da música, é a sensibilidade artística e estética que as ideias que este artigo pretende implementar.

Outro fator relevante, prende-se com a forma como se assume a importância da interdisciplinaridade na construção de um currículo, sendo a diferenciação

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

pedagógica um dos vetores fundamentais presentes neste despacho, ao sugerir que as escolas devem ter ao seu dispor:

“(...) instrumentos que lhes permitam gerir o currículo de forma a integrar estratégias para promover melhores aprendizagens em contextos específicos e perante as necessidades de diferentes alunos”.
(IBIDEM)

Está bem patente nesta pequena transcrição muitas das ideias sobre as quais assenta a ideologia deste trabalho, e que são relativas ao processo de autonomia curricular das escolas. Sejam, a gestão autónoma do currículo por cada instituição de ensino, a promoção de aprendizagens em contextos específicos, isto é, não ignorando a realidade local (social, política, cultural, etc.) de cada uma. Também as necessidades dos alunos no sentido em que é importantíssimo considerar que cada escola, cada aluno, tem necessidades educativas diferentes, influenciadas pelos mais diversos fatores – desde o contexto socioeconómico às próprias condições das escolas. Prever estas situações e defini-las legalmente é um passo importantíssimo rumo ao futuro educativo. E é muito interessante verificar como tudo isto prevê e facilita a questão da autonomia dada aos alunos, ainda que de forma orientada, no contexto do EAE. Note-se que tal não implica a anulação de um currículo de carácter mais abrangente, mais genérico, mais nacional. Tal está previsto no mesmo despacho ao assumir a centralidade das escolas, dos seus alunos e professores, permitindo assim:

“(...) a gestão do currículo de forma flexível e contextualizada, reconhecendo que o exercício efetivo de autonomia em educação só é plenamente garantido se o objeto dessa autonomia for o currículo”.
(IBIDEM)

isto porque:

“(...) tradicionalmente, os instrumentos de autonomia das escolas não incluem a área central de atuação das escolas, isto é, a autonomia no desenvolvimento curricular”. (IBIDEM)

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

Não deixa de ser interessante verificar que, neste capítulo concreto, ao invés de se recorrer propriamente a uma revisão bibliográfica, são utilizadas as palavras de um artigo da lei como forma de enquadrar esta fundamentação teórica no contexto desta investigação. Sendo que se trata de um despacho legislativo e não propriamente de um artigo de opinião, deve ser dada muita importância às palavras aplicadas. No fundo, o próprio artigo justifica algumas das ideias defendidas. Prova disso é a ideia patente no parágrafo seguinte do mesmo texto que confere às escolas a possibilidade de participar no desenvolvimento curricular, ao estabelecer prioridades na apropriação contextualizada do currículo “(...) assumindo a diversidade ao encontrar as opções que melhor se adequem aos desafios do seu projeto educativo” (IBIDEM). Para tal é fundamental que o projeto educativo assente em três fatores: autonomia, confiança e responsabilidade:

“(...) autonomia alicerçada na confiança depositada em cada escola, enquanto conhecedora da realidade em que se insere, com a assunção da responsabilidade inerente à prestação de um serviço público de educação de qualidade”. (IBIDEM)

Percebe-se que os agentes políticos começam a dar a verdadeira importância à implementação, ou melhor, à definição de um currículo escolar localizado, dando, para isso, liberdade às escolas na escolha de competências e aprendizagens a desenvolver, e autonomia para gerir essa mesma aplicação dos conhecimentos propostos para que possam “(...) responder com qualidade a estes novos desafios” (IBIDEM). Sublinha-se a ideia de esta mudança não acontecer só porque se quer inovar, mas sim porque se tornou imperativo a valorização das próprias escolas atribuindo-lhes então esta autonomia responsável no sentido de alcançar “(...) aprendizagens relevantes e significativas para todos os alunos”. Repare-se como é fácil e, acima de tudo, fundamental transpor esta ideologia para o contexto do EAE.

1.5 - Criatividade – Uma forma de romper com os padrões Educativos do EAE

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

Perante as ideias expostas no(s) capítulo(s) anterior(es), será importante refletir acerca da melhor abordagem pedagógica a ter em aula no EAE. Se já se percebeu que a (boa) música não é só aquela que se ouve um instrumentista executar em contexto de performance (seja audição, recital ou concerto) – e que no fundo é o resultado de muitas horas de prática de leitura, de estudo técnico de prática performativa – mas um conjunto bem mais abrangente de competências inerentes à Música em si, de que forma pode o professor do EAE estimular e abranger todas estas competências? Felizmente existem cada vez mais estudos a focar esta questão e muitos entroncam num ponto em comum – A criatividade. Mas a criatividade a todos os níveis, isto é, não se referindo apenas ao estímulo da criatividade por parte do aluno, mas sim à procura criativa por parte do professor de novas soluções na abordagem educativa. E dentro deste conceito existe muito por onde explorar no sentido de fugir aos cânones da prática Educativa que, como já referido, denotam uma forte carga histórico-pedagógica. Há vários autores que consideram importante incluir atividades com forte componente criativa nas aulas de música, pois veem as crianças como compositores e o professor como uma espécie de maestro (se não mesmo um maestro no sentido literal da palavra), que estimula, transmite pergunta, aconselha e ajuda, mais do que ensina ou informa. Porém, note-se que esta ideia não é consensual, ou melhor, não é bem aceite por todos os pedagogos, pois, como toda e qualquer abordagem pedagógica, pode ter as suas limitações, as suas “perigosidades”. Ainda que considerem importante o estímulo e o incentivo à liberdade criativa, há quem ter o cuidado de não cair num campo de experimentação demasiadamente abstrato, pouco ou nada balizado, o que pode tornar o desenvolvimento um beco sem saída, pois toda esta abordagem depende muito não só das competências técnicas do aluno, mas, acima de tudo, das suas capacidades musicais e extramusicais. De qualquer forma, a filosofia implícita nesta visão “centra-se no aluno, promove a individualidade e a criatividade de cada um, e convida-nos a olhar e escutar mais cuidadosamente o que eles fazem” (Swanwick, 1991).

Foque-se, porém, exemplos que têm vindo a ter sucesso dentro desta temática. Como que aglomerando todos estes conceitos que têm vindo a ser expostos ao longo desta fundamentação teórica, encontra-se o modelo *Comprehensive Musicianship*, e está relacionado com a corrente psicológica *Gestalt*. Tem como principal objetivo

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

desenvolver uma compreensão total nas mais diversas áreas da música, através da integração de atividades como performance, criação, direção, audição analítica e discussão. Na visão desta corrente, estas atividades devem ser tidas em conta na planificação da aula, bem como na avaliação dos alunos (Heavner, 2005). Repare-se como, com esta abordagem, se começa a fugir aos modelos padronizados vigentes há largos anos no EAE, onde o professor ensina e o aluno aprende.

Também a composição, intrinsecamente ligada ao processo criativo, tem vindo a assumir destaque nas novas práticas pedagógicas de ensino da música, mais concretamente no ensino do Instrumento. Paynter, compositor e professor, é um dos autores que questionam este modelo de ensino instrumental. Para este professor, a composição é a base do seu trabalho musical e a sua faceta mais fascinante. Para além disso, ao invés de adotar o estilo pedagógico de pergunta reposta acima referido – isto é o professor ensina o aluno aprende – Paynter considera que o professor deve investigar continuamente sobre os meios para que os seus alunos descubram e explorem as suas disposições musicais, procurando atividades que favoreçam a musicalidade das crianças, através da composição ou não, mas sempre focado em que o aluno descubra o seu próprio estilo de composição, a sua própria musicalidade (Salaman, 1988). Ao mesmo nível da composição existe a parte da improvisação, cada vez mais estimulada em diversas abordagens pedagógicas. Veja-se o exemplo de autores como Burnard, que defende que:

“(...) a disposição para improvisar e compor depende em parte do professor, que deve criar um ambiente onde as crianças se sentem à vontade (...) O professor deveria encorajar as crianças a descobrir e desenvolver as suas próprias ideias, em vez de impor as suas”. (Citado por Costa M., 2000)

Estas duas visões, composição e improvisação, são muito importantes para a concretização deste projeto, pois pretende-se, precisamente, com a sua aplicação, estimular o aluno a encontrar e a desenvolver a sua própria musicalidade.

Finalmente refira-se o exemplo de Shaffer, para quem um dos pilares do seu trabalho enquanto professor de música é descobrir os potenciais criativos que as crianças podem ter no sentido de fazer, de realizar a sua própria música. Para isso, Shaffer utiliza vários conceitos inerentes à Expressão Musical, sendo que nas primeiras

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

atividades que desenvolve em grupo procura, habitualmente, chamar a atenção dos alunos para os sons envolventes e tirar o máximo partido deles. Tudo isto porque, na sua visão, a música é som e é autoexpressão. Repare-se como esta ideia vem coligar todos os conceitos até aqui abordados e mais aqueles que se pretendem trabalhar com a realização deste projeto. E voltando ao foco de toda esta parte, nas ideias do autor, se os professores se ocupam sobretudo com teoria, técnica e memorização, as aulas de música acabam por ser uma mera transmissão de informação. A atenção deve centrar-se no som. Por isso pergunta Schaffer:

“Não poderia a música ser ensinada como uma disciplina que simultaneamente liberta energias criadoras e educa a mente para a perceção e análise das próprias criações?”. (Schaffer, 1975)

Para tal é necessário que as aulas de música tenham espaço e tempo para a criação bem como para a improvisação: o professor não deve ser visto como um supprassumo que detém todas as respostas, mas sim alguém que sabe e deve orientar o trabalho do aluno dentro daquilo que o próprio expeta enquanto aprendiz de música. Termina-se este capítulo como uma citação curiosa do mesmo autor, que refere, precisamente, uma abordagem pedagógica em que o Professor passa a ser um agente cada vez mais passivo, mas não menos importante, dando ao aluno a primazia de se autodesenvolver musicalmente: “numa aula programada para a criação, o professor deve planificar a sua própria extinção” (IBIDEM). Ainda que esta visão seja num sentido metafórico, não deixa de ser bastante real, pois cada vez mais se vai sentido, principalmente nos níveis académicos mais avançados, que o professor é um orientador e que cabe ao aluno encontrar o seu caminho musical quer na escolha do seu repertório quer, principalmente, na execução deste⁴.

⁴ Não sendo academicamente expetável falar-se na primeira pessoa, o próprio autor deste projeto tem vindo, cada vez mais, a sentir esta questão. Muitos professores preocupam-se mais em dar liberdade interpretativa aos alunos, mesmo dentro de repertório erudito, funcionando mais como orientadores musicais, com sugestões técnicas e interpretativas, do que propriamente em tornar-se “impositores de interpretação”.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

1.6 – Como aplicar estes conceitos ao ensino do instrumento dentro de EAE?

Apesar da pertinência dos estudos dos autores acima mencionados, os seus trabalhos são desenvolvidos em aulas de grupo. Então como se pode fazer a ponte para o ensino individual do instrumento? Até há pouco tempo uma das principais razões, e das mais fáceis e óbvias de apontar, era o facto de os professores não estarem preparados para estas novas abordagens pedagógicas. Veja-se o que dizia McMillan no ano de 2009:

“Sem formação para isso, e com muito pouco material pedagógico disponível, os professores atualmente têm poucos recursos para encorajar os seus alunos a compor na aula de instrumento”. (citado por Costa M., 2009)

Hoje, reforce-se, com as novas abordagens pedagógicas e com a cada vez mais acessível quantidade e qualidade de material disponível, esta razão pode já não ser justificável. Então porque existe ainda alguma relutância em explorar outras atividades? O mesmo autor responde a esta questão dizendo que, para além da justificação anteriormente dada, a própria formação dos professores é (foi) baseada nas três competências supramencionadas – leitura musical, aperfeiçoamento técnico e preparação performativa – descurando aspetos como a improvisação ou a composição, o que acabou por, logicamente, se refletir na abordagem didática atual, cujo foco acaba por ser o alcance de um nível técnico elevado (IBIDEM). Para além disso, o autor considera ainda que existem algumas ideias preconcebidas acerca das atividades composição e improvisação. Na sua ótica, muitos professores creem que para se improvisar e/ou compor é preciso ter já uma bagagem musical, mas o mundo fora do âmbito ensino formal (da música) mostra precisamente o contrário. E é por isso que considera que existe uma certa resistência por parte dos docentes de instrumento individual em abordar este tipo de alternativas (IBIDEM). Anos antes, outro autor defendia a mesma ideia, que apesar de haver cada vez mais preocupação com estes processos criativos em sala de aula, pouco se tem praticado e investigado acerca desta temática (Priest, 1989). De resto, muitas das ideias defendidas por Priest, explanadas nas próximas linhas, vão ao encontro de um dos principais focos deste trabalho. O porquê de se impor tanto aos alunos e não lhes dar liberdade

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

explorativa e criativa no instrumento. Basta que se observe o comportamento de uma criança assim que entra em contacto, pela primeira vez, com um instrumento musical. A sua natural curiosidade faz com que procure, de uma forma tão ingénuo como genuína, os sons que ela própria consegue produzir, numa espécie de improvisação *naif* (Priest, 2002). No fundo é como se a criança estivesse a tocar aquilo que sabe, aquilo que consegue, mas ao mesmo tempo aquilo que gosta, explorando assim “a sua própria música”, naquilo a que o autor define como “invenção espontânea” (Priest, 1989). Contudo, assim que chega ao EAE esta inclinação natural tende a ser anulada pelo professor, ou mesmo pela próprio projeto educativo e/ou matriz de estudo musical das escolas, no sentido em que o aluno é canalizado a tocar apenas o que está na partitura. Esta atitude pedagógica como que castra todo um processo criativo e, tão ou mais importante, todo um trabalho auditivo que é pouco ou nada explorado dentro deste contexto, ficando a força inventiva inerente à criança sem espaço para se desenvolver (Priest, 1989; Priest, 2002). Ainda nas palavras deste autor, o estímulo ao improviso e à composição é fundamental pois:

“Esta experiência irá ajudá-las a interpretar a música de outras pessoas de modo livre, pessoal, adotando essa música como sua. Irá ajudá-las a saber que a música não começa a existir como sinais no papel, mas como sons na cabeça e que esses sinais, quando necessários, são um meio para um fim. Irá ajudá-las a sentir o que é ser um artista e um técnico”. (Priest, 1989)

É bastante pertinente esta referência metafórica à primazia que se dá à música enquanto sinais ao invés da música enquanto som que, quer se queira quer não, é o resultado mais básico, lógico, inerente, direto e imediato da música. O som (e o silêncio) que se produz através desta. Esta procura quase exclusiva pelo recurso à pauta leva a que aluno e professor se centrem na cópia musical – tocar o que está escrito e como está escrito - ao invés de abordar o que está escrito e interpretar o que está escrito da forma como o próprio músico sente. É evidente que nos primeiros anos de formação a criança não terá a maturidade suficiente para fazer interpretações abstratas ou pessoais das peças que executa, o que não impede que o professor não procure estimular este lado interpretativo desde os primeiros graus. Para tal existem outras formas para ensinar e, conseqüentemente, aprender. A

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

questão é que são postas de parte. São exemplo disso o tocar de ouvido, descobrir os sons de uma melodia conhecida, imitar os gestos do professor ou ainda, numa fase mais avançada (mas não muito) harmonizar as melodias que estão a ser tocadas. Para além disso, ter como referência única e exclusivamente a partitura, acaba por restringir o aluno a tocar apenas o que ele é capaz de ler, e não propriamente o que ele é capaz de executar no instrumento. Ainda na opinião do autor, um outro problema é que o professor acaba por se debruçar mais sobre a partitura e as notas (e indicações) que são a ser tocadas, deixando de lado pormenores como a postura, respiração, balanço, competências estas tão ou mais musicais que as indicações na pauta (Priest, 1989). Não deixa de ser curioso verificar como estas ideias redigidas e/ou expostas há mais de 3 décadas continuam tão atuais. No caso específico da guitarra, atualmente, ocorrem imensos exemplos de alunos que chegam ao EAE a saber tocar de ouvido – muitas vezes executando músicas à base de acordes que aprenderam de ouvido, via internet ou mesmo em escolas fora do âmbito do ensino formal – mas que acabam por esbarrar em todas as questões apresentadas neste último parágrafo, levando, como já se percebeu, à desmotivação e conseqüente abandono do EAE. Por tudo isto o objetivo do professor não se deve limitar a transmitir conhecimentos técnicos, mas ter em conta todo o processo educativo de cada aluno. Veja-se o que diz Goble (2003) acerca desta questão ao referir que, com esta abordagem, as experiências acabam por ter, em si mesmas, um enorme potencial educativo:

“Tal como há circunstâncias que debilitam ou dificultam o crescimento de uma criança ou jovem, também há atividades que podem proporcionar o seu amadurecimento, a autoestima e o equilíbrio afetivo. São habitualmente ações congruentes com os seus objetivos pessoais, onde há algum desafio, necessidade de autocontrolo, tomar decisões e elevados níveis de concentração”. (Citado por Costa M., 2003)

Mais uma vez se converge num dos pontos principais deste projeto. Ir ao encontro dos objetivos pessoais das crianças, conforme refere Goble, será uma das formas de motivar e incrementar a autoestima de cada aluno. Para tal, sugere-se que se dê liberdade na escolha de repertório como forma de corresponder às expectativas dos discentes, e não que se imponha repertório que, muitas vezes, pouco ou nada diz a quem o estuda. Não quer isto dizer que o professor não deva

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

manter o foco nas competências técnicas, na leitura e na preparação para a performance. Pode e deve continuar a fazê-lo, mas se a estes três pontos acrescentar de tudo um pouco que se tem vindo a apresentar, enriquecerá o estudo do seu aluno e, acima de tudo, irá motivá-lo de forma mais acentuada e qualitativa. Como que reforçando estas ideias, atente-se nas seguintes transcrições:

“Deve evitar-se todo o tipo de experiências que levem à dependência ou dogmatismo - aulas baseadas na repetição imitativa, decisões musicais tomadas pelo diretor do grupo aceites com submissão, ensino teórico baseado em respostas sim/não, dependência da partitura que pode levar à atrofia. Pelo contrário, serão mais educativas as atividades que levem os alunos aos atributos perseguidos pelos objetivos da educação: independência, curiosidade, flexibilidade, abertura à experiência, autoconfiança, criatividade, iniciativa e responsabilidade na própria aprendizagem, imaginação”. (Bowman, citado por Costa M., 2002)

Isto porque:

“Estas experiências intensas provocam um envolvimento emocional que tem um forte impacto a nível da motivação do aluno. Os alunos mostram com orgulho aquilo que eles próprios inventaram, conhecem muito bem a própria peça, estudam com mais empenho e gosto porque a querem tocar. Tudo isso os leva a estar mais tempo com o instrumento e desperta a curiosidade para continuar a aprender coisas novas”. (Priest, citado por Costa M., 1989)

Volta a reforçar-se a forma como, há já vários anos, vários autores têm vindo a expor, precisamente, (grande) parte do que se quer efetivamente trabalhar com a execução deste projeto. O ir ao encontro das expectativas de cada aluno, o aprender a motivar os alunos através de escolhas musicais de repertório que convirjam com os seus objetivos, o fugir aos cânones pedagógicos musicais muito focados na pauta assim como o explorar competências como a criatividade e o improviso, mas sem nunca deixar de lado, sublinhe-se, a exigência técnica tão necessária importante à boa execução de qualquer instrumento. Mas até que ponto é efetivamente importante esta questão da motivação e como os professores a podem efetivamente trabalhar? Os próximos capítulos debruçam-se, precisamente, sobre esta temática.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

1.7 – O que se entende por Motivação e como se deve trabalhá-la

Como que fazendo uma ponte entre o final do capítulo anterior e este novo capítulo, leia-se a seguinte transcrição:

*“A motivação completa-se apenas quando o aluno encontra razão suficiente para o trabalho que realiza, quando lhe aprecia o valor e percebe que os seus esforços o levam à realização do ideal desejado”.
Balacho, Coelho, Manso (1996, p. 21)*

Mais uma vez se encontra aqui implícita a importância de manter um aluno motivado para o estudo. E uma boa motivação só se alcança quando o aluno aprecia efetivamente aquilo sobre o que está a trabalhar. Para além do mais, um aluno motivado mais depressa se torna autónomo o que acaba por incrementar também o seu próprio autodesenvolvimento musical. Seguindo esta ideia, será relativamente fácil inferir que uma peça que vá ao encontro dos desejos, das expectativas de um aluno, pode mais facilmente vir a sofrer um aumento de estudo sobre si, do que uma peça que, à partida, será imposta pelo professor e nada diga ao aluno. Isto porque, lá está, essa mesma peça imposta não terá o referido valor emocional referido pelo autor. Fugindo um pouco a este contexto do ensino da música e procurando alargar o espectro desta fundamentação teórica, no sentido de a enriquecer, veja-se o que tem sido feito pela Psicologia como forma de trabalhar igualmente esta questão da motivação. Uma das teorias que vem abordar diretamente esta temática é a “Teoria da Autodeterminação” (Deci & Ryan, 1985). No fundo esta teoria distingue dois aspetos motivacionais. “Porquê” e “Para Quê”:

“(…) Qual é o objetivo da atividade e porque quer realizar esse objetivo; quais são as razões que o levam ao esforço para atingir esse objetivo?”. (Lens et al., 2008)

Neste sentido, a teoria da autodeterminação acaba por definir uma abordagem à motivação humana tendo por base o conceito empírico pessoal, dando primazia aos fatores intrínsecos do indivíduo na sua motivação para o seu desenvolvimento pessoal, bem como na sua capacidade de autorregulação perante fatores sociais externos ao próprio indivíduo (Ribeiro, 2015, p. 11). Surgem então

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

dois conceitos – motivação intrínseca e motivação extrínseca. Assim sendo, enquadra-se neste conceito de motivação intrínseca o aluno:

“(...) cujo envolvimento e manutenção na atividade acontece pela tarefa em si, porque é interessante e geradora de satisfação, alunos com esse tipo de motivação trabalham nas atividades, pois consideram-nas agradáveis”. (Siqueira & Wechsler, 2006, p. 22).

Já o aluno extrinsecamente motivado será aquele que:

“(...) desempenha uma atividade ou tarefa interessado em recompensas externas ou sociais, um aluno com este tipo de motivação está mais interessado na opinião do outro (...) reconhecimento externo, receber elogios ou apenas evitar uma punição”. (IBIDEM)

Antes de se fazer a ponte ao contexto do Ensino da Música, enquadra-se ainda a antítese desta ideia, ou seja, a própria desmotivação que, como o nome sugere, será a ausência de motivação. Quando tal acontece “observa-se a desvalorização da atividade e falta de percepção de controle pessoal.” (Guimarães & Bzuneck, 2008, p. 103). É evidente que esta teoria acaba por ser mais complexa e distingue mesmo vários conceitos dentro da motivação extrínseca e intrínseca. Não sendo propriamente o foco deste trabalho é, ainda assim, importante enumerar alguns exemplos que, mais tarde, irão ajudar a contextualizar toda esta questão motivacional na execução do projeto. Assim sendo, relativamente à motivação extrínseca, verificam-se quatro tipos de regulação comportamental:

A regulação externa: ocorre quando a pessoa age no sentido de obter determinada recompensa ou evitar punições:

“Um aluno pode estar motivado para estudar na sexta-feira à noite, porque dessa forma a sua mãe permitirá que ele vá a uma festa no sábado à noite (motivação extrínseca e regulamento externo)”. (Lens, Matos & Vansteenkiste, 2008, p. 19)

Esta motivação acaba por ser a menos autónoma, pois não parte propriamente da vontade intrínseca em realizar determinada tarefa, mas sim das consequências resultantes desta.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

b) A regulação introjetada: a pessoa administra as consequências externas mediante o resultado de pressões internas como culpa e ansiedade.

c) A regulação identificada: é mais autónoma do que as anteriores, pois já pressupõe uma interiorização, mesmo que a razão para realizar determinada tarefa:

“Um aluno pode esforçar-se ao máximo na escola, porque quer ir para a faculdade e tornar-se um arquiteto (...). Essa motivação do aluno é instrumental, conseqüentemente, extrínseca, mas identifica-se com a razão para estudar”. (Lens, Matos, & Vansteenkiste, 2008, p. 18)

d) A regulação integrada: há coerência entre o comportamento, os objetivos e valores da pessoa. Ainda que o foco esteja “nos benefícios pessoais advindos da realização da atividade” (Guimarães & Bzuneck, 2008, p. 103) esta acaba por ser a forma de motivação extrínseca mais autónoma.

No que diz respeito à motivação intrínseca, e como o próprio nome sugere, a pessoa tem prazer e quer realizar determinada tarefa, sendo a própria tarefa ou atividade vista como um fim em si própria.

Esta contextualização é muito importante para que se faça a transposição, musicalmente falando, para o mundo do Ensino Artístico. Da análise dos pontos anteriores será lógico afirmar que a motivação mais desejada e que produzirá mais e melhores resultados será a intrínseca. Mas, ao mesmo tempo, será a que menos se encontra nos alunos do EAE. E isto acontece porque vários fatores levam a que os mesmos estudem de forma formal um instrumento, entre os quais se destacam a família – muitos alunos ingressam no EAE por tradição ou pressão da família – a escola – os pares, bem como as condições das próprias escolas, muitas vezes acabam por levar a que os alunos queiram estudar música, e isto será mais proeminente nas EAE com ensino integrado e/ou articulado – o instrumento musical – muitos alunos decidem estudar música porque gostam de um instrumento específico, e aqui, apesar de tudo, pode já considerar-se que se trata de uma forma de motivação intrínseca – o professor – muitos alunos que já tenham algumas noções de música (ou não) acabam por ingressar no EAE por fazerem questão de trabalhar com

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

determinado docente – e o próprio aluno – a forma mais intrínseca de motivação, neste contexto, ocorre quando o próprio aluno faz questão de ingressar no EAE por gosto e motivação pessoal. É evidente que para além destes factores enumerados existem questões inerentes ao próprio instrumento musical que, muitas vezes podem vir a condicionar a abordagem e conseqüente motivação do aluno. Veja-se o caso da exigência física que muitos instrumentos, no início do seu estudo, exigem por parte dos praticantes. É normal que uma criança, quando inicia a sua aprendizagem musical não tenha esta percepção. Esta ideia, de resto, é reforçada por O'Neill (1999, p. 35-43), que considera que as características físicas e intelectuais de cada criança (postura, posição das mãos, articulação, pulsação e leitura) têm influência neste processo de motivação. Mas voltando aos factores acima mencionados que podem levar uma criança a ingressar no EAE, citam-se alguns autores no sentido de fundamentar as ideias acima mencionadas. Pinto (2003), destaca a importância da família, enquanto agente de motivação. Segundo este autor, a família, em concreto o seu núcleo duro (normalmente os pais), são vitais no crescimento e motivação do aluno, bem como no sucesso do seu percurso académico. Já autores como Ribeiro (2015), Robert Roeser, Tim Urdan e Stephens (2009) veem a Escola como um agente fundamental no desenvolvimento da motivação e, conseqüentemente, da aprendizagem. Na sua visão, uma escola que apresente um ambiente escolar positivo e construtivo, acaba por mais facilmente criar condições para a formação de um aluno com motivação confiança e autonomia, tornando-o mais ativo e presente nas suas atividades escolares:

“A escola de ambiente construtivo deve ter uma liderança sólida e positivista focada nos resultados académicos dos alunos, motivando-os continuamente para a sua aprendizagem”. (Roeser, Urdan & Stephens in Wentzel & Wiegfield, 2009 apud Ribeiro 2015)

Dentro do EAE esta questão ganha ainda mais força se aliarmos a boa escolha do instrumento. É importantíssimo que o aluno seja bem encaminhado na escolha do seu instrumento musical, no sentido de ir ao encontro não só das suas competências inatas, mas principalmente da sua motivação. Nem sempre esta questão se verifica e isso acaba por se repercutir nas questões motivacionais.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

Segundo Edgar Willem, a técnica instrumental, quando feita num sentido musical e vivo, pode ser uma fonte de gosto e de prazer (Willems, 1970, p. 159). Neste sentido, a aprendizagem de um instrumento pode ser um dos grandes aliados na melhoria e no desenvolvimento da motivação da educação musical. Por fim, o papel do professor, como será compreensível, é igualmente fundamental no desenvolvimento motivacional:

“Dando ao aluno as ferramentas certas, mostrando os caminhos e as estratégias certas para atingir os fins, o professor está a providenciar-lhe a capacidade de tomada de decisões e o saber distinguir o que está bem e o que está mal, ou seja, o aluno desenvolve a capacidade de moldar a sua aprendizagem e desenvolver uma mente criativa e bem estruturada para um estudo autorregulado”. (Teles, 2014, p.35)

Mas então, como pode o professor, que no fundo é o agente que mais diretamente trabalha musicalmente com o aluno, ajudar o aluno a motivar-se e a autodesenvolver-se musicalmente? Nos próximos capítulos faz-se uma pequena revisão literária acerca desta temática.

1.8 – Por que motivo alguns alunos estudam tanto e outros desistem?

Várias razões podem ser referidas para que o abandono escolar continue tão proeminente no contexto do EAE. A primeira das quais prende-se, desde logo, com o(s) motivo(s) que leva(m) o(s) aluno(s) a ingressar nesta via de ensino tão particular. Um desses fortes motivos vem do próprio núcleo familiar, uma vez que, muitas vezes, os alunos ingressam no conservatório por indicação da família. E recorre-se ao termo “indicação” para não se usar um outro termo mais extremo como “imposição”. A realidade é que cada vez mais se encontram alunos que vão estudar para o EAE porque “a família assim o quis” e não propriamente por vocação ou, acima de tudo, por verdadeira vontade. É verdade que muitos alunos têm também a curiosidade de aprender um instrumento, o que os leva, numa fase inicial, a forçar (no bom sentido do termo) a entrada nos conservatórios. No entanto, ao fim de algum tempo, com a exigência que a aprendizagem de um instrumento acarreta ou com as expectativas acerca do que se vai tocar a não corresponderem ao

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

inicialmente pretendido - no caso da guitarra esta questão ganha ainda mais relevo, como se explica mais à frente neste capítulo – a motivação inicial desvanece-se pelo que, se não houver um trabalho específico e cuidadoso neste sentido, o aluno rapidamente desmotiva. E se esta motivação nem sempre leva ao abandono escolar, a verdade é que muitas vezes faz com que o aluno “se deixe arrastar” ao longo dos anos em que está inserido na aprendizagem do instrumento. Muitos professores já terão sentido esta questão com alguns dos seus alunos. Como é evidente muitos outros factores podem contribuir para esta questão. Referiu-se este aspeto relacionado com o ingresso no EAE pois é dos primeiros que, normalmente, se destaca. No entanto, com o passar do tempo, muitos outros podem acentuar esta problemática. Desde logo a relação entre aluno e professor ou a realidade envolvente da própria escola. O próprio regime de ensino, articulado, integrado ou supletivo pode ter influência na continuação ou não do estudo de um instrumento. Será mais confortável para o aluno do ensino integrado poder estudar na própria escola, ao invés do aluno do ensino articulado ou supletivo, que muitas vezes tem de fazer várias viagens, em muitos casos com distâncias consideráveis, duas a três vezes por semana (quando não mais), estando constantemente a mudar de realidade letiva. Por outro lado, o maior facilitismo a que, teoricamente, o aluno do regime integrado tem na aprendizagem musical, pode fazer com que se atraiam crianças cuja vocação ou predisposição nem sempre são as mais indicadas. Há ainda um facto muito importante que tem que ver, precisamente, com a problemática desta investigação, e que se prende com a definição do repertório a trabalhar, que muitas vezes pouco ou nada diz aos alunos que o abordam. Atente-se no que dizem, de um modo geral, alguns autores acerca desta temática:

Benavente *et al.* (1994) resumem no seu trabalho diferentes razões que levam ao abandono escolar, focando essencialmente quatro pontos. Em primeiro lugar, factores como as características das famílias, dos projetos escolares, o rendimento escolar, o absentismo, as necessidades pedagógicas e os sentimentos dos jovens, como a confiança, o interesse pela escola, o isolamento ou a autoestima. Em segundo lugar, são apontados factores exógenos, como o contexto social, económico, cultural, entre outros, e factores endógenos, tais como o as próprias

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

turmas ou as expectativas em torno dos professores e alunos. Em terceiro lugar, como que indo ao encontro do que foi explanado no primeiro parágrafo deste capítulo, os autores sugerem uma relação triangular de influências entre o sistema educativo por um lado, a família e a comunidade por outro e o tecido sócio produtivo no terceiro vértice do triângulo, com a escola e a turma no centro. Por fim, os mesmos autores relacionam aspetos como os contextos locais, que compreendem factores económicos, sociais, culturais e familiares, a escola, com a sua organização, os seus conteúdos, as suas práticas e relações e os alunos. Em suma, tudo isto se pode resumir:

“(...) com o modo como cada jovem, a partir do seu universo familiar e social, interpreta as suas experiências e constrói projetos de futuro, dentro dos constrangimentos que os contextos em que se movimenta lhe impõem”. (Benavente et al, 1994, p. 131)

Atente-se então como estas ideias se enquadram no que acima foi referido. A questão do universo familiar e social reflete-se muitas vezes no porquê de os alunos ingressarem no EAE. Ou porque os pais (família) são músicos, ou porque gostam de música ou simplesmente porque “é moda” ou “é bonito” aprender um instrumento, ignorando-se muitas vezes não só a própria aptidão da criança, mas, acima de tudo, a verdadeira vontade em aprender música, em aprender um instrumento. Conforme os autores indicam para uma realidade geral, também no contexto do EAE muitas vezes são as famílias a criar os projetos de futuro para os seus educandos ignorando a realidade, os contextos a que os propõe. Dando o exemplo específico da Guitarra. É notória a ideia errada que muitas famílias e alunos têm deste instrumento na realidade do EAE. Sendo um instrumento bastante versátil, aparece associado aos mais diversos estilos de música – desde o *Rock* ao *Jazz*, passando pelo *Pop*, desde a música tradicional à música de carácter mais erudito. Para além disso a facilidade com que pode ser adquirida e transportada faz da guitarra um instrumento muito apetecível para pais e alunos. E é com esta ideia que muitas crianças seguem para o estudo deste instrumento, ou seja, abordar repertório mais acessível e com o qual têm um contacto mais frequente. No entanto a realidade dentro das escolas artísticas é bastante diferente. Desde logo pelo próprio nome do instrumento, que em muitas instituições (ainda) é designado por “Guitarra Clássica”, termo que por si

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

só, como já foi referido, limita, logo à partida, o tipo de técnica e de repertório a abordar. Não quer isto dizer que a culpa esteja nos alunos (ou nas suas famílias) ou que esteja centrada nas escolas do EAE. Parece é que há, por um lado, um claro desconhecimento acerca do repertório trabalhado dentro dos conservatórios – principalmente nos instrumentos como a guitarra ou o piano e todos os que não se enquadram no panorama da orquestra tradicional ou clássica – cuja expectativa do tipo de música a abordar é uma e a realidade é outra⁵. Isto será fruto de uma certa falta de conhecimento generalizado acerca do contexto do ensino música e da própria música em Portugal, algo que se vem estendendo por várias gerações. Muitas vezes os alunos ingressam no EAE com o intuito social de aprender guitarra para depois tocar com os amigos ou formar uma banda⁶. No caso específico da guitarra, mais uma vez, há mesmo quem considere que ingressar no EAE fará com que se aprenda a tocar os mais diversos géneros musicais e diferentes tipos de guitarra, como a guitarra elétrica, a semiacústica ou mesmo a guitarra de *jazz*. Porém, a realidade é, na larguíssima maioria dos casos, bastante diferente, pois o aluno depara-se com uma técnica e um repertório essencialmente focado na guitarra de carácter mais erudito. Não sendo propriamente o que o aluno estava à espera, ao fim de algum tempo fazem notar-se os primeiros sinais de desmotivação. Até porque este tipo de repertório obriga a uma predisposição intelectual, técnica e mesmo física, principalmente nos primeiros anos de estudo, bem como de uma forma de aprendizagem na leitura da pauta, muitas vezes exaustiva e para a qual, cada vez mais, os alunos têm menos predisposição, visto que surgem cada vez mais alternativas ao recurso da pauta como forma de ensinar um instrumento. Por outro lado, não será justo colocar as razões desta problemática apenas do lado dos alunos. As escolas do EAE, na sua maioria, são também responsáveis neste processo de desmotivação. Por um lado, porque insistem em manter-se fiéis a matrizes pedagógicas e de repertório bastante antigas, e, por outro lado, porque ignoram

⁵ Ao contrário do que acontece, por exemplo, com os instrumentos de Orquestra em que a expectativa já é precisamente a de executar repertório de carácter mais erudito.

⁶ Os próprios alunos englobados neste projeto admitem esta ideia, segundo as respostas aos questionários, recolhidas e analisadas no final desta investigação.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

novas estratégias no ensino do instrumento, continuando a focar-se única e exclusivamente na pauta. É evidente que não se pode generalizar esta ideia, pois começam a aparecer novos professores, novas pedagogias e novos métodos de ensino. As razões para isto acontecer são várias, mas prender-se-ão com a falta de recursos pedagógicos que muitos professores terão para explorar alternativas de ensino, visto que foram preparados para educar musicalmente focando essencialmente três pontos: Leitura Musical, Desenvolvimento Técnico e Preparação Performativa. No entanto, a música será muito mais do que isto. Veja-se, mais uma vez, o que dizem alguns autores acerca desta questão. Bowman (2002) afirma que “é possível fazer música sem educar musicalmente”. Esta ideia é muito importante pois vem desmistificar o foco intensivo na técnica, na performance ou na leitura. Ao invés disso, sugere-se a exploração de áreas como a criatividade, a improvisação, a composição ou o desenvolvimento do ouvido musical. Estas abordagens mais abertas, para além de irem (mais) ao encontro da própria musicalidade de cada aluno – e conseqüentemente das suas expectativas – acabam por dar uma liberdade interpretativa e musical, que pode ajudar a incrementar a sua motivação, ao invés do estudo musical focado na pauta e na técnica, que, como já foi referido, acarreta o estudo e a execução de um repertório muito específico e que, dada a já referidas exigências intelectual e física, acaba, muitas vezes, por levar à desmotivação. Apesar de existirem, cada vez mais, novas abordagens e novas pesquisas, até há pouco tempo o foco era quase única e exclusivamente nos pontos referidos, o que levou autores como Hallam (1998) a constatar que “existem mais estudos e investigações sobre o desenvolvimento e aquisição de competências técnicas e performativas do que sobre o desenvolvimento de competências expressivas ou criativas”.

Mas então:

“Não poderia a música ser ensinada como uma disciplina que simultaneamente liberta energias criadoras e educa a mente para a percepção e análise das próprias criações?”. (Schaffer, 1975).

Para tal é necessário que as aulas de música tenham espaço e tempo para a criação bem como para a improvisação: o professor não deve ser visto como um

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

suprassumo que detém todas as respostas, mas sim alguém que sabe e deve orientar o trabalho do aluno dentro daquilo que o próprio expeta enquanto aprendiz de música. Sugere-se então uma abordagem pedagógica em que o Professor passa a ser um agente cada vez mais passivo, mas não menos importante, dando ao aluno a primazia de se autodesenvolver musicalmente: “numa aula programada para a criação, o professor deve planificar a sua própria extinção” (IBIDEM). Ainda que esta visão seja num sentido metafórico, não deixa de ser bastante real, pois cada vez mais se vai sentido, principalmente nos níveis académicos mais avançados, em que o professor é um orientador e que cabe ao aluno encontrar o seu caminho musical quer na escolha do seu repertório quer, principalmente, na execução deste. Será, por isso, fundamental que os professores comecem a dar liberdade interpretativa aos alunos, mesmo dentro de repertório erudito, funcionando mais como orientadores musicais, com sugestões técnicas e interpretativas, do que propriamente em tornar-se “impositores de interpretação”. (IBIDEM)

Vários fatores para a desmotivação têm vindo a ser apontados ao longo deste capítulo, mas o próximo será o que merece maior destaque, pois enquadra-se diretamente na temática deste projeto. A motivação associada à definição autónoma ou orientada de repertório. Atente-se nos dois excertos seguintes, que definem precisamente esta questão da motivação, catalogando-a em dois tipos: intrínseca e extrínseca. Ao nível da motivação intrínseca considera-se:

“(...) o aluno cujo envolvimento e manutenção na atividade acontece pela tarefa em si, porque é interessante e geradora de satisfação, alunos com esse tipo de motivação trabalham nas atividades, pois consideram-nas agradáveis”. (Siqueira & Wechsler, 2006, p. 22).

Será precisamente com esta vontade de envolvimento com o instrumento que muitas crianças ingressam e estudam no EAE. Porque tocar um instrumento é algo que gera satisfação. Mas então porque será que, ao fim de algum tempo surgem sinais de desmotivação? Uma das possíveis causas pode relacionar-se precisamente com a ideia que estes autores defendem, ao indicarem que uma criança trabalha melhor nas coisas que lhe são agradáveis. E aqui o repertório volta a ganhar destaque. No seguimento desta visão, questiona-se até que ponto não será mais motivador para o aluno tocar repertório que lhe diz algo ao invés de repertório que

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

pouco ou nada lhe diz, que provavelmente desconhece. Começar a focar e trabalhar esta questão, pode ser um passo importante para a resolução de alguns conflitos resultantes de alguma desmotivação intrínseca, por parte dos alunos.

Já relativamente ao aluno extrinsecamente motivado considera-se aquele que:

“(...) desempenha uma atividade ou tarefa interessado em recompensas externas ou sociais, um aluno com este tipo de motivação está mais interessado na opinião do outro (...) reconhecimento externo, receber elogios ou apenas evitar uma punição”. (IBIDEM)

Mais uma vez o tipo de repertório a abordar pode ganhar uma ênfase importante para a motivação do aluno. Se o mesmo tocar músicas que sejam do agrado e que vão ao encontro dos gostos dos seus pares ou das pessoas que lhe são próximas, mais depressa o próprio aluno se sentirá motivado a estudar e a trabalhar essas mesmas músicas, essas mesmas peças. Por outro lado, se o repertório abordado for desconhecido do seu grupo de pares, ou seio familiar, podendo mesmo ser pouco apreciado pelos mesmos, o aluno poderá encontrar um fator de desmotivação pois não está a obter as referidas “recompensas externas ou sociais”.

É evidente que existem outros factores, como a idade, a maturidade, o contexto social e cultural, entre muitos outros que poderiam ser enumerados. Mas sendo o foco desta investigação a motivação associada à escolha de repertório, não deixa de ser curioso verificar como autores que se debruçaram sobre esta temática vêm precisamente ao encontro daquilo que muitos alunos sentem ao longo do seu percurso académico e musical no EAE. Seguidamente apresentam-se duas teorias muito interessantes e bastante pertinentes acerca desta questão da motivação.

Em primeiro lugar apresenta-se a teoria de Flow aplicada ao Ensino da Música e a forma como também se enquadra perfeitamente na temática deste projeto. A teoria de *Flow*, do autor Csikszentmihalyi (1990) baseia-se num estado mental de foco e concentração sobre uma determinada atividade, tornando-a mais espontânea e fácil de ser finalizada. Esta teoria procura perceber quais são os objetos, as raízes da felicidade no quotidiano e na experiência comum, no sentido de dar valor e significado à vida de um indivíduo (Csikszentmihalyi,1990). Segundo o autor podem ser identificadas sete condições que um indivíduo experiencia quando

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

se encontra no estado de *Flow*: uma completa envolvimento na atividade, um sentido de êxtase estando fora da realidade quotidiana, saber que a atividade é realizável e está adequada às competências do indivíduo, um sentido de serenidade sem preocupações de si mesmo, intemporalidade, onde o indivíduo está focado no presente e as horas passam sem que o indivíduo se aperceba, e por fim, a motivação intrínseca, que é inerente à experiência de *Flow*. Como o próprio autor explica:

“Vimos como as pessoas descrevem as características comuns da experiência: uma sensação de que as qualidades de alguém são adequadas para lidar com os desafios, num sistema de ação dirigido por metas e com regras que fornece pistas claras sobre quão bem uma pessoa está desempenhando uma determinada atividade. A concentração é tão intensa que não há atenção que sobre para pensar em qualquer coisa irrelevante, ou preocupar-se com problemas. A autoconsciência desaparece e o sentido do tempo fica distorcido. Uma atividade que produz tais experiências é tão gratificante que as pessoas estão dispostas a fazê-lo para seu próprio bem, pouco preocupadas com o que podem ganhar com isso, mesmo quando é difícil, ou perigoso”.
(Csikszentmihalyi, 1990 p. 71)

Este excerto demonstra muito bem aquilo que, enquanto músicos, se deve procurar sentir quando se dedica tempo à aprendizagem e execução de um instrumento musical. Será por isso fundamental procurar que os alunos sintam e atinjam esse estado de *Flow* no âmbito do EAE, fazendo com que a experiência de aprender e tocar um instrumento seja positiva e motivante. Para que tal aconteça é preciso que inúmeros factores estejam em sintonia. Assim sendo, será fulcral que exista, cada vez mais, uma consciencialização por parte de todos os agentes, de que manter os alunos bem motivados é algo crucial para o sucesso de todos. Mas então como se pode manter constantemente um aluno no estado de *Flow*? Para que se perceba melhor este estado apresenta-se um pequeno resumo de como esta teoria pode ser entendida no mundo da música, com auxílio de um diagrama (retirado do próprio autor):

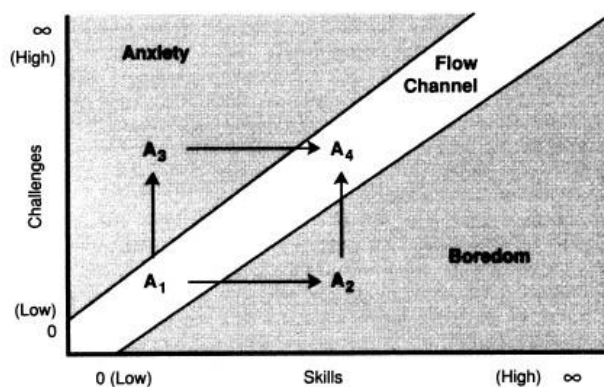


Figura 1 - Diagrama do estado de Flow (retirado de Csikszentmihalyi, 1990)

Existem 4 estados que o aluno pode experienciar dentro desta teoria. Duas mais positivas e duas mais negativas. A primeira fase (A1) é comum a todo o aluno que inicia o estudo do instrumento. Uma fase em que o aluno pouco ou nada sabe e tem pela frente inúmeros desafios no sentido de evoluir. Se o trabalho for bem feito, isto é, se o aluno se sentir motivado, se gostar do que está a aprender e do que está a tocar, se as dificuldades técnicas (e físicas) iniciais souberem ser trabalhadas, o aluno pode evoluir para o estado de *Flow* (A4), em que existe um perfeito equilíbrio entre os desafios e as qualidades do aluno. Factores como a predisposição técnica, a escolha adequada de repertório, a consciência que o aluno tem dos próprios desafios a que se propõe entre muitos outros factores, podem fazer com que se passe do estado A1 para o estado A4. No entanto este é o cenário idealizado como perfeito. A realidade é que muitas vezes este caminho não é percorrido e os alunos acabam por confluir para um dos dois estados menos positivos (A2 e A3). E isto acontece quando existe, por exemplo, um aluno que não está preparado técnica ou musicalmente para os desafios que lhe são propostos o que acaba por lhe criar um estado de ansiedade que o pode fazer ter receio de tocar ou de evoluir levando, obviamente, à desmotivação. Neste caso o aluno encontra-se no ponto A3. Exemplos desta situação ocorrem quando os alunos começam a negligenciar o estudo regular do instrumento, não incrementando assim as suas qualidades técnicas e não conseguindo acompanhar a exigência do repertório. Isto pode acontecer por motivos intrinsecamente ligados à música, mas não propriamente ao instrumento – o caso da resistência à leitura musical normalmente é um factor que contribuí para este

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

estado, assim como, no caso da guitarra, certas técnicas que são musical e mesmo fisicamente exigentes, como o caso das barras. Pode também dar-se o caso de o aluno convergir com o ponto A2, onde passa a sentir um estado de tédio ou aborrecimento com a aprendizagem do instrumento. E isto acontece também por diversos factores. Um deles será o facto de não gostar do repertório que se está a executar, e esta questão tende a ocorrer com bastante frequência. Pode também dar-se o caso, menos frequente, de o repertório que o aluno esteja a executar não se coadunar com as suas competências técnicas e musicais já adquiridas, estando o aluno à espera de desafios mais elevados. Esta situação sucede quando existem alunos que já tocam bem e cujo repertório é de um grau de exigência inferior ao grau em que se encontra. Aqui surge então uma dicotomia de ideias – ou o aluno avança de grau, mas assim pode estar a queimar etapas fundamentais do seu desenvolvimento musical e técnico, ou o aluno toca repertório mais exigente para o grau em que se encontra, o que também pode ser perigoso pois o aluno deve ser avaliado pela qualidade do que executa, independentemente do grau em que se encontra. Isto é, não é expectável de todo que o aluno de 3º grau, por exemplo, e por muito bom que seja, consiga executar repertório de graus complementares com a mesma qualidade que os alunos destes mesmos graus, porque para que tal aconteça é sempre necessário existir um factor absolutamente fundamental. O amadurecimento musical, e esse só se adquire com a experiência, fruto de muito tempo dedicado ao estudo e de um caminho que passa, obrigatoriamente por vários patamares de exigência técnica e musical. Certamente que existirão exceções e até mesmo opiniões contrastantes relativamente a esta ideia, daí a referência ao facto de se estar perante uma dicotomia. No entanto é uma realidade que existe e que pode levar certos alunos à desmotivação. Mas voltando ao foco deste tema, e já em jeito de conclusão, será fácil inferir que cada um dos pontos assinalados da teoria de *Flow* tem uma ou várias razões para acontecer, e que o professor pode e deve ser o principalmente agente de ajuda na procura do caminho de cada aluno. É, por isso absolutamente fulcral que, cada vez mais, os professores ganhem consciência da importância de manter os seus alunos motivados da melhor maneira possível. É evidente que não é expectável que os alunos estejam no ponto de *Flow* durante toda

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

a sua formação, mas expeta-se que os professores os ajudem sempre a encontrar o caminho para esse ponto. Para finalizar atente-se nas palavras do próprio autor que resumem aquilo que aqui se defende:

“É essa característica dinâmica que explica por que as atividades de Flow levam ao crescimento e à descoberta. Não se pode gostar de fazer a mesma coisa no mesmo nível para sempre. Ficamos entediados ou frustrados; e então o desejo de nos divertir novamente leva-nos a aumentar as nossas habilidades ou a descobrir novas oportunidades para usá-las”. (Csikszentmihalyi 1990, p.73)

Mas afinal, porque é que uns alunos estudam tanto e outros não? Atente-se nas palavras de Dweck (1986), que assinala dois tipos de alunos que, cada vez mais, se vão encontrando no âmbito do EAE. Dweck utiliza a teoria da inteligência para descrever o tipo de aluno, sendo que identifica dois tipos: inteligência individual e inteligência incremental. A primeira é mais fixa e prende-se com objetivos de realização como obter reforços positivos ou evitar os reforços negativos. Se a sua confiança em si e nas suas capacidades for alta, ter-se-á um aluno que o autor define como *Mastery-Oriented*, o aluno persistente, de estudo regular e intenso e que procura desafios cada vez mais complexos. No entanto se a confiança do aluno for baixa, então existirá um aluno que vai evitar desafios e cuja persistência no estudo do instrumento será muito baixa. A estes alunos Dweck apelida de *Helpless*. Já no enquadramento da teoria incremental, cuja inteligência se pressupõe mais maleável, o aluno procura objetivos de aprendizagem, ou seja, pretende aumentar a sua competência. Neste contexto não deixa de ser curioso verificar que, independentemente da confiança nas suas qualidades, o aluno será sempre *Mastery-Oriented*, pois procurará constantemente desafios que promovam a aprendizagem, e será, ao mesmo tempo persistente. Por tudo isto, a autonomia na escolha de repertório, que leva automaticamente o aluno a tocar repertório de que gosta e sobre o qual quer trabalhar, faz com que este seja *Mastery-Oriented*. Por outro lado, uma passividade na escolha das peças a estudar e a tocar, em que o aluno não tem uma voz ativa na definição do seu próprio repertório, pode fazer com que se corra o risco de o mesmo abordar músicas de que não gosta ou que não lhe dizem muito ao nível musical, tornando-o um aluno *Helpless*.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

1.9 – O Professor enquanto agente importante na motivação do aluno

“São os professores que, em muito boa medida, podem ou não fazer com que a escola fique do lado doce das nossas memórias”.
(Fernandes 2008)

Esta afirmação terá tanto de belo como de verdadeiro. Ainda que seja sempre arriscado o recurso a generalizações, qualquer pessoa reconhecerá a importância que um professor tem no desempenho académico de um aluno. Para o bem e para o mal. E no contexto do ensino da música esta situação ganha enorme relevo. Já se percebeu, da leitura dos parágrafos anteriores, que muitos alunos seguem determinado ramo da música unicamente pela vontade de trabalhar com determinado docente. Porém, o contrário também acontece, isto é, assiste-se a inúmeros casos de desistência letiva por existirem incompatibilidades entre professor e aluno, especialmente no que toca à motivação. Hallam (2006) refere precisamente esta questão ao indicar que o professor deve ter a capacidade de facilitar as aprendizagens do aluno, apoiando-o nas questões que conseguir, desde as mais simples às mais complexas. Para que isto tenha sucesso, o aluno deve estar motivado. É então aqui que o papel do professor ganha enorme destaque, na sua capacidade de criar caminhos, formas, atividades, estratégias que motivem o aluno. Nos dias que correm esta questão é cada vez mais proeminente pois o cada vez mais fácil e rápido acesso à informação faz com que diariamente os docentes tenham que estar atualizados. Atente-se novamente no exemplo do EAE. Até há pouco tempo, cerca de uma a duas décadas, o acesso a material musical era bem mais limitado do que é hoje. Por exemplo, uma partitura era um recurso nem sempre fácil de adquirir, que pressupunha, muitas vezes, a compra de manuais ou portefólios de partituras. Hoje em dia qualquer pesquisa rápida na internet nos permite ter acesso a um leque vastíssimo de pautas. O mesmo sucede com os registos audiovisuais. Se até há pouco tempo eram raros e/ou, em muitos casos, de difícil acesso, hoje em dia (quase) qualquer peça tem várias interpretações gravadas e disponibilizadas online – cuja qualidade musical muitas vezes pode ser discutida, mas isso daria outra temática

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

que não se pretende abordar neste trabalho – o que muda o paradigma de muitos fatores, desde logo do papel do professor enquanto alguém que ajuda o aluno a aprender determinada obra, mediante o seu ponto de vista de abordagem e execução da mesma. Aliás, pode mesmo aprofundar-se esta ideia. Existem workshops e até mesmo professores dispostos a ensinar via internet imensas obras dos mais variados estilos e autores, com diferentes abordagens às mesmas. Muitos deles sem custos. O que nos leva para a questão inicial desta reflexão teórica. Justifica-se manter o EAE agarrado a velhas matrizes pedagógicas e de repertório, ou deve este procurar atualizar-se? Note-se que não se pretende fazer uma generalização pois há casos e casos e, felizmente, como de resto já foi referido, existem, cada vez mais, novas e modernas abordagens. E é por isso que para o atual professor (de música e não só) a exigência aumenta diariamente. Com tanta informação ao alcance dos alunos, sem limite e, acima de tudo, sem filtros, caberá a este funcionar como um mediador capaz de levar o aluno a escolher não o caminho certo, mas sim um dos caminhos certos. Portanto o professor não pode ser um “elemento cego” e unilateral, mas sim alguém aberto a outras perspetivas. É evidente que isto acarreta mais dificuldades na abordagem pedagógica e é por isso que a sua função é cada vez mais exigente a todos os níveis (Bowen & Hobson, 1987, p. 8-9). Hallam (2006) sugere que os bons professores são caracterizados por:

- Elevados níveis de conhecimento da matéria - Ao nível da música é redundante explicar esta questão pois o professor deverá ser a maior e mais acessível referência para o aluno na capacidade de ajudar a interpretar uma peça e resolver os consequentes problemas técnicos e musicais.

- Qualidades pessoais (confiança, consciência, interesse, imaginação, estabilidade emocional, energia, entusiasmo, otimismo, independência) – a capacidade de criar uma aula dinâmica, atrativa, bem-humorada e com um espírito de trabalho positivo, partem essencialmente das qualidades inerentes à pessoa que é o professor.

- Capacidade de relacionamento com os outros – Este é um dos factores mais importantes que leva o aluno a ter vontade de trabalhar com o seu professor. Tão ou mais importante que as próprias competências técnicas do mesmo.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

- Controlo social (gestão de sala de aula, autoridade, firmeza, paciência, flexibilidade, persistência e liderança) – Ainda que atrás se tenha referido a questão do livre e fácil acesso à informação (musical neste caso) por parte dos alunos, não quer dizer que o professor (de música) não deva ser fiel a muitos dos seus princípios, às suas bases pedagógicas. Por isso deve impor, sempre que necessário o seu ponto de vista, a sua abordagem o seu toque artístico.

É evidente que o contexto social e cultural do aluno também influencia a sua própria aprendizagem. Tapia e Fita (2001) consideram que existem diversos fatores inerentes à criança que podem influenciar a sua motivação. Um deles, e talvez o mais relevante, tem que ver com as próprias vivências pessoais, visto que cada aluno tem um contexto social próprio que se reflete na sua forma de estar e, conseqüentemente, na sua motivação e interesse pela aprendizagem. Isto leva a que, muitas vezes, o professor tenha que procurar estratégias e planos de aula alternativos de modo a ir ao encontro das expectativas e necessidades do aluno, e assim assegurar um melhor comprometimento deste com a sua própria aprendizagem (Tapia e Fita, 2001).

Perante todas estas questões é fulcral que o professor se saiba moldar aos seus alunos (e vice-versa) e entender que cada caso é um caso e que uma estratégia pedagógica única e iniqua para toda a sua classe, pode ser prejudicial no que à motivação dos alunos diz respeito. Por outro lado, deve saber transmitir os seus conhecimentos e, igualmente importante, os seus pontos de vistas relativamente aos conceitos que aborda. Focando novamente o ensino da música e no sentido de transpor estas generalizações para este contexto específico, leia-se o que dizem diversos autores:

“(...) os professores de música ocupam um importante lugar na vida dos alunos, podendo proporcionar-lhes, dentro e fora da escola, experiências musicais enriquecedoras (...)”. Pereira (2011)

Há autores que vão mesmo mais longe ao assumirem que uma relação de amizade entre docente e discente pode ajudar a incrementar várias competências, entre elas a motivação. Já o inverso, ou seja, uma relação conflituosa, fará com que a motivação decresça exponencialmente (Lisboa e Koller, 2004, p. 201-224). Os mesmos autores defendem que a própria motivação do professor é importante e que este deve estar focado com a escola, o seu projeto educativo, o contexto em que esta se insere, de

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

modo que ele próprio se sinta motivado para motivar. Nos casos em que os próprios professores não estão bem perante as funções que desempenham, seja em que circunstância for, os próprios alunos irão sofrer as consequências, mais uma vez, ao nível motivacional, entre outros (IBIDEM). Por fim, importa ainda referir que é comum dentro do mundo da música que professores e alunos partilhem informações profissionais e pessoais, isto é, que o professor, por exemplo, tenha facilidade em conhecer o contexto social ou familiar de cada aluno, ou mesmo até desenvolverem relações de amizade fora da escola. Por isso o professor deve usar essa informação em prol da sua atividade letiva no sentido de cativar e motivar os seus alunos. Esta ideia é precisamente reforçada na seguinte transcrição:

“É através do modo de ensinar que cabe atender às peculiaridades de cada situação educativa; é através do modo de ensinar que podemos selecionar e organizar conteúdos de acordo com a capacidade cognitiva e os interesses de nossos alunos”. (Penna, 2012, p.13-24).

Há ainda um factor importante de abordar e que é muito característico do mundo do ensino formal da música. Como se sabe durante os oito graus (anos) em que o aluno frequenta o EAE, as aulas de instrumento serão na sua larga maioria individuais ou em duo, o que faz com que o contacto com o(s) professor(es) de instrumento seja muito próximo. E aqui surge um conceito muito interessante e que já foi inclusive estudado. Se nos primeiros anos de formação as crianças se focam mais nas competências sociais do professor, só na fase mais avançada da sua formação começam a apreciar mais a qualidade musical do mesmo. E pegando novamente num dos três objetivos que historicamente são focados pelos professores do EAE, a performance musical, as capacidades musicais do professor tornam-se muito relevantes para motivar os alunos de níveis mais avançados, assim como para desenvolver a sua capacidade de resolução dos problemas técnicos e musicais encontrados, para a posterior apresentação em público (performance). No fundo, o aluno de grau mais avançado, e que normalmente coincide também já com uma fase de maior maturação por parte do mesmo, apoia-se mais nas competências profissionais do professor do que o aluno que está a iniciar a sua aprendizagem musical (Pinto, 2004, p. 33-44).

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

É por tudo isto que se pode afirmar que o futuro irá trazer cada vez mais desafios aos professores. Este mundo em constante mudança, em que a informação ocorre instantânea e infinitamente, em que o conhecimento aumenta exponencialmente a cada momento, faz com que aluno e professor tenham que se revezar e reinventar, pois o aluno de hoje não é o mesmo de amanhã e o mesmo se aplica ao(s) professor(s) e ao(s) seu(s) método(s) pedagógico(s), bem como à motivação de ambos em continuar a trabalhar nas respetivas áreas em que se enquadram. Neste caso concreto, o Ensino da Música. Por tudo isto, o ensino só fará sentido se interferir na aprendizagem, sendo imprescindível conhecer como o professor ensina e perceber como o aluno aprende. E é desta conjunção que nasce o processo educativo que levará o aluno a aprender, a pensar, a sentir e a agir. Não há aprendizagem sem motivação. Para isso urge que se obtenha um conhecimento atualizado do perfil do aluno, algo que se torna vital para manter uma educação de rigor e sucesso:

“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideal”. Cury (2003)

Termina-se este capítulo com uma longa transcrição, mas que é muito curiosa quer de ler quer de refletir e que, no fundo aborda várias das problemáticas que aqui têm vindo a ser desenvolvidas:

“Para ser professor em Portugal, das três uma: ou se é “puro”, ou se é “poeta”, ou se é “pendura”. Dos últimos não rezará a História. Vendedores de aulas a saldo, mercantilistas da ignorância, não arriscam o sono, nem qualquer investimento pessoal. Seguem os manuais que nunca leram e saltam as matérias que não entendem (...). (...) Não são “puros” nem “poetas” e muito menos professores. Penduram-se no elétrico do ensino à espera do próximo emprego. Dos “puros” talvez já reze a História... Cordas vocais desgastas pelo tempo, cumpridores e dedicados, carregam aos ombros a responsabilidade de ensinar. (...) Reconfortada a consciência nos parâmetros do dever, não reivindicam, não reclamam, não se insinuam. São professores, sempre o foram, sempre ensinaram, antes com sucesso, agora com insucesso. Nem mesmo assim se questionam. Para quê? A reforma já não tarda e a casa fica tão perto.... Dos “poetas”, desses sim, rezará a História. São tão ingênuos como os outros, tão mal pagos como os outros, tão assíduos como os outros, mas tão loucos como os outros não são. É essa a sua principal virtude. Vingam-se da própria condição e do próprio estatuto, transformando o ato de ensinar num sabor de gelado no Verão ou de chocolate quente no Inverno. Apaixonam-se pelas coisas, emocionam-se com as pessoas, reivindicam dos poderes divinos, para, logo a seguir, esquecerem as guerras porque se tornam incómodas. A aula é um gosto por si só, com matéria estabelecida ou sem ela, e ser professor é uma interação de linguagens. Vibram com o entusiasmo e provocam-no. São líderes nas viagens que proporcionam através do imaginário e param em todas as estações do

insólito e do divertido. E durante todos os momentos se processa o ensino / aprendizagem, na sua maior dimensão. Estes são os verdadeiros professores aqueles que os alunos não esquecem e que conquistam quase sempre um lugar nas páginas dos seus diários. Extravagam a escola e permanecem na memória, porque têm a coragem de incentivar o ato de viver. Não precisam de estátuas nem de monumentos. Tornam-se personagens de ficção e contrariam as leis da psicologia humana (...)". Balancho e Manso (1996)

1.10 – A Escolha de Repertório como Factor Motivador

Eis que, finalmente, se entra na parte mais relevante desta fundamentação teórica, no sentido em que efetivamente se mergulha numa das principais questões que este trabalho pretende abordar, como de resto o próprio título indica. A importância da escolha de repertório quer de forma autónoma, quer de forma orientada, quer de forma imposta, como forma de motivar os alunos. Já se percebeu, da leitura dos capítulos anteriores, que a motivação é um factor chave para o desempenho do aluno de Música, veja-se agora até que ponto pode ou não a definição de um repertório ao gosto do aluno, quer por livre escolha do mesmo, quer por sugestão ou mesmo imposição do professor, influenciar ou não a motivação para o estudo das peças inerentes às escolhas tomadas.

Existe uma dicotomia de ideias relativamente a esta questão da escolha de repertório. Se por um lado se podem encontrar professores que consideram fundamental serem estes a definir o repertório do aluno, outros acreditam que conceder esta escolha aos alunos será um factor de motivação, pois assim estar-se-á a contribuir para autorrealização do aluno, no sentido em que este poderá escolher peças que vão ao encontro das suas expectativas. (Lehmann et al., 2007 citado por Coutts, 2018, p.7). É evidente que esta última opção requer um trabalho em conjunto contínuo entre aluno e professor, pois - salvo algumas exceções enquadradas nos últimos graus do EAE, ou em que o aluno, seja por que motivo for, é alguém já com mais idade e, conseqüentemente com outro grau de maturação (exemplo dos alunos que, numa fase mais avançada da sua vida decidem auto propor-se a exame de fim de curso, ou mesmo ingressar no EAE como alunos externos) – não é expectável que o aluno tenha o grau de maturação suficiente nem tão pouco a bagagem de

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

conhecimentos musicais e de repertório necessária à total independência na definição de repertório. Então como pode o aluno que não tem ainda a capacidade para ser autossuficiente na escolha das peças que vai estudar ter um papel ativo na escolha das mesmas? A resposta é dada por autores como Coutts, que sugere que o professor dedique tempo ao repertório durante a aula, ao invés de chegar já com ideias de obras já preconcebidas sem ter em conta o contexto do aluno. De resto, nas palavras do próprio, dedicar tempo na definição do repertório durante a aula, não será uma perda de tempo⁷, antes pelo contrário. (Coutts, 2018, p.9). O mesmo autor correlaciona esta ideia com as ideias expostas no capítulo anterior e que são afetas à questão de o professor dar primazia ao relacionamento interpessoal com o aluno, tendo em conta o contexto em que o próprio se insere e, acima de tudo, indo ao encontro das suas expectativas relativamente ao instrumento musical tendo que, para tal, adaptar também a sua abordagem pedagógica. (Coutts, 2018, p.11). Neste sentido, Schneider e Wolffenbüttel (2015), referem que o repertório se torna mais atrativo ao estudo quando vai ao encontro dos desejos dos alunos e das necessidades e/ou dificuldades técnicas identificadas pelo professor, levando assim para dentro da sala de aula, peças com significado intrínseco para o aluno. Repare-se como este ponto de vista é fundamental, dir-se-á que será mesmo o grande ponto de partida para a realização desta investigação. O encontrar, o criar, o adaptar repertório que seja atrativo para o aluno, que seja do gosto deste, se possível que seja escolhido por este, mas que ao mesmo tempo seja adaptado, seja preparado para o ajudar a suprir as dificuldades técnicas identificadas. Esta questão é fundamental pois irá incrementar a motivação do aluno. É evidente que isto traz novos e grandes desafios aos professores. De resto, outros autores defendem precisamente esta ideia. Winston (2003) considera que, dado que a motivação é um elemento-chave na aprendizagem de um instrumento musical, será um enorme desafio para o professor lidar com a imensa quantidade de repertório disponível e

⁷ Felizmente esta prática tem vindo a ganhar cada vez mais professores que se preocupam em dar a conhecer aos seus alunos o repertório disponível dentro de cada contexto, quer através da execução das obras (ou parte delas) por parte dos professores quer através do recurso ao material audiovisual hoje cada vez mais acessível e com qualidade.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

com a necessidade de motivar os alunos por meio da seleção desse mesmo repertório (Winston, 2003, cit. por Daniel e Bowden, 2013, p.246). Ainda neste sentido, e como ponte entre o capítulo anterior acerca da motivação e a forma como esta se reflete na escolha de repertório, atente-se na seguinte ideia que defende que quando o aluno está interessado numa determinada atividade e se sente livre para decidir se quer ou não realizá-la, é mais fácil que este se concentre e aproveite a sua aprendizagem (Renwick e McPherson, 2002, p.173). Isto porque, e já como refere outro autor, se os alunos estiverem interessados numa situação de aprendizagem, eles demonstram mais atenção, maior concentração, aumento do funcionamento cognitivo, persistência e envolvimento emocional (Hidi, 2000, cit. por Renwick e McPherson, 2002, p.174).

Também na sequência destas ideias e repescando o conceito da motivação intrínseca aplicado à definição de repertório, há autores que afirmam mesmo que este tipo de motivação se reflete quando o aluno afirma: “Gosto do que estou a aprender nesta aula”; “Acho que o que estamos a aprender nesta aula é interessante” (Pintrich & De Groot, 1990, cit. por Renwick e McPherson, 2002, p.174). Repare-se como é interessante e inato correlacionar estas afirmações com a escolha de repertório por parte do aluno. Se este puder escolher aquilo que vai tocar, e na sequência da ideia defendida por estes autores, estará mais motivada a trabalhar sobre as suas próprias escolhas. Cordova & Lepper (1996) consideram mesmo que fornecer opções aos alunos terá uma forte relação com os resultados positivos da aprendizagem. Por sua vez, a oferta de um leque de opções representa um aumento na motivação intrínseca, nos níveis de aprendizagem e na competência assimilada (Cordova & Lepper, 1996, cit. por Renwick e McPherson, 2002, p.175). Desta breve, mas pertinente, revisão literária, facilmente se conclui que será maior o envolvimento por parte dos alunos e, conseqüentemente, a sua motivação se estes forem voz ativa na escolha do seu próprio repertório (Daniel e Bowden, 2013, p.251), visto que este desempenha um forte impacto no envolvimento do aluno com o seu próprio estudo (IBIDEM, p.258). De acordo com uma pesquisa orientada por estes mesmos autores, alguns professores deram a conhecer a frequência com que permitiam que os seus alunos escolhessem o próprio repertório a ser estudado e de

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

que forma costumavam fazê-lo. A maioria permitia que, por vezes, os alunos escolhessem uma peça, mas uma outra parte nunca dava essa liberdade de escolha. Relativamente ao modo como o faziam surgiram comentários como estes: “Escolho várias peças e eles selecionam entre elas”; “Escolho algumas peças que considero apropriadas para o aluno em particular”; “Normalmente dou-lhes uma lista de cerca de 20 peças das quais eles devem escolher duas”; “Normalmente escolho um estilo para eles aprenderem e, em seguida, toco três peças para eles escolherem” (Daniel e Bowden, 2013, p.251). Estes vários dados confirmam o fato de que o professor (de piano neste caso concreto) normalmente desempenha o papel principal na seleção de repertório para os alunos, o que não descarta a importância do envolvimento dos alunos no material escolhido (Daniel e Bowden, 2013, p.253).

No entanto, e apesar de todas estas vantagens aqui documentadas ao nível da autodeterminação na escolha de um repertório ao gosto dos alunos, continua a caber ao professor, na maioria dos casos, a escolha da maior parte do repertório interpretado por seus alunos, focando um modelo unilateral, dirigido apenas pelo professor, onde o foco principal de atenção, para além das questões técnicas e performativas inerentes, é “aprender as notas” (Reid, 2001, cit. por Renwick e McPherson, 2002, p.185).

Será, portanto, mais importante relacionar a escolha de repertório com os benefícios que os alunos irão atingir, ao invés de focar unicamente as habilidades musicais performativas com que se costuma avaliar a aprendizagem dos alunos (Coutts, 2018, p.12). Ao dar primazia ao repertório escolhido pelos alunos, o uso de estratégias cognitivas e metacognitivas, bem como o próprio método de trabalho, refletido numa pedagogia moldável por parte do professor, aumenta os índices de aprendizagem tornando-a mais eficaz. É por isso bastante provável que estudantes realizados musicalmente, encontrem um equilíbrio entre as peças de que gostam quer de tocar quer de estudar e que as satisfaçam pessoalmente, e o repertório que os seus professores definem ou sugerem de maneira a aprimorar as suas habilidades técnicas e musicais. Nesse sentido, será fundamental encontrar o equilíbrio certo entre a liberdade e a disciplina na definição do repertório e na prática do seu estudo (Renwick e McPherson, 2002, p.185).

II – ENQUADRAMENTO DA REALIDADE DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

2.1 - Caracterização do Polo de Estágio

A Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra⁸, tem vindo a afirmar-se como uma escola de referência no que respeita ao ensino artístico em Portugal. De forma a atingir os objetivos a que se propõe, cumpre destacar importância da relação de parceria pedagógica entre a EACMC e a Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores⁹ que, com base numa transversalidade de metas, estratégias e valores comuns, tem resultado numa união, convergência e coesão entre as duas escolas.¹⁰

A EACMC é composta por várias salas especialmente vocacionadas para a educação artística da Música e da Dança. Essas salas estão distribuídas pelo bloco principal: 38 salas de aula e 12 salas de estudo, bem como uma sala de maiores dimensões designada por Pequeno Auditório e um Auditório (pertencente às duas Escolas). Existem também 4 salas destinadas à lecionação das aulas de Dança. O Curso Profissional de Jazz dispõe de várias salas situadas no Piso -1, ocupando, sempre que necessário, outras salas do piso 1 e 2. A EACMC dispõe ainda de dez salas no Bloco B e D onde são lecionadas as disciplinas do Departamento de Ciências Musicais e disciplinas de Classes de Conjunto.

O C.M.C. foi criado pela Portaria n.º 656/85 de 5 de setembro tendo iniciado a atividade letiva em fevereiro de 1986, no edifício da Cerca de S. Bernardo, na Ladeira do Carmo, cedido pela Câmara Municipal de Coimbra. A partir de 1987,

⁸ Doravante designada por EACMC ou simplesmente CMC

⁹ Doravante designada por EBSQF

¹⁰ Parágrafo retirado do Projeto Educativo da EACMC

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

ocupou o edifício da antiga Maternidade, situado na Sé Velha e, na sequência de um protocolo celebrado com a Universidade de Coimbra, estendeu a sua atividade, entre 1996 e 2003, às instalações do Instituto de Coimbra, na Rua da Ilha. De 2003 a 2010, o CMC instalou-se provisoriamente na Escola Secundária Dom Dinis. Em 2007, em resultado da aplicação do disposto no Decreto-Lei n.º 299/2007, de 22 de agosto, o CMC passou a designar-se Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra.

No ano de 2010, coincidindo com a celebração do seu 25.º aniversário, a EACMC instalou-se definitivamente no espaço até então unicamente ocupado pela EBSQF, na Rua Pedro Nunes, em instalações construídas de raiz para a EACMC. A união, no mesmo espaço físico, entre duas Escolas permitiu uma nova realidade educativa resultante da articulação curricular e pedagógica entre ambas as instituições. Esta articulação tem alcançado resultados positivos e enriquecedores no âmbito da convivência, da construção e conjugação de culturas e dinâmicas educativas complementares. Os alunos que frequentam a EACMC são, na grande maioria, do distrito de Coimbra, mas, igualmente, de distritos limítrofes. Com a construção das novas instalações, houve um aumento significativo do número de salas de aula, a que acrescem dois auditórios (o grande auditório com trezentos e oitenta e sete lugares e o pequeno auditório com cerca de cento e trinta lugares). O alargamento da oferta educativa – com o Curso de Dança e o Curso Profissional de Instrumentista de Jazz – bem como, a parceria pedagógica com a EBSQF, aumentaram significativamente a comunidade escolar desta escola artística.

Em setembro de 2015 abriu, na Escola Profissional da Sertã, um polo artístico da EACMC. Devido à dificuldade em frequentar as aulas no CMC, a união de esforços entre o Ministério da Educação e Ciência, a EACMC, a Câmara Municipal da Sertã, as Filarmónicas da zona e a Escola Profissional da Sertã permitiu a abertura do polo artístico da Sertã.

No mesmo sentido, e tendo em consideração a vontade já manifestada pela anterior Direção da EACMC, foram encetadas – no ano letivo transato e no início do presente ano letivo – todas as diligências necessárias para a abertura de um novo polo artístico da EACMC em Arganil.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

A EACMC dinamiza, também, a Orquestra Geração | Sistema Portugal, um projeto de inclusão social que consiste na oferta da aprendizagem da música a crianças e jovens de comunidades com conjunturas sociais e económicas mais desfavorecidas, que nunca tiveram contacto com a prática orquestral. Este projeto visa reforçar a integração das crianças através da prática musical desenvolvendo competências individuais, sociais e escolares, fazendo, atualmente, parte desta orquestra 42 crianças e jovens.

Na EACMC existe ainda uma Associação de Pais e Encarregados de Educação e uma Associação de Estudantes. Estas Associações desempenham papéis fundamentais na Escola em estreita colaboração com o Conselho Geral e com a Direção, quer através de iniciativas, quer participando em atividades promotoras do sucesso e crescimento desta Escola.¹¹

2.2 - Justificação pela escolha do Polo de Estágio

Três principais factores levaram à escolha do CMC como possível escola para a realização desta Prática de Ensino Supervisionada¹².

O primeiro, e mais importante, prende-se com o facto de ter realizado precisamente a minha formação dentro do EAE nesta mesma escola e ter acompanhado a evolução, quer ao nível estrutural quer ao nível educativo, do CMC. Recordo perfeitamente os meus primeiros anos enquanto estudante de Guitarra no antigo edifício da maternidade e, mais tarde, na Escola D. Dinis, sendo que sempre tive vontade de regressar ao CMC agora nas suas melhores e mais modernas instalações. Tive oportunidade de o fazer enquanto músico – gravando e atuando no grande auditório, por sinal, um dos auditórios com melhores condições deste País – e agora enquanto professor estagiário. E foi muito gratificante rever antigos

¹¹ Toda a informação partilhada neste capítulo está disponível, e com mais detalhe, no projeto educativo do CMC que pode ser consultado através da seguinte hiperligação:

<https://conservatoriomcoimbra.pt/wp-content/uploads/2021/01/Projeto-Educativo-2017-2021.pdf>

¹² Doravante designada por PES

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

professores e funcionários ainda em função, bem como antigos colegas que agora são docentes nesta mesma escola. Tudo isto para referir, de resto como que enquadrando na temática de todo este trabalho, que o factor emocional e sentimental foi determinante na opção da PES neste conservatório.

Em segundo lugar, a proximidade geográfica quer do local onde habito, Pombal, quer do local onde realizei este mestrado, Viseu. Coimbra acaba por ficar num local privilegiado para quem tem que fazer este percurso.

O terceiro factor, a vontade de voltar a trabalhar com antigos professores, mas principalmente de conhecer a nova realidade do CMC, enquadrada no Projeto Educativo¹³ atrás referido. Tinha a convicção que no CMC poderia (mais) facilmente pôr em prática o meu projeto, visto já conhecer parte do corpo docente e a forma como, normalmente, os alunos que ingressam nesta escola, encaram o seu percurso musical. Aliado a tudo isto acabei por ter a felicidade de trabalhar com a Professora Marta Costa, cuja abordagem pedagógica eu me identifiquei desde a primeira aula, o que facilitou imenso a concretização da PES.

1.3 – Cursos Ministrados e Regimes de Frequência

O CMC dispõe dos seguintes cursos:

- Curso de iniciação de Música e de Dança, que abrange os alunos de terceiro e quarto do anos do primeiro ciclo em regime supletivo, sem que, para isso, tenham que ter um vínculo à EACMC, pelo que todo e qualquer aluno que termine a iniciação no CMC tem que realizar uma prova de acesso ao primeiro grau do Conservatório.

- Curso Básico de Música e de Dança, destinados aos alunos do 2.º e do 3.º ciclos do Ensino Básico, o que equivale aos 5 primeiros graus do Conservatório. Este curso de Música pode ser frequentado quer em regime articulado (em articulação, apenas,

¹³ Doravante designado por PE

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

com a EBSQF), quer em regime supletivo. A oferta do Curso Básico de Dança funciona apenas em regime articulado.

- Curso Secundário de Música e de Dança, destinado aos alunos do Ensino Secundário e que contempla os últimos três graus complementares de formação do EAE (6º, 7º e 8º graus) sendo que nestes casos os cursos Secundários de Instrumento, Formação Musical e Composição podem ser frequentados em regime articulado ou em regime supletivo. A oferta do Curso Secundário de Dança funciona apenas em regime articulado.

Existe ainda o curso profissional de instrumentista de *Jazz*, que é frequentado por alunos do Ensino Secundário em regime articulado com a EBSQF, sendo um dos percursos do nível secundário de educação. São objetivos deste Curso Profissional dotar o aluno de uma sólida formação teórico-prática e de capacidades técnicas adequadas a uma carreira profissional de sucesso como intérprete e promover o prosseguimento da formação académica do mesmo a um nível superior.

Relativamente aos regimes de frequência, já se percebeu que existem dois tipos, o articulado e o supletivo. A EBSQF é a escola de articulação com a EACMC, partilhando assim alguns espaços físicos. Os alunos enquadrados no regime supletivo frequentam as disciplinas do ensino geral na escola do ensino básico/secundário a que pertencem e as disciplinas do EAE na EACMC.

1.4 - Particularidades do Projeto Educativo

Neste capítulo resumem-se algumas particularidades do (extenso) PE, que melhor se enquadram na ideologia de todo este trabalho. Desde logo o facto de ser objetivo do CMC prestar um serviço educativo à comunidade no sentido de a enriquecer quer a nível musical quer a nível da dança, promovendo o sucesso escolar através destas áreas. Neste sentido é interessante verificar que um dos pontos da missão do PE é precisamente corresponsabilizar professores,

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

funcionários e alunos no sucesso educativo dos discentes. Algo que, de resto, vai ao encontro do que se referiu na fundamentação teórica deste projeto. Para além do mais é bem vincada a preocupação do CMC em abranger públicos quer dentro quer fora da escola, numa espécie de intercâmbio comunitário, promovendo assim uma formação vasta, integral e equilibrada aos alunos, independente das suas escolhas futuras recaírem ou não nos estudos musicais. É também interessante verificar que este PE tem bem definido valores como a autonomia, a responsabilidade, o compromisso, a colaboração, o diálogo, a democraticidade, a solidariedade, a reciprocidade, o respeito e a confiança, valores estes que, da mesma forma, se encontram previstos no que se pretende da relação entre professor-aluno, e sobre a qual também já se dissertou no capítulo da fundamentação teórica. De resto, esta visão é fundamental para a boa implementação de todo este projeto.

Por fim, referir ainda a consciente análise SWOT realizada aquando da elaboração do PE, que permitiu identificar os principais pontos fortes (*Strengths*) e pontos fracos (*Weaknesses*), as principais oportunidades (*Opportunities*) e as possíveis ameaças (*Threats*) em que se enquadra o funcionamento da EACMC. Não será objetivo deste trabalho expor essa mesma análise, que de resto está disponível para consulta *online*¹⁴, mas sim demonstrar a forma aberta como o próprio CMC aborda o seu próprio funcionamento, desde o processo estrutural, ao contexto geográfico, social, económico e cultural até às próprias abordagens pedagógicas, estas sim, fundamentais para o enquadramento da execução de todo este trabalho.

1.5 - Perfil dos alunos englobados na PES e consequentes arranjos musicais compostos para cada um

O grupo de alunos em estudo é uma amostra de 8 alunos da turma da Professora Cooperante de Guitarra, Marta Costa, conforme o horário oficial da PES. A saber:

¹⁴ Igualmente disponível no documento constante na seguinte hiperligação:

<https://conservatoriomcoimbra.pt/wp-content/uploads/2021/01/Projeto-Educativo-2017-2021.pdf>

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

- 1 Aluna de 7º Grau
- 1 Aluna de 6º Grau
- 2 Alunos de 3º Grau
- 2 Alunos de 2º Grau
- 2 Alunos de 1º Grau

Após a assistência das aulas por parte do professor estagiário e do consequente registo do perfil de cada um dos alunos supramencionados, apresenta-se um registo das características pessoais mais relevantes de cada aluno, bem como das facilidades e dificuldades musicais e técnicas assinaladas, fundamentais para a execução da parte prática deste projeto.

De um modo geral este grupo é composto por alunos que gostam de tocar guitarra e que estudam regularmente em casa. Dois factores, na opinião do investigador, contribuem para que tal aconteça. Em primeiro lugar o facto de os alunos terem dois blocos semanais de aulas (de 45 minutos cada), o que facilita e até incentiva à prática do estudo regular, visto que os alunos têm um espaço mais curto entre cada lição, ao invés da grande maioria dos casos onde se verifica intervalos de uma semana entre cada aula, o que faz com que os mesmos tenham que rever com afinco e assiduidade aquilo que foi abordado na aula anterior. Para além disso será mais rentável realizar blocos de 45 minutos do que blocos de 90 minutos, principalmente nos graus iniciais onde os níveis de concentração ao longo do tempo são, normalmente, mais curtos. O outro factor é a forma como a professora cooperante aborda cada aula. Sempre de uma forma positiva e como uma pedagogia muito aberta. Mesmo quando se verifica que um aluno, por algum motivo, não praticou tão regularmente nessa semana, a professora sabe motivá-lo recorrendo frequentemente ao reforço positivo ao invés do reforço negativo. A boa relação que mantém com os alunos – de resto enquadrada no tipo de pedagogia positiva identificada na parte da fundamentação teórica – leva a uma relação de reciprocidade muito interessante onde se nota claramente que os alunos gostam de aprender e de tocar e a professora gosta de lecionar e de os ajudar. Isto cria um ciclo

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

de motivação que favorece muito a evolução dos alunos. Para além disso, e mais importante para este projeto, é notória a liberdade que a professora concede aos seus alunos na escolha e definição de repertório, quer deixando que estes escolham as peças que queiram tocar, isto nos graus mais avançados e em que os alunos já têm algum conhecimento do repertório erudito, quer dando a conhecer um leque variado de obras, muitas delas fora do âmbito do EAE – como temas de *jazz* ou *blues* – e tendo sempre o cuidado de tocar ou dar a ouvir antecipadamente várias peças, perguntando aos alunos qual ou quais as que mais gostariam de tocar. Na sequência do que já foi apresentado no primeiro capítulo, este fator é um grande incremento à motivação dos alunos para estudar, pois, mesmo que não tenham a bagagem teórica suficiente para escolher as próprias peças, sentem que lhes é dada uma certa liberdade na escolha das mesmas, e isto acaba por ir ao encontro das suas expectativas enquanto guitarristas. De resto, tudo isto é demonstrado na análise aos resultados obtidos dos inquéritos aplicados aos alunos.

Não obstante o bom ambiente que se vive em cada aula, existem, como é normal, algumas dificuldades técnicas e musicais por parte dos alunos em determinadas peças ou passagens destas. Um facto bastante positivo, mas que por vezes acentua estas mesmas dificuldades, é que a maioria já está a estudar repertório um pouco mais exigente do que aquele previsto para o grau em que se encontra, o que demonstra a vontade dos mesmos em estudar e aprender guitarra, bem como a qualidade dos mesmos.

Como forma de ajudar a colmatar as dificuldades assinaladas e apresentadas nas páginas seguintes, e entrando diretamente na parte prática deste projeto, foi composto um total de 8 arranjos musicais, baseados em temas musicais identificados pelos alunos como os seus favoritos, entre várias opções que cada um indicou. Assim sendo, nas próximas páginas apresenta-se uma caracterização geral de cada um dos alunos, quer do perfil quer da qualidade musical, observadas pelo professor estagiário, onde são igualmente identificadas algumas das dificuldades assinaladas e a partir das quais foram compostos os arranjos no sentido de ajudar a ultrapassar essas mesmas barreiras. Apresentam-se então os seguintes perfis dos alunos:

Tabela 1 - Perfil da aluna 1

ALUNA 1
Grau: 7º
Idade: 16
<p>Perfil: Esta é a aluna mais velha e que se encontra no grau mais avançado da turma. Apresenta já um nível técnico e tímbrico muito satisfatórios e as suas postura e posição de guitarrista são igualmente boas. Para além disso, é bastante desenvolvida intelectualmente, tendo já um nível de maturidade bem interessante quando comparada com a maioria dos seus pares. Aliado a tudo isto detém ainda um talento natural inato que lhe permite executar um tipo de repertório mais exigente e isso reflete-se na forma como aborda o estudo, a prática do instrumento, bem como o próprio repertório que trabalha. De resto a peça que veio a tocar ao longo deste ano letivo – <i>Vals no 3</i> de Augustin Barrios - pode perfeitamente enquadrar-se no 8º grau de Conservatório, existindo mesmo quem a trabalhe a nível de Ensino Superior. Foi notório o estudo semanal e continuo que a Mafalda dedicou a esta peça. Para além desta valsa estudou também o “Prelúdio da Suite nº1 de Bach”, que é riquíssimo em posições harmónicas (acordes). Apesar de todas as qualidades aqui definidas, e dada a exigência técnica e musical das obras, existem algumas passagens onde se encontram algumas dificuldades, nomeadamente ao nível de legatos e posições harmónicas (acordes). Foi baseado nessas mesmas lacunas que o professor estagiário compôs um arranjo de um tema da banda de rock <i>Queen</i>, que a aluna indicou como uma referência musical para si, fora do âmbito do EAE.</p>
<p>A escolha musical: Na peça de Barrios existem vários <i>legatos</i> e posições de acordes um pouco complexas de executar. O mesmo sucede na Suite de Bach relativamente às posições harmónicas e harpejos entre cordas. Neste sentido, o arranjo composto foca precisamente a resolução destas dificuldades, sendo a melodia executada em <i>legatos</i>, com bastantes posições harmónicas, bem como alguns harpejos complementares. Além disso recorre-se à escrita cifrada dos acordes, não só como forma de mais facilmente a aluna assimilar o processo harmónico, mas também como forma de complementar o trabalho realizado</p>

paralelamente às aulas regulares com o professor estagiário, onde foi abordada a questão dos acordes, das cifras e das progressões harmónicas, com vista a que a aluna pudesse executar algumas peças no âmbito de um projeto com orquestra no qual estava inserido. Neste sentido, o tema *Love Of My Life*, já de si bastante rico harmónica e melodicamente, foi uma escolha muito pertinente.

Tabela 2 - Perfil da Aluna 2

ALUNA 2
Grau: 6º
Idade: 15
Perfil: Esta aluna é bastante trabalhadora e dedicada ao estudo da guitarra. Ainda que seja um pouco reservada, isso não a impede de ser voz ativa na escolha do seu repertório, aceitando e incentivando a definição de peças um pouco mais complexas do que o 6º grau exige. Neste sentido, a aluna abordou duas peças que, sendo perfeitamente enquadradas num (Bom) 6º grau, são muitas vezes trabalhadas em graus superiores. O prelúdio 2 de H. Villa-Lobos e a peça “Capricho Árabe” de F. Tarrega. Ambas as obras têm características muito românticas o que leva a assumir determinadas características interpretativas muito pessoais – caso dos <i>Rubatos</i> ou os <i>Ritennutos</i> – A peça de Villa-Lobos contém uma parte B que foge já aos cânones românticos, sendo executada essencialmente em harpejos e acordes com barra, parte em que a aluna encontrou mais dificuldades. Nesta sequência, também na peça de Tarrega se encontram imensas partes executadas quer sobre barras, quer com recurso a harpejos. Por isso, e mediante as sugestões da aluna, foi criado um arranjo do tema <i>No Time To Die</i> da cantora Billie Eilish, assente essencialmente na progressão de acordes e respetivos harpejos, não descurando a melodia do tema, e explorando igualmente os acordes com barra.
A escolha musical: Em ambas as peças referidas existem passagens com algum grau de dificuldade de execução, no sentido em que estão escritas sobre barras na mão esquerda. E é dado adquirido que a barra é das técnicas de execução mais complexas de absorver por parte dos alunos de guitarra, pois exige algum esforço e mesmo resistência física, para além de ser mais difícil destacar as notas melódicas nestas situações visto que as cordas se encontram presas. De resto, do inquérito realizado aos alunos no final do estágio e apresentado mais à frente, pode facilmente constatar-se esse facto, sendo uma das dificuldades mais assinaladas e sentidas pelo grupo de alunos em estudo. Aliado a isto existem ainda inúmeras partes que recorrem a posições harmónicas que utilizam todos os dedos de ambas as mãos para a sua correta execução. O caso da parte B do prelúdio de Villa Lobos, ou mesmo as partes B e C do “Capricho” de Tarrega. Muitas vezes essas mesmas partes mais complexas são resolvidas com recurso a harpejos extensos

que requerem uma boa definição da digitação. É por tudo isto que o arranjo realizado neste âmbito foca essencialmente um harpejo constante em que se destaca uma melodia que será necessário a aluna acentuar, sem nunca perder o equilíbrio entre vozes e recorrendo, algumas vezes, a barras e a extensões. As posições harmónicas, os chamados acordes, estão presentes durante todo o arranjo, o que leva a aluna a procurar alguma resistência e equilíbrio na mão esquerda. Talvez devido ao facto de ser das alunas em grau mais avançado quer musicalmente quer de maturidade, a própria sentiu à vontade e autonomia para sugerir alterações bastante interessantes e pertinentes ao arranjo escrito originalmente, tendo por base aquilo que foi ouvido do tema original e ainda como forma de facilitar a própria execução da peça.

Tabela 3 - Perfil do aluno 3

ALUNO 3
Grau: 3 ^o
Idade: 12
Perfil: Este aluno, ao nível de técnica e de postura atingiu já um nível interessante. A nível tímbrico também, ainda que possa melhorar um pouco este aspeto. Apesar de gostar de tocar manifesta algumas dificuldades de leitura e, principalmente, de concentração. Não obstante, o repertório que tem vindo a executar é já de um nível perfeitamente enquadrável no próximo grau de estudos. Ainda que possa ter alguma relutância na abordagem inicial à leitura das obras, depois de estimulado em sala de aula, acaba por absorver os conceitos técnicos e musicais e executar as peças com qualidade. Demonstra também alguma dificuldade em executar barras e meias barras queixando-se da exigência a que as mesmas obrigam. No sentido de o ajudar a suprir esta relutância relativamente à leitura e também como forma de o ajudar a praticar a técnica das barras, foi criado um arranjo da peça <i>The Scientist</i> da banda <i>Cold Play</i> , que o próprio sugeriu como uma referência musical para si, e cuja escrita pretende ajudar a ultrapassar estes <i>handicaps</i> .
A escolha musical: Das lacunas mais notórias neste aluno, destacam-se a dificuldade, ou melhor, uma certa relutância de leitura e, principalmente, a dificuldade em executar acordes e barras que, por si só, exigem uma resistência física um pouco maior ao nível da força das mãos. Neste sentido, a escrita do arranjo tem bastantes pormenores de leitura que pretendem ajudar o aluno a estimular esta competência musical. Sempre que necessário recorre-se também à execução de barras e/ou acordes, mas por pouco período de tempo, como forma de fazer com que o aluno pratique estas técnicas, mas sem que sinta de forma tão proeminente as dificuldades físicas inerentes. Apesar de tudo isto, o aluno acabou por assimilar o arranjo na íntegra, sem que tivessem sido realizadas alterações significativas ao mesmo.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Tabela 4 - Perfil da aluna 4

ALUNA 4
Grau: 3º
Idade: 12
Perfil: A aluna tem uma personalidade de carácter um pouco mais tímido, mas por sua vez é bastante trabalhadora e estuda regularmente. Ao longo do ano letivo apresentou um repertório muito interessante e tocado com qualidade. De um modo geral tem uma postura e técnicas interessantes, mas pode melhorar a qualidade, ou melhor, a intensidade do seu som que muitas vezes é de baixa intensidade. Apesar de tocar a maioria das peças com qualidade e ao fim de pouco tempo de estudo, apresenta algumas dificuldades ao nível de técnicas bastante características da guitarra como os “ligados” ou a execução de notas com o dedo 4. No sentido de a motivar a resolver estas técnicas, e por indicação específica da aluna cujo gosto musical recai fortemente na cantora britânica Adele, foi composto um arranjo da peça <i>Easy on Me</i> , da referida artista.
A escolha musical: Existe alguma relutância em ler peças com um tipo de escrita um pouco mais complexo. Algo que sucedeu com o arranjo pois requeria uma abordagem à leitura um pouco diferente da tradicional, por conter bastantes acordes tocados sobre a melodia do tema. Para além disso, a intensidade de som foi o aspeto mais significativo a melhorar, daí estar escrito quase sempre em dinâmicas de registo mais intenso. Ainda assim, ao longo do processo de trabalho sobre a peça, a aluna, juntamente com a professora cooperante, foi indicando pequenas sugestões que levaram a uma simplificação da escrita e da execução, sem que tal empobrecesse o resultado musical, pelo que se notam algumas diferenças entre a primeira e a última versão do arranjo.

Tabela 5 - Perfil da aluna 5

ALUNA 5
Grau: 2º
Idade: 11
Perfil: É uma aluna bastante responsável e trabalhadora, no sentido em que estuda regularmente. É um pouco reservada e este fator da sua personalidade acaba por se refletir na sua musicalidade, visto que toca com pouca intensidade sonora. Esta será talvez a sua maior lacuna uma vez que tecnicamente, bem como ao nível de postura e qualidade tímbrica, está bastante desenvolvida tendo em conta o grau em que se encontra. Assinalam-se, ainda assim, algumas dificuldades em determinadas técnicas próprias da guitarra como os “ligados” ou a realização de posições harmónicas (acordes), algo que se procura explorar, no sentido de

poder ajudar a ultrapassar estas questões, no arranjo do tema que a aluna referiu que gostaria de tocar. *Rewrite the Stars*, escrita por Benj Pasek e Justin Paul. Este tema foi popularizado através do filme intitulado *The Greatest Showman*.

A escolha musical: Sendo a intensidade de som a principal lacuna detetada no perfil musical da aluna, o arranjo foi escrito sempre tendo em conta os registos meio forte e forte. A peça foca a melodia a qual vem tocada com recurso a algumas técnicas bastante próprias da guitarra, como os “ligados” e sempre com destaque na pulsação apoiada. A mesma acaba por ser harmonizada com recurso a acordes simples, dado o grau a que a aluna se encontra. Foi lançado o desafio à aluna de tocar o arranjo com recurso a transpositor, por forma a poder tocar na tonalidade original do tema (em Sib Maior e o arranjo está escrito em Lá Mario), o que lhe permitiu tocar sobre a música original algo que não só a motivou, como também ajudou a entender melhor o arranjo e o próprio tema. Ao longo do processo de trabalho deste tema, a aluna tomou a iniciativa de sugerir algumas alterações, juntamente com a professora cooperante, pelo que se podem constatar algumas mudanças da primeira para a última versão do arranjo.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Tabela 6 - Perfil do aluno 6

ALUNO 6
Grau: 2º
Idade: 11
Perfil: Este aluno é bastante proativo e muito bem-disposto. Apresenta uma postura bastante positiva em cada aula e trabalha bastante bem quotidianamente. Tem uma maturidade muito interessante tendo em conta tratar-se de um aluno de 2º grau. Ao nível de qualidade musical, tem uma técnica bastante interessante. A sua postura e posição de guitarra são também muito bem definidas. Gosta de tocar guitarra e isso sente-se de aula para aula. Não tem grandes dificuldades assinaláveis, pelo que se torna ainda mais desafiante escrever um arranjo para si. De entre as várias sugestões que o aluno referiu, a escolha recaiu no tema <i>Come As You Are</i> da banda <i>Nirvana</i> visto ter muitos aspetos técnicos da guitarra acústica que podem ser transpostos para a guitarra clássica. Acreditou-se que seria um bom desafio experimentar outras técnicas, ainda que aplicadas à Guitarra Clássica.
A escolha musical: No sentido de poder explorar novas sonoridades e técnicas, sem descurar a realidade da guitarra clássica, foi criado um arranjo em que a melodia e o acompanhamento aparecem sempre em simultâneo, e em que o próprio arranjo segue a estrutura original do tema. Isto permitiu lançar um desafio muito interessante, que foi o de tocar todo o arranjo por cima da base instrumental original, à qual foi suprimida a voz do cantor, sendo a melodia (e consequentemente acompanhamento) tocada na íntegra pelo aluno. Este tipo de técnica de execução, bastante contrastante com a realidade habitual do EAE, foi muito bem aceite e executada pelo aluno, ao ponto de ser dos poucos arranjos que não sofreu alterações significativas da primeira versão para a versão final.

Tabela 7 - Perfil do aluno 7

ALUNO 7
Grau: 1º
Idade: 10
<p>Perfil: Este aluno é um bastante peculiar, no sentido em que é bastante interativo com os professores durante toda a aula. Tem uma personalidade já bastante vincada e procura sempre defender o seu ponto de vista, o que acaba por ser interessante na abordagem ao estudo das peças que vem trabalhando. Isto permite que tenha uma visão já bastante aberta das peças que toca e da forma como as toca. Apesar de estar no primeiro grau, tem facilidade em tocar repertório de graus superiores, devido ao seu interesse e gosto pelo instrumento. Tem algumas limitações normais, fruto do tamanho das suas mãos. Isto reflete-se ao nível da execução de acordes. É focado nesta dificuldade que composto um arranjo do tema <i>Believer</i> da banda <i>Imagine Dragons</i> para o ajudar a suplantar esta mesma lacuna. De resto este tema foi indicado pelo aluno como a sua música favorita.</p>
<p>A escolha musical: Não existindo propriamente complicações assinaláveis, mesmo tendo em conta tratar-se de um primeiro grau, nota-se uma certa dificuldade (normal) na realização de acordes. Neste sentido, e tendo em conta o perfil de repertório que o aluno veio a desenvolver ao longo do ano letivo, o arranjo, já um pouco complexo, do tema que o aluno escolheu, é rico em posições harmónicas (acordes) e extensões, como forma de o estimular a desenvolver a mão esquerda e a respetiva técnica para que execute com mais facilidade essas mesmas posições. O próprio aluno tomou a iniciativa de tocar o arranjo por sobre uma coreografia que o mesmo havia executado, anos antes, para a mesma peça, pelo que na audição final, o tema foi tocado não só sobre o tema original, com a voz do cantor suprimida, como também com o vídeo da sua coreografia a passar como fundo. Tendo em conta tratar-se de um aluno de primeiro grau, foi um desafio muito arrojado, mas ao mesmo tempo muito gratificante, visto que o mesmo executou com distinção todo o seu arranjo e sempre em coordenação com áudio e vídeo. Algo interessante de registar foi o facto de o aluno não ter sugerido grandes alterações à já de si complicada peça, mesmo depois do professor estagiário e a própria professora cooperante o terem indicado em certas partes, o que mostra a forma como o aluno gosta de encarar os desafios musicais.</p>

Tabela 8 - Perfil do aluno 8

Nome: ALUNO 8
Grau: 1º
Idade: 10
Perfil: Este aluno, sendo o mais reservado do grupo, talvez devido à maior inexperiência na prática da guitarra, visto não ter frequentado a iniciação e ter ingressado diretamente no primeiro grau, foi dos alunos cuja evolução mais se fez sentir. E foi talvez o aluno mais desafiante de se trabalhar. Devido às naturais limitações técnicas e musicais de quem está na fase mais inicial do seu estudo, a escrita do arranjo feito para si teve que ser muito bem pensada e repensada. O aluno referiu que gostava de tocar um tema da banda “Xutos & Pontapés”, pelo que foi selecionado o tema “Para Sempre”.
A escolha musical: O arranjo inicial era rico em harpejos dos quais a melodia se destacava, como acontece em várias peças destes graus. A ideia era enriquecer o espectro harmónico do aluno e permitir-lhe explorar algumas técnicas tradicionais da guitarra através da música escolhida pelo aluno, no entanto a tonalidade de Mi Maior não facilitou a execução do mesmo pelo que a peça teve que ser revista. Neste sentido, a escrita foi bastante simplificada, mantendo-se, no entanto, a tonalidade original do tema. A melodia continuou escrita da mesma forma, mas o acompanhamento em harpejo foi retirado, passando o mesmo para a linha do baixo, que funcionou um pouco como baixo contínuo. A realidade é que, apesar da tonalidade fora do vulgar para este grau o aluno acabou por executar o arranjo com sucesso, dando-lhe mesmo um carácter interpretativo muito interessante e enquadrado na interpretação da canção original.

III – PLANO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

3.1 - Tema

A autonomia orientada na escolha de repertório como factor motivacional para a superação de dificuldades técnicas e/ou musicais e como forma de promover o autodesenvolvimento musical.

3.2 - Delimitação do tema

A relevância que deve ser dada à autonomia na escolha de repertório, ainda de que forma orientada pelo professor, como forma de ajudar os alunos do Ensino Artístico Especializado a se motivarem para um estudo mais quantitativo e, acima de tudo, mais qualitativo do seu próprio instrumento. Para além disso, considerar a importância do desenvolvimento da autonomia musical, quer na escolha de repertório quer na forma de estudo e abordagem às peças.

3.3 - Motivação

A necessidade que o autor, enquanto professor e enquanto aluno, sentiu ao longo do seu percurso, quer académico quer profissional, em encontrar um sentido, um rumo, na definição da sua identidade enquanto instrumentista, enquanto músico e mesmo enquanto professor. Algo que sente continuar inerente nos seus atuais alunos e que acontece muito em parte devido à falta de autonomia na escolha de repertório, refletida num programa cujo estudo e consequente execução não é de todo o mais desejado ou expetado pelos alunos.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

3.4 - Problema de pesquisa

Entender até que ponto o(s) professor(es), através da liberdade de escolha de repertório dada aos alunos – a chamada autonomia orientada na escolha de repertório – podem incentivá-los a um estudo mais qualitativo e cotidiano, como forma de resolver alguns dos seus problemas técnicos na execução do instrumento, e perceber se essa escolha, que vai ao encontro dos seus gostos musicais, contribui ou não para uma maior motivação para o estudo do instrumento e para o estímulo ao autodesenvolvimento musical de cada aluno.

3.5 - Hipóteses

- A escolha de um repertório adequado aos gostos dos alunos é um factor de motivação.
- A criação de repertório específico, em sintonia com as expectativas dos alunos, estimula o estudo do instrumento.
- A utilização desse mesmo repertório, pensado para as dificuldades técnicas de cada aluno, pode ajudar a superar essas mesmas dificuldades.
- A execução destas peças incentiva e estimula o aluno a desenvolver-se de uma forma musicalmente mais autónoma.

3.6 - Significado ou Pertinência do Estudo

Este projeto visa desenvolver uma questão que, na percepção do autor (fruto da sua experiência quer como professor quer como aluno), começa a preocupar cada vez mais os professores e as EAE, e que assenta na importância de manter os alunos motivados para o estudo regular, frequente, e qualitativo do instrumento musical. No sentido de aumentar estes índices motivacionais, o investigador sugere uma abordagem com foco na definição de repertório como forma de ajudar a estimular o estudo regular. Isto porque, novamente na visão do autor, é fundamental permitir

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

aos alunos escolher música que vá (mais ao) encontro das suas expectativas e dos seus gostos, sem nunca descurar o repertório erudito e principalmente as técnicas que lhe são associadas, fundamental no crescimento de qualquer músico. O que se procura é encontrar um equilíbrio entre repertório historicamente definido e delineado para cada grau e repertório novo sobre o qual se possa trabalhar, seguindo os mesmos conceitos da abordagem ao repertório erudito. Será pertinente perceber se a implementação desta abordagem irá efetivamente motivar os alunos ao estudo e se irá, da mesma forma, estimular o seu próprio desenvolvimento musical, através da procura na superação de determinados *handicaps* técnicos, no sentido em que o gosto musical pelo repertório escolhido possa funcionar como factor motivacional para que cada aluno procure da melhor forma possível executar a(s) peça(s) por si escolhida(s), ao invés das peças impostas.

3.7 - Objetivos

- Entender de que forma a autonomia orientada na escolha de repertório pode facilitar a aquisição de determinadas técnicas.
- Procurar soluções para o incentivo ao estudo regular.
- Alargar o espectro de repertório para guitarra no EAE.
- Estimular o autodesenvolvimento técnico e musical.
- Implementar este projeto nas EAE, caso, efetivamente, esta investigação venha a confirmar as hipóteses levantadas, para que as mesmas comecem a olhar para a autonomia na escolha de repertório como algo fundamental para a evolução musical dos alunos.

3.8 - Justificação

O ainda acentuado nível quer de desmotivação quer de desistência no EAE, a escassez na diversidade pedagógica de muitos professores, algo que, gradualmente, começa a mudar, aliados a ainda à reduzida variedade de repertório vigente dentro do EAE – não no sentido quantitativo, mas sim no sentido em que existe muito ainda

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

por estudar e executar fora deste âmbito – levaram a que o autor deste trabalho decidisse explorar uma forma de colmatar estas lacunas que, no seu entendimento, ainda se fazem sentir no Ensino Formal da Música. Para tal o mesmo propõe-se, com a concretização deste projeto, a verificar até que ponto a escolha de um repertório diferenciado, específico para cada aluno e tendo em conta as suas expectativas e, acima de tudo, gostos musicais, podem ajudar a suprir estas dificuldades e, acima de tudo, podem ajudar outros professores a enriquecer a sua abordagem pedagógica junto dos alunos, junto das escolas.

3.9 - Fundamentação teórica

A fundamentação teórica foi redigida com foco nos seguintes tópicos:

1. O Enquadramento do ensino na história da música ocidental
2. A herança histórica que os métodos de ensino nos deixaram
3. A Importância da música no desenvolvimento da criança
4. Flexibilidade Curricular e Autonomia Pedagógica
5. Recursos pedagógicos criativos como forma de romper com a tradição
6. Estes conceitos aplicados ao ensino do instrumento
7. Os conceitos de motivação e como trabalhá-la
8. Razões que levam à desmotivação dos alunos
9. O papel do professor enquanto agente na motivação do aluno
10. A autonomia na escolha de repertório, de forma orientada, como forma de motivação do aluno

Todos estes capítulos foram escritos tendo por base as referências bibliográficas abaixo referidas.

3.10 - Metodologia da Pesquisa e Recolha de Dados

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

A metodologia de pesquisa teve como principal foco uma abordagem qualitativa a um grupo de alunos (apresentado e caracterizado previamente neste documento). Não obstante, existiu um registo de carácter mesurável de certos e determinados critérios, nomeadamente a enumeração das principais dificuldades musicais de cada aluno, e a superação ou não das mesmas depois do projeto executado.

Foi executada uma observação empírica, e conseqüente registo diário, por parte do investigador quer na assistência de aulas da professora cooperante quer no exercício das suas funções laborais e pedagógicas enquanto professor estagiário. O registo foi feito através da avaliação de vários parâmetros musicais, assentes nos critérios de avaliação definidos pelos professores em questão (cooperante e estagiário). Como será evidente existiu uma distinção avaliativa entre os diferentes graus. Os resultados, apesar de focados na vertente qualitativa, foram parcialmente registados quantitativamente e enquadrados nos critérios a avaliar e, conseqüentemente, na avaliação final dos alunos.

Em termos concretos, o professor investigador (estagiário), numa primeira fase, traçou, através de observação, o perfil do grupo em estudo. Foram tidos em conta certos parâmetros como a faixa etária, a qualidade interpretativa de cada aluno, os índices de estudo observáveis (de aula para aula, por exemplo), o histórico de avaliativo e conseqüente evolução no instrumento e, principalmente, as principais dificuldades técnicas que, posteriormente, foram trabalhadas com a execução desta investigação. Na segunda fase, foi feito um levantamento dos gostos musicais dos alunos fora do âmbito do EAE, e coube ao professor investigador compor as peças, ou melhor, criar os arranjos respetivos para cada um, sendo que teve de pensar e criar esses mesmos arranjos como forma de ajudar a colmatar as dificuldades técnicas identificadas individualmente. Na terceira fase, depois de trabalhar regular e individualmente, em contexto de aula, cada um dos arranjos compostos neste âmbito com cada aluno, os alunos apresentaram as suas músicas numa audição realizada especificamente para o efeito, sendo que alguns continuaram a apresentar as obras quer em avaliações, quer noutros contextos distintos de performance pública. No fim de todo este processo, foram registadas as

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

observações, nomeadamente ao nível da mensuração do resultado prático final, isto é, se efetivamente as peças foram bem estudadas e, conseqüentemente, executadas, e se isso levou à superação das dificuldades inicialmente observadas. Paralelamente, através da aplicação de um inquérito, procurou averiguar-se junto dos alunos se, durante todo este processo, cada um deles se sentiu mais ou menos motivado para abordar este tipo de repertório e se isso os ajudou a evoluir musicalmente, através não só do facto de ter vencido as dificuldades assinaladas, mas principalmente se sentiu que esta abordagem o levou a procurar novas alternativas ao tipo de repertório que tem vindo a estudar e, principalmente, se o incentivou a refletir musicalmente sobre o que foi escrito e composto para si, incrementando assim o autodesenvolvimento musical.

3.11 - Plano de Ação

A aplicação deste projeto partiu de uma articulação fundamental entre professor orientador, professor cooperante e professor estagiário. Foi tido em conta o grau de cada aluno, bem como as suas competências e dificuldades, previamente identificadas pelo professor estagiário. Para que tal tenha acontecido, na prática, foi fundamental que o plano de ação contemplasse a articulação de trabalho entre o professor estagiário e o professor cooperante, sendo que, numa primeira fase, o projeto assentou em observação empírica – assistência de aulas – e numa segunda e terceira fases a aplicação do trabalho proposto pelo professor estagiário – em que este último compôs trabalhou “as suas peças” diretamente com os alunos. Coube ainda ao professor investigador criar as linhas orientadoras para uma melhor aplicação do projeto. No fim foram delineados e apresentados os registos que permitiram concluir a pertinência da aplicação do projeto – disponibilização das peças bem como das suas apresentações por parte dos alunos

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

3.12 – Cronograma

Tabela 9 - Cronograma do Plano de Ação-Investigação

FASES DA INVESTIGAÇÃO	PERÍODO TEMPORAL	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES
Fase de observação	Primeiro Período Letivo: De Setembro a Dezembro de 2021	Constou essencialmente de assistência, por parte do professor estagiário, às aulas da professora cooperante, como forma de ir conhecendo quer a abordagem pedagógica quer a metodologia de trabalho e, principalmente, a turma, no sentido de poder traçar o perfil da turma em questão.
Fase de trabalho	Segundo Período Letivo: De Janeiro a Abril de 2022	Nesta fase foram definidas e compostos os arranjos específicos para cada aluno e, conseqüentemente, as mesmas obras foram trabalhadas junto dos alunos.
Fase de apresentação e análise dos resultados	Terceiro Período Letivo: De Maio a Junho de 2022	Nesta fase procedeu-se à preparação e realização da audição das peças trabalhadas e conseqüente registo dos resultados atingidos. Para tal realizou-se uma apresentação específica dentro do âmbito deste projeto de investigação, que levou pais e alunos ao pequeno auditório do Conservatório de Música de Coimbra, no dia 18 de Maio de 2022, tendo sido apresentado o repertório específico composto para cada aluno a toda a restante classe da professora cooperante,

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

		que também participou na audição, tocando repertório de caráter erudito. Posteriormente foi entregue um inquérito aos alunos que tinha como objetivo perceber a forma como participaram e assimilaram os conceitos trabalhados ao longo de todo este processo.
--	--	--

3.13 - Custos

Este projeto teve a vantagem de não ter custos associado, pois partiu da observação do próprio investigador, numa primeira fase, e da composição das peças por parte do mesmo numa segunda fase. Para além destes recursos inerentes ao próprio autor deste projeto e tratando-se de um professor estagiário de música no exercício das suas funções laborais, teve sempre ao seu dispor, juntamente com a escola, todos os materiais necessários para exercer as suas funções quer científicas quer pedagógicas.

3.14 - Campo de Observação/Amostra

O campo de observação e de execução do projeto assenta num conjunto de 8 alunos da Professora Marta Costa (Professora Orientadora) do Conservatório de Música de Coimbra, relativos ao ano letivo de 2021/2022:

- 1 Aluna de 7º Grau
- 1 Aluna de 6º Grau
- 2 Alunos de 3º Grau
- 2 Alunos de 2º Grau
- 2 Alunos de 1º Grau

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

3.15 - Representatividade Qualitativa da Amostra

Pretende-se que os resultados obtidos com esta amostra, representem, de uma forma genérica, a maioria dos grupos etários compreendidos neste estudo. Não se pode fazer uma generalização para todas os alunos, visto que os contextos letivos, sociais económicos ou culturais variam de escola para escola, mas ainda assim é expetável que este grupo seja representativa da qualidade das conclusões observadas.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Guitarra

Love Of My Life

Queen

Freddie Mercury

arr. João Silva

A Andante Melancólico

Chords: C.1, C.3, C/G, C.8, C.1, F, B \flat , Fmaj7/A

Dynamics: *mf*, *ff*, *mp*, *f*

B

Chords: C.3, F, B \flat

Dynamics: *mf*, *f*, *mp*

C

Chords: B \flat

Dynamics: *f*

© João Silva 2022

Figura 3 - Love Of My Life - Versão Final pág. 1

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

2 Love Of My Life

24 A/E A \sharp 5

27 Gm Bbmaj7/F E $^{\circ}$ 7 C7/E

30 D.C. al Coda B \flat Fmaj7/A

33 C7/E Bbmaj7

36 *f* *mp*

39

42 F#maj7

44 F C.1 F/A F

Figura 4 - Love Of My Life - Versão Final pág. 2

Guitarra Clássica

Guitarra

No Time to Die

Billie Eilish

Billie Eilish
arr. João Silva

A Adagio *mp* VII Cmaj7 A7(9)

Guitar

4 *mf* B7 Em Cmaj7 A7(9) c.VII B

B

Gtr.

13 *a tempo*

Gtr.

17

Gtr.

21

Gtr.

25 Am/E

Gtr.

28 c.VII **C** 2

Gtr.

32

Gtr.

© João Silva 2022

Figura 5 – No Time To Die - Versão Inicial

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Guitarra

The Scientist

Cold Play

Cold Play

arr. João Silva

A Adagietto

Classical Guitar

B

Cl. Gtr.

Cl. Gtr.

Cl. Gtr.

Cl. Gtr.

Cl. Gtr.

Cl. Gtr.

allargando

*Opcionalmente a nota pedal
pode ser tocada uma oitava abaixo
com a sexta corda em ré

© João Silva 2022

Figura 7 - The Scientist - Versão Inicial

Guitarra Clássica

Guitarra

The Scientist

Cold Play

Cold Play
arr. João Silva

A Adagio

4

7

10

C

16

19

22

25

28 allargando

© João Silva 2022

Figura 8 - The Scientist - Versão Final

Guitarra Clássica

Guitarra

Easy on Me

Adele

Adele
arr. João Silva

The musical score is written for guitar in 4/4 time and G major. It consists of seven staves of music. The first staff is the main melody. The subsequent staves (5, 9, 13, 17, 21, 24) show a rhythmic accompaniment pattern of chords and eighth notes. The score ends with a double bar line and repeat dots at the end of the seventh staff.

© João Silva 2022

Figura 9 - Easy on Me - Versão Inicial

Guitarra Clássica

Guitarra

Easy on Me

Adele

Adele
arr. João Silva

4

7

10

13

16

19

22

25

rallentando

D VII

© João Silva 2022

Figura 10 - Easy on Me - Versão Final

Guitarra Clássica

Guitarra

Rewrite The Stars

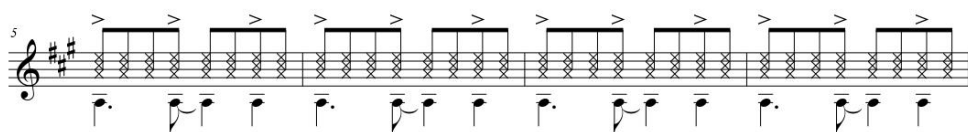
The Greatest Showman

Benj Pasek/Justin Paul

arr. João Silva

* Pode ser utilizado transpositor na primeira posição para executar o arranjo na tonalidade do tema original

Intro



© João Silva 2022

Figura 12 - Rewrite the Stars - Versão Final - Pág. 1

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

2

Rewrite The Stars

25 **B**

29

33 2 3 1 2 3 4

37 1

41 1 3 1 3

Final
ad libitum

45

49 *molto rall.*

Figura 13 - Rewrite the Stars - Versão Final - Pág. 2

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Guitarra

Come as You Are

Nirvana

Nirvana
arr. João Silva

6ª Corda em Ré

a **Intro**

10

15

20

25

30

34

D.C. al Fine **Intro** *molto rall.* **Fine**

© João Silva 2022

Figura 15 - Come as You Are - Versão Final

Guitarra Clássica

Guitarra

Believer

Imagine Dragons

Imagine Dragons

arr. João Silva

* Pode ser utilizado transpositor na primeira posição para executar o arranjo na tonalidade do tema original

Intro Percutir no tampo A

4

8

12

B

19

23

26

E7

Am

Fmaj7

D.S. al Fine

Fine

c.5

© João Silva 2022

Figura 17 - Believer - Versão Final

Guitarra Clássica

Para Sempre

Para Sempre

Xutos e Pontapés

Xutos e Pontapés

arr. João Silva

Adagio

Guitar

Gtr.

Gtr.

Gtr.

© João Silva 2022

Figura 18 - Para Sempre - Versão Inicial

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Para Sempre

Para Sempre
Xutos e Pontapés

Xutos e Pontapés
arr. João Silva

Adagio

4

7

10

13

E

© João Silva 2022

Figura 19 - Para Sempre - Versão Final

IV – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E REFLEXÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

4.1 – Primeiras Impressões

O principal ponto que levou o autor deste projeto a acreditar que o que se pretende demonstrar com este trabalho faz sentido, foi o facto de todos os alunos terem reagido de forma bastante positiva e entusiasmada à primeira audição do arranjo, composto pelo investigador, que cada um iria tocar. Reforça-se que isto aconteceu com o mero executar dos arranjos, por parte do professor ou do próprio programa de edição de música, sem que cada aluno tivesse a verdadeira noção do grau de dificuldade dos mesmos. Algo que demonstra a importância de ir ao encontro dos gostos e expectativas dos alunos. No seguimento desta ideia, foi bastante curioso verificar a forma como os alunos procuraram, quase avidamente, ler e tocar a respetiva peça. Algo que, como é expectável, a larga maioria não conseguiu fazer dada a dificuldade das mesmas para uma leitura à primeira vista. Consequentemente, o fascínio manteve-se quando o investigador ou mesmo a professora titular voltaram a tocar os arranjos. Sentiu-se, claramente, uma vontade em cada aluno de aprender o mais rapidamente possível aquela partitura. Ainda que, numa fase inicial, esta ideia tenha sido fruto de uma observação pessoal e empírica – e não propriamente um registo mensurável – sentiu-se que a motivação para tocar “as suas músicas” foi maior do que aquela que se foi sentido ao longo da maioria do restante ano letivo. Esta ideia, de resto, confirmou-se após a realização das respetivas entrevistas, como se explica mais à frente. Exceção feita às situações em que os alunos pediram especificamente uma peça para trabalhar, no espectro do repertório erudito, ou porque a conheciam ou porque faziam mesmo questão de a tocar. Também esta observação não anula de todo a abordagem francamente

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

positiva que a Professora Cooperante teve ao longo de todo o ano na facilidade e abrangência de escolha de repertório dada aos alunos, não impondo, mas sempre dando a escolher quais as obras que estes gostariam de abordar. A tal questão da autonomia orientada.

Ao fim da primeira semana de estudo destas peças concretas – visto que o professor estagiário só estava com cada aluno semanalmente, apesar de a grande maioria ter dois blocos de aula por semana – a ideia anterior ficou ainda mais reforçada, pois a grande maioria dos alunos trouxe a peça lida e com vontade de trabalhar sobre esta. Mais tarde, após o preenchimento do questionário por parte dos mesmos, confirmou-se precisamente esta ideia. O que, na verdade, não foi totalmente positivo visto que os mesmos focaram essencialmente a parte melódica, descurando a parte técnica e interpretativa das mesmas. De resto, numa espécie de analepse, o autor deste projeto deu consigo a realizar precisamente este tipo de erros nas peças que mais o marcaram. Aquelas obras que, por mais difíceis que fossem, eram lidas de uma semana para a outra, focando essencialmente as notas e não propriamente a música, o que depois era alvo de chamada de atenção por parte dos professores. No entanto, e com o passar das semanas de trabalho, os alunos acabaram, de um modo geral, por rapidamente absorver os conteúdos musicais e interpretativos da peça.

4.2 – Audição Final realizada no âmbito do projeto

Esta audição de final de ano letivo foi, sem dúvida, a experiência mais marcante de todo o estágio. E isso deve-se a vários fatores. Desde logo por ser o culminar de todo o trabalho feito ao longo de vários meses. Para além disso, foi o materializar de muitos dos objetivos propostos no início do estágio. Um outro ponto muito importante foi o facto de parte da audição ter sido conduzida pelo próprio investigador, quer a nível da organização, dos arranjos e da própria performance em si, visto que em algumas peças os alunos interagiram diretamente com este.

Para além de toda a envolvente, a prestação dos alunos em geral e de cada um individualmente deu ainda mais credibilidade ao projeto e à própria audição.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

Desde logo pela inovação que se fez sentir, não só ao nível de repertório, mas também ao nível audiovisual, que complementou bastante o que os alunos tocaram, quer através das imagens dos artistas dos temas originais, projetadas em pano de fundo, quer dos videoclipes e acompanhamento instrumental sobre os quais alguns alunos tocaram os seus arranjos. O desempenho de cada um dos alunos foi muito positivo, demonstrando ainda mais qualidade interpretativa do que aquela que já havia sido apresentada ao longo das aulas e das audições anteriores. Para além disso, a satisfação e gosto em tocar nesta audição foram notórias. Prova disso é que, a maioria dos arranjos, exigia um grau de dificuldade considerável tendo, em conta o nível de cada aluno e o tempo que tiveram para os preparar.

No final as reações foram muito interessantes. Primeiro por parte dos alunos que executaram os arranjos e que gostaram imenso da experiência. Depois por partes dos restantes alunos que executaram repertório erudito e que referiram ter vontade de tocar este tipo de repertório. Por fim, a reação dos pais e encarregados de educação, que fizeram questão de parabenizar educandos e professores pela iniciativa e, acima de tudo, de referir, de forma unânime, que sentiram os seus educandos mais motivados para estudar este tipo de repertório.

Referir ainda a facilidade com que os alunos assimilaram a interação com os recursos multimédia, pois é algo que até ao momento não tinham experimentado. A coordenação entre playback instrumental, vídeos e execução dos arranjos foi muito interessante e recorreu sem falhas. Apesar de toda a inovação e da variedade e originalidade do repertório, os conceitos de guitarra clássica estiveram sempre presentes, o que não desvirtuou, de forma alguma, o próprio instrumento. Pelo contrário. Demonstrou o potencial que tem para se renovar sem perder a sua essência.

4.3 – Questionário aos Alunos

Como forma de entender em que medida a realização deste projeto foi importante para os alunos, realizou-se um questionário subdividido em dois grupos

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

e com um total de 15 perguntas. A primeira secção aborda os alunos acerca da escolha pela guitarra enquanto instrumento de estudo, do tipo de repertório abordado, dos próprios gostos musicais de cada um e ainda do tempo de estudo dedicado ao instrumento. A segunda parte diz respeito à parte prática do projeto, focando questões como a motivação para aprender e praticar o tipo de repertório composto neste âmbito, as dificuldades sentidas, a autonomia que cada aluno sentiu para intervir sobre o próprio arranjo sugerindo alterações musicais a vários níveis, e, acima de tudo, a forma como estes temas foram abordados quando comparados com o restante repertório até aqui executado.

A análise e conseqüente reflexão às respostas dos alunos, explanadas no capítulo seguinte, permitiram tirar conclusões muito interessantes, não propriamente pelo facto de corresponderem, na grande maioria dos pontos, aos objetivos traçados no início do projeto, mas sim por permitirem verificar determinadas questões que não estavam previstas, mas que são de suma importância para a continuação da implementação deste tipo de atividades. O exemplo da autonomia musical é um desses pontos, visto que os alunos, apesar de estarem, na sua maioria, nos primeiros anos de estudo, sugeriram um número considerável de alterações musicais e técnicas em cada um dos seus arranjos, algo que não se verifica no repertório habitualmente abordado visto que se trata de obras fechadas e acabadas. Existem exceções, principalmente ao nível técnico, nomeadamente na parte da digitação, no entanto, ao nível musical não é exatável que se altere o que os compositores definiram na obra. Nos temas trabalhados neste projeto, a ideia, como de resto já foi explicado anteriormente, assentou numa ideia de *working progress* em que os arranjos de cada música foram sendo revistos ao longo das aulas em que foram trabalhados, quer pelo professor estagiário, quer, principalmente, por iniciativa dos alunos, o que enriqueceu bastante todo o processo de escrita e trabalho musical.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

4.4 – Reflexão acerca dos resultados obtidos

Apresentam-se neste capítulo os resultados obtidos da aplicação do questionário aos 8 alunos englobados neste projeto, bem como uma reflexão sobre os mesmos¹⁵.

Na primeira questão abordam-se os motivos que levaram à escolha da guitarra enquanto instrumento, obtendo-se o seguinte gráfico:

Considerou-se importante perceber quais as motivações que levaram estes alunos a escolher a guitarra para estudo ao longo do EAE, no sentido de poder encontrar uma justificação e uma comparação com os resultados obtidos nas questões relativas à motivação. Não deixa de ser curioso verificar que a maioria escolheu opções de resposta que se enquadram no gosto pelo próprio instrumento, quer seja pelo gosto do timbre da mesma (50%) quer seja pela vontade intrínseca de aprender guitarra (37,5%). De assinalar a opção cuja escolha recai no facto de se “poder tocar com os amigos” (12,5%), visto que, na larga maioria do tempo de estudo do EAE, os alunos tocam a solo e são preparados para executar peças a solo. E esta questão ganha mais ênfase nos chamados instrumentos não orquestrais, ou seja, nos instrumentos que não fazem parte da formação convencional da orquestra, como é o caso da guitarra. Apesar de existirem algumas alternativas, como, neste caso concreto, a orquestra de guitarras, projeto que foi criado recentemente no CMC, será interessante refletir sobre até que ponto o facto de existirem alunos que escolhem a guitarra devido à sua forte presença social – como tocar em grupos etnográficos, bandas, ou mesmo em eventos, aniversários, etc. – acabam por encontrar um factor de desmotivação aquando da entrada no EAE, visto que este tipo de ensino ainda está muito focado na performance individual e não coletiva como, pelos vistos, é desejo de uma determinada percentagem de alunos.

Na segunda questão, averigua-se até que ponto os alunos tinham ideia do tipo de repertório que iriam abordar quando do ingresso no EAE:

¹⁵ A numeração das questões corresponde à numeração dos gráficos indicada no índice de gráficos

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

1. Porque decidiste escolher a guitarra?

8 respostas

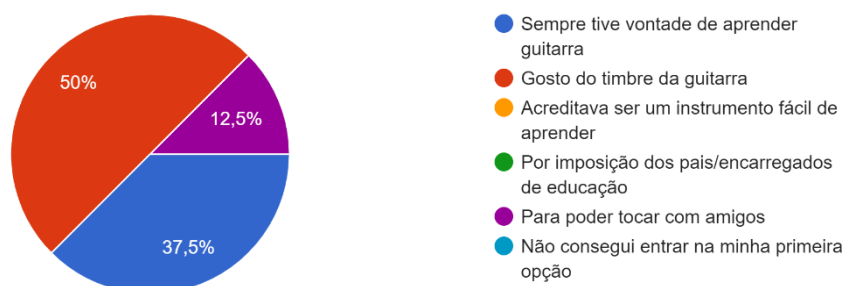


Gráfico 1

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender?

8 respostas

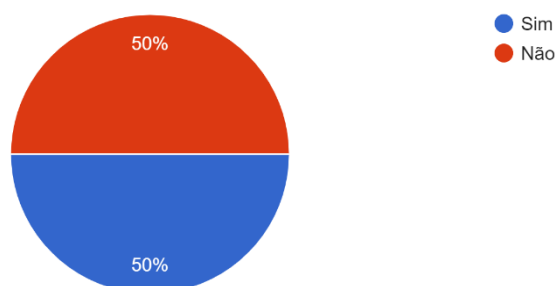


Gráfico 2

Aqui as respostas dividem-se, com metade dos alunos a considerar que conhecia o tipo de repertório que iria abordar e a outra metade a considerar que não. Estas percentagens acabam por ser significativas, uma vez que demonstram que, apesar de já existir um número considerável de alunos que tem uma perceção do que o espera ao nível de repertório no EAE, há ainda um outro tanto número notável de alunos que não tem noção do que vai tocar. E este facto foca novamente a importante questão da motivação e, acima de tudo, da importância de ir ao encontro das expectativas de cada aluno, no sentido de podermos aproveitar a sua motivação inicial para trabalhar repertório que vá ao encontro dos seus gostos. E esta ideia, apesar de tudo, pode e deve também ser aplicada aos alunos que já têm

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

uma consciência do tipo de música que vão trabalhar ao longo da sua formação, pois apesar de já estarem mais cientes da realidade que os espera, não quer dizer que não possam trabalhar repertório fora do domínio musical predefinido. Para tal, existe sempre a questão da autonomia curricular que deverá ser explorada ao longo de todo o processo de estudo de EAE.

Na sequência desta reflexão, a questão seguinte vai reforçar a ideia percecionada pelo investigador e que se prende com o estilo de música que se tem vindo a abordar:

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender?

8 respostas

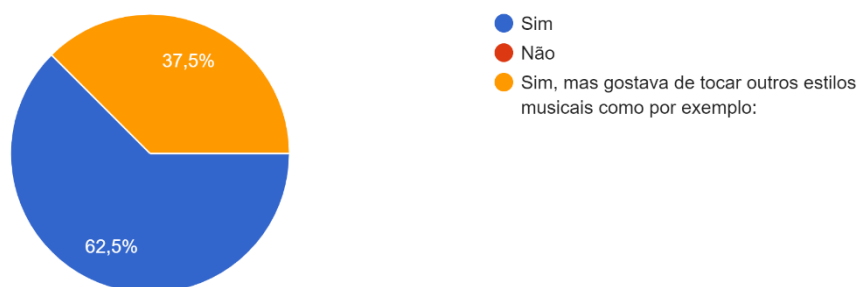


Gráfico 3

Verifica-se que, apesar de metade dos alunos não ter a noção do que viria a tocar quando ingressou no EAE, não existe nenhum aluno que não goste do repertório que toque, o que acaba por ser um dado positivo. Não obstante, será importante refletir sobre a considerável percentagem de alunos (37.5%) que, apesar de estar satisfeito com o repertório trabalhado, gostaria de abordar outros estilos musicais. Neste seguimento, o gráfico seguinte mostra algo bastante interessante e que se prende com os gostos musicais de cada aluno:

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

Gráfico 2.2

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas?
8 respostas

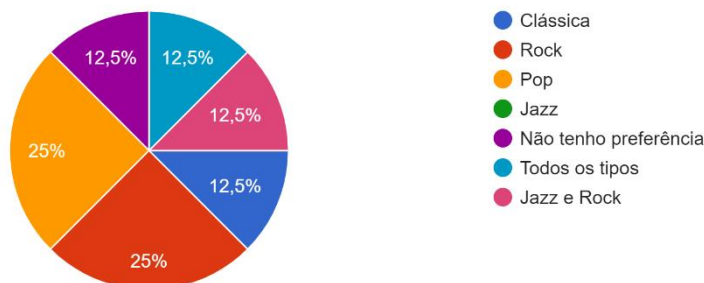


Gráfico 4

Se pegarmos nas respostas obtidas nos dois gráficos anteriores e as correlacionarmos com os dados deste gráfico, verifica-se algo que acaba quase por ser antagónico. Isto porque, se metade dos alunos sabe o que vai tocar e nenhum dos alunos indica que não gosta do que toca, então seria lógico prever que a música clássica seria a opção mais escolhida para esta questão. No entanto verifica-se que tal não acontece. Que os gostos dos alunos se diversificam ao longo dos vários estilos, o que leva a perguntar até que ponto é que o repertório abordado vai ao encontro dos gostos musicais de cada aluno. Se apenas 12,5% respondeu que o seu estilo preferido é a música clássica¹⁶, porque é que a música abordada ao longo do EAE é, na sua quase totalidade, inserida dentro deste estilo? Não se estará a divergir um pouco das expectativas e gostos de cada aluno? Porque não englobar outras vertentes musicais dentro do EAE, sem descurar, obviamente, a perspetiva técnica e performativa da guitarra clássica? Verifica-se que cerca de 50% dos alunos gosta de estilos como o *Rock*, *Pop*, ou *Jazz*. Felizmente existe cada vez mais repertório dentro destes estilos e inserido no contexto do EAE, pelo que poderá ser importante começar a refletir nesta questão dos gostos dos alunos e motivá-los através de um repertório mais abrangente e menos focado num só estilo característico. Mais uma

¹⁶ Aqui recorre-se a termo Música Clássica como forma de facilitar a interpretação do termo música erudita, visto tratar-se de um inquérito para crianças.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

vez fatores como a autonomia pedagógica das escolas ou a própria abordagem pedagógica de cada professor, acaba por ser fundamental.

As próximas três questões corroboram precisamente esta ideia, visto que focam exatamente as dificuldades sentidas e os aspetos que mais motivam e desmotivam os alunos no estudo de cada peça:

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra?

8 respostas

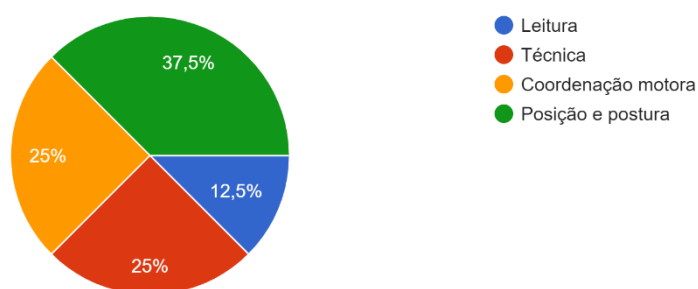


Gráfico 5

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça?

8 respostas

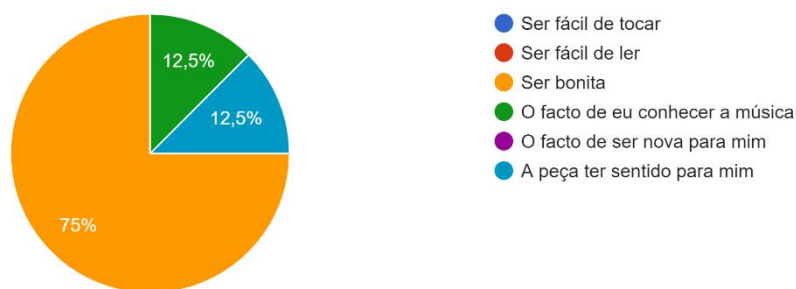


Gráfico 6

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça?

8 respostas

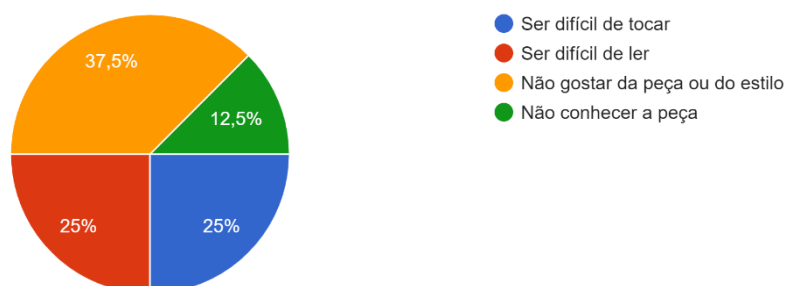


Gráfico 7

Constata-se que, ao nível das dificuldades sentidas na abordagem ao repertório, as dificuldades do foro técnico são as mais assinadas, com 75% dos alunos a considerar aspetos como a postura e posição (37,5%), a coordenação motora (25%) e a própria técnica de execução em si (25%). Apenas 12,5% dos alunos vê na leitura um obstáculo ao estudo da guitarra, o que não deixa de ser curioso pois, muitas vezes, existe bastante relutância na abordagem inicial a determinadas obras devido, precisamente, à ideia preconcebida de que a leitura das mesmas será difícil, algo que deve ser desmistificado pelos próprios professores, como, pelos vistos, acontece e bem com este grupo de estudo. Verifica-se também que o facto de uma peça ser do gosto aos alunos, acaba por ser o maior fator de motivação, quer seja, por esta ser bonita, pelo facto de a conhecer ou pelo facto de ela fazer sentido para o aluno, ficando excluídas hipóteses como o grau de dificuldade, o que, automaticamente leva a uma reflexão interessante. Independentemente do grau de complexidade quer de leitura quer de execução, o que mais leva os alunos a gostar de trabalhar sobre uma peça é o facto de esta lhes ser intrínseca, de ser do seu gosto pessoal. No entanto, quando analisando os fatores que levam à desmotivação, constata-se uma divisão quase equitativa das respostas, onde fatores como o grau de dificuldade ou de leitura ganham um relevo interessante (50% na totalidade). Não deixa de ser curioso que, apesar de existir

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

uma relativamente baixa percentagem de alunos a considerar a leitura o aspeto mais difícil na execução da guitarra, acaba por existir uma percentagem mais significativa de alunos que considera a leitura e o grau de dificuldade fatores de desmotivação. Para além disso, e ainda na sequência comparativa da análise do gráfico anterior, respeitante aos fatores de motivação, verifica-se que o facto de não gostar de uma peça é o fator que mais leva à desmotivação. Neste sentido, e refletindo sobre as respostas a estas três questões, constata-se que, se por um lado o facto de uma peça ir ao encontro dos gostos do aluno, quer seja por esta ser bonita ou conhecida, é um forte fator de motivação para o estudo, independentemente do grau de dificuldade de execução ou de leitura, o não conhecimento da mesma, aliado ao seu grau de dificuldade já funcionam como fator relevante de desmotivação. Esta análise permite concluir que é muito mais importante para os alunos identificarem-se com determinado tipo de repertório, no sentido em que se sentem motivados a trabalhar, por mais difícil que este seja de ler ou de executar¹⁷. Esta ideia responde diretamente a duas das hipóteses lançadas aquando da realização do plano de investigação-ação deste projeto, ao demonstrar que “a escolha de um repertório adequado aos gostos dos alunos é um factor de motivação” e que “a criação de repertório específico, em sintonia com as expetativas dos alunos, estimula o estudo do instrumento”.

No seguimento deste questionário, foi perguntado aos alunos a forma como é definido o repertório que tocam, tendo a resposta sido unânime:

¹⁷ Nesta parte assume-se que o grau de dificuldade se insere sempre no grau de estudo em que cada aluno se encontra. Isto é, não é expetável que um aluno de primeiro grau vá executar uma peça de graus bem mais avançados, por muito que goste da mesma.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas?

8 respostas



Gráfico 8

Verifica-se que o repertório tocado por todo o grupo de estudo não é propriamente imposto, mas sim orientado, no sentido em que a professora titular dá a escolher entre várias peças. É uma forma interessante de ir ao encontro de uma parte do gosto dos alunos, visto que estes podem escutar várias peças e escolher aquela com que mais se identificam. Será por isso que, neste caso, quando se compara esta questão com a questão número 2, existe um número elevado de alunos que diz gostar do repertório que habitualmente toca, e não se encontra nenhum aluno a dizer que não gosta do repertório que toca, sabendo que isso levaria à sua desmotivação, conforme as respostas às questões 4 e 5. É muito interessante verificar como estas 3 questões estão interligadas e como as respostas não só se interligam de forma lógica como também respondem a muitas das questões levantadas na conceção deste projeto. Conclui-se, portanto, que a autonomia quer livre (como será reforçado mais à frente) quer orientada, na escolha de repertório, é benéfica para todos os alunos deste grupo de estudo.

No sentido de perceber o nível de estudo diário dedicado, em média, à guitarra, e a forma como este estudo é acompanhado ou não pelos pais, foram colocadas as seguintes questões:

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra?

8 respostas

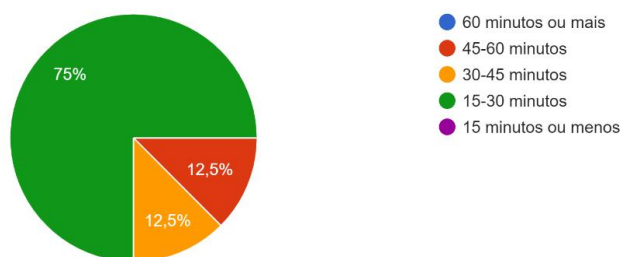


Gráfico 9

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas?

8 respostas

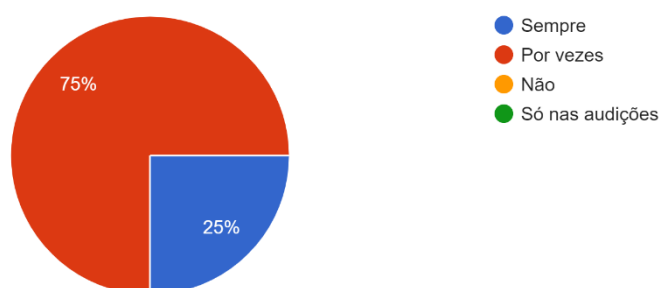


Gráfico 10

Verifica-se que a larga maioria dos alunos dedica até cerca de 30 minutos diários ao estudo da guitarra e que esse estudo é acompanhado, em certa medida, pelos encarregados de educação. Estes dados são importantes no sentido de perceber, na próxima parte do questionário, até que ponto houve uma maior ou menor dedicação ao estudo do repertório composto no âmbito deste projeto, visto que a totalidade dos encarregados de educação, depois de realizada a audição final, se mostraram muito satisfeitos com o repertório apresentado e com a forma como os educandos o abordaram em casa.

A segunda parte do questionário dizia respeito, concretamente, ao arranjo que cada aluno executou e à forma como o estudou e trabalhou. A primeira questão

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

vem claramente demonstrar que o objeto deste projeto faz todo o sentido:

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo de repertório que tens vindo a trabalhar)

8 respostas

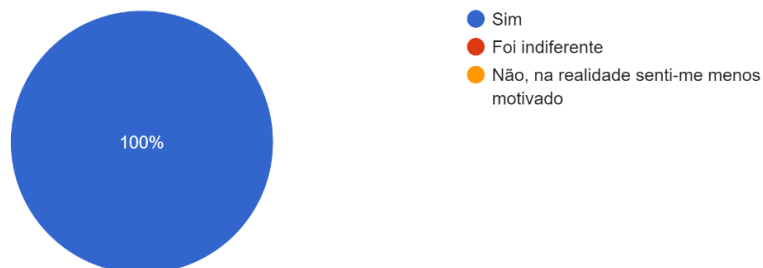


Gráfico 11

É unânime a escolha dos alunos, ao demonstrarem que se sentem mais motivados a tocar as peças que eles próprios escolheram e que foram compostas para si, quando comparado com o restante repertório que, já de si, os próprios assumiram que gostam, conforme demonstrado na questão 2.

Relativamente aos graus de dificuldade de cada peça, as respostas são curiosas por serem tão díspares:

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste?

8 respostas

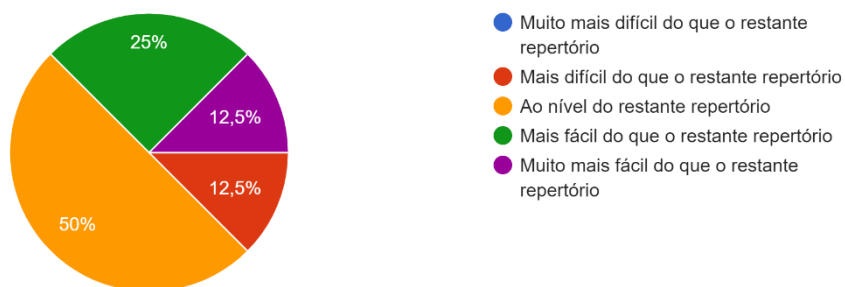


Gráfico 12

Verifica-se que metade dos alunos considerou o arranjo ao nível do restante repertório, um quarto que o repertório era mais fácil, e ainda alunos a considerar que este arranjo foi muito mais fácil ou mais difícil que o repertório habitualmente

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

executado (12,5% cada). Tendo cada arranjo sido composto mediante o grau de cada aluno, é normal que nem todos tenham sentido as mesmas facilidades, visto que cada um dos arranjos contemplava técnicas diferentes entre si, resultante da própria composição do tema original. Para entender estas nuances, é importante verificar as respostas dadas às três últimas questões deste questionário, onde se abordam as diferentes técnicas utilizadas e quais as sugestões dos alunos para uma melhor leitura e consequente execução do arranjo. Mas antes disso, analise-se mais três questões intermédias que são importantes no aferimento das conclusões relacionadas com esta questão do grau de dificuldade:

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo?

8 respostas

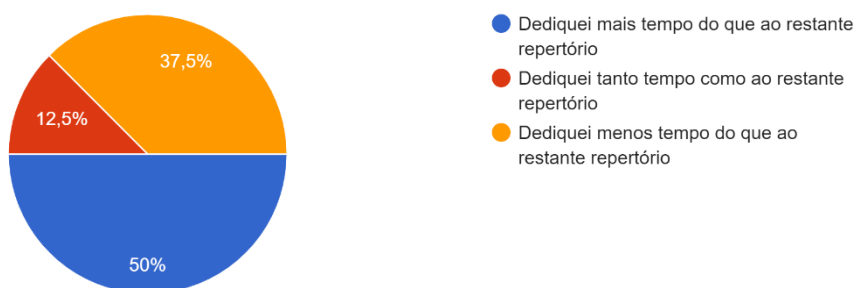


Gráfico 13

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas?

8 respostas

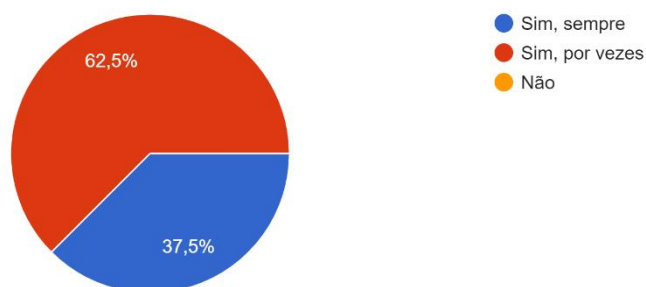


Gráfico 14

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes?

8 respostas

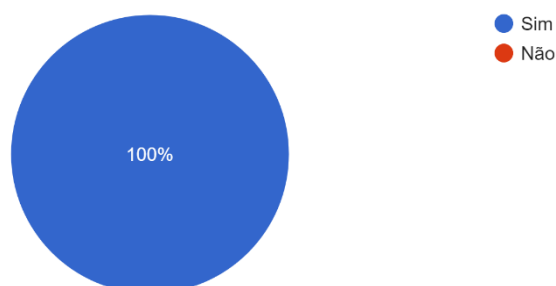


Gráfico 15

Verifica-se que, apesar de não ser unânime o grau de dificuldade de cada uma das peças, a maioria dos alunos dedicou tanto ou mais tempo ao estudo dos arranjos (87,5%), que todos os alunos consideraram importante tocar este tipo de arranjos, uns sempre (37,5%) outros por vezes (62,5%), e que todo o grupo foi unânime em demonstrar que tem vontade de tocar novamente peças de bandas e/ou artistas de que gostam. Da análise das 4 questões anteriores, verifica-se que o facto de existirem alunos que consideraram mais fácil estudar este tipo de peça pode estar relacionado com o facto de alguns destes mesmos alunos terem dedicado menos tempo de estudo aos próprios arranjos. No entanto, estes dados não anulam a vontade, o gosto e a motivação que cada um teve em abordar “a sua música”. Por outro lado, a própria vontade em trabalhar este tipo de repertório, unanimemente demonstrada, pode ter funcionado como um estímulo ao estudo, o que poderá ter igualmente dado a sensação de o tema ser mais fácil de abordar. Para perceber então esta questão, observe-se as três últimas perguntas do questionário, que focam precisamente a parte das técnicas abordadas:

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo?

8 respostas

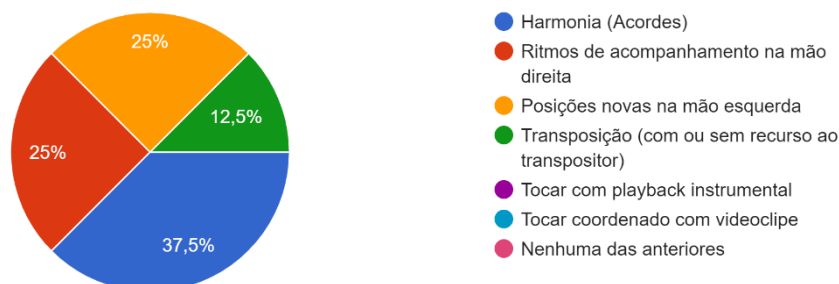


Gráfico 16

Verifica-se que cada aluno trabalhou técnicas novas que, habitualmente, não são trabalhadas de forma específica no repertório erudito e que foram especificamente adotadas nestes arranjos com o intuito concreto de as abordar, o que demonstra a importância e a riqueza deste tipo de trabalho. De resto, foi até surpreendente verificar a facilidade com que cada aluno tocou o seu arranjo, coordenando a música com o videoclipe e consequente playback instrumental, ou mesmo tocando com recurso ao transpositor. Algo muito pouco habitual de se fazer no âmbito do EAE, mas que resultou bastante bem. Foi inerente ao investigador sentir as dificuldades de cada aluno ao nível da execução harmónica, onde se considera a realização de acordes e, consequentemente, novas ou diferentes posições na mão esquerda, assim como o conceito de transposição, que foi trabalho esporadicamente em alguns arranjos, devido ao facto de não estarem nas tonalidades originais. Talvez devido a estas dificuldades alguns alunos tenham sugerido ou gostariam de ter sugerido alterações nas partituras, conforme os gráficos seguintes:

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura?

8 respostas

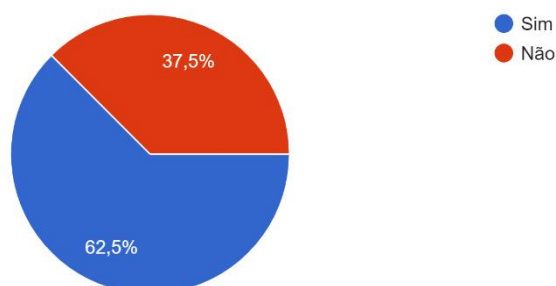


Gráfico 17

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido?

8 respostas

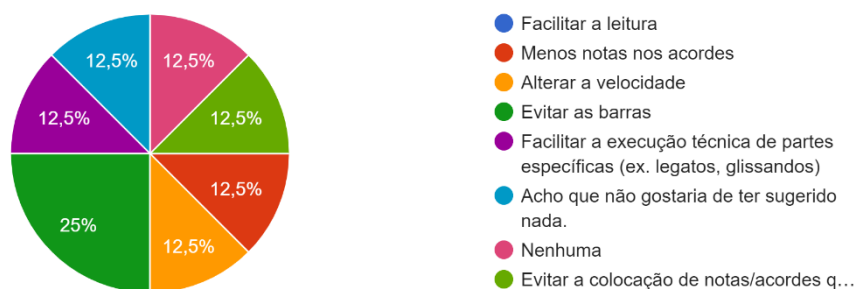


Gráfico 18¹⁸

Constata-se que apenas três alunos não sugeriram alterações à partitura e que desses três apenas um não sentiu necessidade de sugerir alterações. Estes dados demonstram que, independentemente dos graus de cada aluno, estes sentem à vontade e demonstram mesmo maturidade para sugerir alterações musicais e de escrita quando tal lhes é permitido. Analisando o último gráfico do questionário,

¹⁸ A última opção de resposta, não totalmente visível no gráfico, foi escrita pelo aluno contendo o seguinte texto: "Evitar a colocação de notas/acordes que fosse preciso "abrir" muito a mão e evitar baixos (que apareciam no instrumental e que eram desnecessários de tocar) que dificultavam a música".

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

verifica-se que foram várias as dificuldades assinaladas e indicadas pelos alunos¹⁹, sendo que a questão das barras, mais concretamente o evitar o recurso a estas, é a resposta que ganha maior destaque, o que aliado ao item “menos notas nos acordes” faz com que a execução por parte da mão esquerda seja a dificuldade mais assinalada pelos alunos. O que de resto vai ao encontro do que se verifica no estudo do repertório erudito de guitarra, onde geralmente os alunos encontram imensas dificuldades para executar barras ou acordes com várias notas, devido ao esforço físico e técnico exigido. Não deixa de ser curioso, igualmente, verificar que nenhum dos alunos assinalou a opção “facilitar a leitura”, visto que, conforme já foi referido, o estilo de escrita foi, em certa medida, consideravelmente diferente do estilo de escrita habitual no repertório erudito, ainda que enquadrado no formato tradicional de uma partitura musical, o que, mais uma vez, demonstra que os alunos estão abertos a novas experiências musicais quer a nível concreto, quer a um nível mais abstrato como este da leitura musical.

Relacionando, finalmente, o nível de dificuldade sentido com estas três últimas questões, inferem-se algumas ideias importantes. Em primeiro lugar, entender que, apesar de a larguíssima maioria dos alunos ter abordado novas e diferentes técnicas de leitura e de execução, nem sempre isso se refletiu num sentimento de maior dificuldade na abordagem musical. Pelo contrário, alguns consideraram mesmo mais fácil o recurso a este tipo de escrita do que aquele a que estão habituados. Por outro lado, pode verificar-se que, independente do grau de dificuldade sentido, muitos alunos tiveram maturidade e autonomia musical para sugerir alterações às peças e, conseqüentemente, à escrita das mesmas, no sentido de facilitar a sua perceção, o que demonstra que, independente dos graus de estudo em que se encontram, os alunos já têm uma capacidade crítica e refletiva sobre aquilo que estudam e tocam, que muitas vezes não é estimulada como deveria ser. A prova é que mesmo os alunos que não sugeriram alterações, gostariam de o ter feito e indicaram quais seriam essas mesmas alterações. Esta reflexão ajuda a entender o

¹⁹ As opções “Acho que não gostaria de ter sugerido nada” e “Evitar a colocação de notas/acordes que fosse preciso “abrir” muito a mão e evitar baixos (que apareciam no instrumental e que eram desnecessários de tocar) que dificultavam a música” foram adicionadas pelos alunos à opção “Outra”.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

porquê de uns alunos acharem os arranjos mais fáceis e outros mais difíceis, ainda que a maioria tenha considerado ao mesmo nível do restante repertório, visto que algumas técnicas são mais difíceis e outras mais estimulantes de executar, o que não impediu que os alunos unanimemente considerassem este tipo de repertório importante para si, estimulando mesmo a sua autonomia musical no sentido em que lhes foi permitido moldar, contornar, resolver e executar as suas próprias dificuldades de leitura e de execução, respondendo assim às outras duas hipóteses colocadas aquando da conceção deste projeto demonstrando que “a utilização desse mesmo repertório, pensado para as dificuldades técnicas de cada aluno, pode ajudar a superar essas mesmas dificuldades” e que “a execução destas peças incentiva e estimula o aluno a desenvolver-se de uma forma musicalmente mais autónoma”.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

4.4 – Sugestões para o futuro

Na visão do autor existem dois pontos essenciais que podem ainda vir a ser explorados numa futura abordagem a esta investigação. Em primeiro, e como será lógico, abranger um maior número de alunos, ou seja, aumentar a amostra do estudo, no sentido de perceber se os resultados observados e registados se mantêm ou se sofrem alterações significativas quando alargado o espetro do campo de observação. Em segundo lugar, e numa perspetiva de reflexão acerca do grupo de estudo em causa neste projeto, será importante trabalhar com alunos que tenham mais dificuldades quer técnicas, quer musicais, quer, principalmente ao nível de motivação. Isto porque se teve a consciência que, de um modo geral, o grupo de alunos sobre o qual esta investigação recaiu, assenta num conjunto de crianças que gosta de aprender e cuja responsabilidade de tocar e estudar guitarra com frequência está bem patente. Por isso considera-se que será importante experimentar esta atividade em grupos mais diversificados, onde sejam maiores as dificuldades em tocar, e onde se notem lacunas na motivação para a prática regular do instrumento, independentemente dos motivos que levem a que tal aconteça. Alargar este projeto a outros instrumentos, a outras realidades, será também importante, no sentido de confirmar (ou não) a viabilidade destes resultados, mas essencialmente como forma de o estender a outras realidades instrumentais para perceber se esta questão da escolha de repertório autónoma e orientada faz sentido para qualquer instrumento ou se é mais enquadrável em determinadas realidades instrumentais em detrimento de outras.

V. CONCLUSÃO

Sem qualquer dúvida que toda a realização deste projeto, desde a sua conceção até à sua execução, foi um processo muitíssimo enriquecedor para todos os agentes envolvidos, em especial para o próprio professor investigador. Não só pelas experiências vividas ao longo de todo o ano letivo no âmbito desta investigação, como, essencialmente, pelo facto de ter ficado demonstrado que as premissas traçadas inicialmente, aquando da conceção da investigação, se mostraram verdadeiras, lógicas e pertinentes, no sentido em que não só os objetivos propostos foram atingidos, como a resposta às hipóteses colocadas foi ao encontro das expectativas traçadas.

Foi, além disso, muito gratificante verificar como os agentes envolvidos, nomeadamente colegas, professores, orientadores, professora cooperante e, acima de tudo, alunos, acreditaram também no projeto e se envolveram com gosto e afinco. De resto, e enquadrado na ideologia desta investigação-ação, verificar o grau de motivação com que os alunos receberam, analisaram, estudaram, trabalharam e, claro, tocaram e apresentaram cada um dos arranjos musicais compostos para si, foi algo especial para o mentor deste projeto, pois veio demonstrar que é pertinente algumas das ideias que tem vindo a defender ao longo dos últimos anos, desde o seu tempo de estudante do EAE, e que se prendem com a necessidade de abrir novos horizontes pedagógicos na abordagem ao ensino e consequente aprendizagem de um instrumento musical, quer individualmente, quer mesmo em grupo, e com a forma de começar a ver os alunos como agentes ativos no seu processo de crescimento musical, estimulando-os a ser autónomos não só na escolha de repertório, mas também na forma como abordam e interpretam esse mesmo repertório. Orientá-los para um maior e melhor amadurecimento musical é fundamental para que os seus graus de motivação possam manter-se elevados ao longo de todo o seu processo de estudo. E aqui, mais uma vez, se reforça a importância da escolha de um repertório que vá ao encontro das suas expectativas musicais e pessoais.

Volta a reforçar-se o facto de que não se pretende descurar toda a música feita, composta e trabalhada até aos dias de hoje, bem pelo contrário. Não se pode

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado Guitarra Clássica

nem se deve ignorar o vasto e riquíssimo repertório que a história e a música nos têm dado. A ideia é mesmo complementar este espólio com abordagens técnicas, musicais e escritas, indo ao encontro das expectativas, dos gostos de cada aluno e promovendo uma motivação de caráter saudável e intrínseco, e onde música erudita ou eclética possa coabitar com novas abordagens não só pedagógicas, mas também musicais, alargando o espectro intelectual, cultural, educativo e mesmo social não só dos alunos, mas de todos os agentes que, de uma forma ou de outra, participam no processo de aprendizagem de cada um. E esta investigação é, sem dúvida, um ponto de partida para esta realidade.

É evidente que não será fácil a todos os professores ter a predisposição e/ou o tempo necessários, ou mesmo os conhecimentos essenciais para realizar atividades do género das que foram feitas neste âmbito, até porque requerem conhecimentos na área da composição, da edição musical por via informática, entre outros aspetos que eram inerentes ao investigador, dada a sua formação académica e profissional. Isso não impedirá, contudo, que se procurem alternativas do género. De resto, a aplicação contínua de projetos do género, com a criação e disponibilização de repertório específico, fará com que, gradualmente, se vá aumentando o espólio de material didático musical a disponibilizar aos alunos, não sendo necessário que se recorra de forma sistemática à criação de novas peças, mas sim ao (re)aproveitar das peças que já vão sendo criadas.

Fica a clara vontade de aplicar este projeto de investigação-ação a uma escala maior, com um grupo mais alargado e diversificado de alunos, ou mesmo de implementá-lo num determinado contexto e espaço letivo durante um período de tempo mais alargado, de modo a perceber até que ponto a evolução técnica e musical dos alunos se mantém equilibrada, positiva e, sobretudo, dentro dos parâmetros de exigência esperados no EAE, visto que os resultados obtidos com este grupo de trabalho, corresponderam e até superaram todas as expectativas.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balancho, M. J. & Coelho, F. (1996). *Motivar os Alunos*. Lisboa: Texto Editora.
- Barrett, Margaret S. (2009). *A Systems View of Musical Creativity*. In David J. Elliott (Ed.), *Praxial Music Education - Reflexions and Dialogues* (pp. 177-195). Oxford: Oxford University Press.
- Benavente, A., Campiche, J., Seabra, T. & Sebastião, J. (1994). *Renunciar à Escola. O Abandono Escolar no Ensino Básico*. Lisboa: Fim de Século.
- Boavida, João & Amado, João (2006). *Ciências da Educação – Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bowen & Honson (1987). *Theories of Education: Studies of Significant Innovation in Western Educational Thought*. Brisbane: John Wiley & Sons.
- Bowman, W. (2002). *Educating Musically*. In R. Colwell & C. Richardson (Eds.), *The New Handbook of Research on Music Teaching and Learning* (pp. 63-84). Oxford: Oxford University Press.
- Brown, J. D. (1980). *Identifying problems facing the school band movement*. Elkhart.
- Costa, M. (2015). *Para que servem as gavetas? Atividades criativas nas aulas de guitarra*. Tese de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Coutts, L. (2018). *Selecting motivating repertoire for adult piano students: A transformative pedagogical approach*. *British Journal of Music Education*, 1-15.
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: The Psychology of optimal experience*. New York: Harper & Row.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Cunha, Pedro Filipe (2013). *Música bem temperada na escola*. Tese de Doutorado. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Cury, A. J. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho.

Daniel, R. e Bowden, J. (2013). *The intermediate piano stage: exploring teacher perspectives and insights*. British Journal of Music Education, 30, pp. 245-260. Escola de Música do Conservatório Nacional (2016). Regulamento Interno.

Deci, E. L., Ryan, R. M., & Williams, G. C. (1996). *Need satisfaction and the selfregulation of learning*. Learning and individual differences, 8(3), 165-183.

Dweck, C. S. (1986). Motivational Processes Affecting Learning. *American Psychologist*, 41(10), 1040-1048.

Fernandes, D. (Coord.); Ó, J. R.; Ferreira; Marto, A.; Paz, A. & Travassos, A. (2007). *Estudo de avaliação do ensino artístico*. Lisboa: Direção Geral de Formação Vocacional do Ministério da Educação e Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Fernandes, D. (2008). *Avaliação do desempenho docente: Desafios, problemas e oportunidades*. Lisboa: Texto Editora.

Freitas, Elaine T. (1997). *As formações não usuais na música de câmara brasileira pós 1960*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro.

Goble, J. S. (2003). *Perspectives on Practice. A pragmatic comparison of the praxial philosophies of David Elliott and Thomas Regelski*. *Philosophy of Music Education Review*, 11, nº1 (Spring), 23-42.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Guimarães, S. E., & Boruchovitch, E. (2004). *O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação*. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(2), 143-150.

Hallam, S. (1998). *Instrumental Teaching*. Oxford: Heineman Educational.

Hallam, S. (2006). *Music Psychology in Education*. London: Bedford Way Papers.

Hallam, S. (2009). Motivation to learn. In S. Hallam, I. Cross & M. Thaut (Eds.). *Handbook of psychology of music* (pp.285-294). Oxford: Oxford University Press.

Hallam, S. (2010). *The power of music: its impact on the intellectual, personal and social development of children and young people*. *International Journal of Music Education*.

Heavner, T. (2005). *The applied music lesson: Teaching gifted and talented students utilising principles of comprehensive musicianship*. *International Education Journal*, 6(2), 170-174.

Kokotsaki, D., & Hallam, S. (2011). *The perceived benefits of participative music making for nonmusic university students: A comparison with music students*. *Music Education Research*.

Lai, H. L. (2011). *Preliminary study of the effects of an educational workshop on therapeutic use of music and aesthetic experience with music in first-line nurses*. *Nurse Education Today*.

Lens, W., Matos, L., & Vansteenkiste, M. (2008). *Professores como fontes de motivação dos alunos: o quê e o porquê da aprendizagem do aluno*. Educação, Porto Alegre.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Lisboa, C., & Koller, S. H. (2004). *Interações na escola e processos de aprendizagens: Fatores de risco e proteção*. In E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck (Orgs.), *Aprendizagem: Processos psicológicos e o contexto social da escola*. Petrópolis: Editora Vozes.

Mark, Michael L. (2009). Preface. In Michael L. Mark (Ed.), *Music education – Source Readings from Ancient Greece to Today*. 3rd Edition. New York: Routledge.

McMillan, R. (2009). *Creativity in instrumental learning and teaching: Missing in action!* Victorian Journal of Music Education, 12(1), 9-12.

Moraes, J. J. (1991). *O que é Música*. 7ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense.

O' Neill, S. A. (1999). *Quais os motivos do insucesso escolar de algumas crianças na aprendizagem musical? Motivação e Flow Theory*. Música, Psicologia e Educação I.

Penna, M. (2012). *A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música*. In: Mateiro, T.; Ilari, B. (orgs.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: InterSaber.

Pereira, E. M. (2011). *Motivação dos alunos no ensino especializado da música: Implementação de uma ferramenta metodológica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Portugal.

Pinto, A. M. (2003). *Motivação para o estudo da música: perfil do aluno*. Dissertação de Mestrado. Portugal: Universidade do Porto.

Pinto, A. M. (2004). *Motivação para o estudo da música: Fatores de persistência*. Revista Música, Psicologia e Educação, 6.

Priest, P. (1989). *Playing by ear: its nature and application to instrumental learning*. British Journal of Music Education, 6(2), 173-191.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Priest, T. (2002). Creative Thinking in Instrumental Classes. *Music Educators Journal*, 88(4), 47-51.

Renwick, J. M. e McPherson, G. (2002). *Interest and choice: student-selected repertoire and its effect on practising behaviour*. B. J. Music Ed. 19:2, 173-188.

Riccardi, Patricia Sabbatella (2005). *Intervención musical em el alumnado com necesidades educativas especiales: delimitaciones conceptuales desde la pedagogia musical y la musicoterapia*, Paper Universidad de Cádiz.

Ribeiro, D. (2015). *Motivação para o Estudo de instrumento em Escolas Profissionais*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

Schaffer, R. M. (1975). *The Rhinoceros in the Classroom*. Canada: Universal Edition.

Siqueira, L. G. G., & Wechsler, S. M. (2006). *Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidades de medida*. Avaliação Psicológica, Porto Alegre.

Schneider, A., & Wolffenbüttel, C. R. (2015). *O repertório como fator motivacional no aprendizado de teclado: um estudo com alunos do projeto prelúdio*. Encontro De Pesquisa Em Arte Da FUNDARTE/Seminário Dos Grupos De Pesquisa Da UERGS/Montenegro, (8), P. 109-116.

Swanwick, K. (1991). *Música, pensamiento y educación*. Madrid: Ediciones Morata.

Salaman, W. (1988). *Personalities in World Music Education No. 7 - John Paynter*. International Journal of Music Education, os-12, 28-32.

Tapia, J. A., & Fita, E. C. (2001). *A motivação em sala de aula*. São Paulo: Edições Loyola.

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado
Guitarra Clássica

Teles, A. R. M. (2014). *O papel do encarregado de educação na autorregulação do aluno no contexto da viola de arco*. Relatório de estágio. Mestrado em Ensino da Música. Universidade do Minho.

Vásquez, Julia Bernal & Niño, María Luisa Calvo (2000). *Didáctica de la Música - La expresión en la educación infantil*. Málaga: Ediciones Aljibe.

Willems, E. (1970). *As Bases Psicológicas da Educação Musical*. Lisboa: Fundação Weinstein.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA:

Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho. Educação - Gabinete do Secretário de Estado da Educação. Diário da República n.º 128/2017, Série II de 2017-07-05, páginas 13881 – 13890. <https://dre.pt/dre/detalhe/despacho/5908-2017-107636120>.

ANEXOS

Anexo I – Plano das Aulas assistidas pelo professor orientador de estágio e pelo professor coorientador no âmbito da PES

Mestrado em ENSINO DE MÚSICA [2021-2022]
Prática de Ensino Supervisionada e Relatório Final

Plano de Aula

Aluno: Mafalda Gonçalves

Aula nº: 15

Hora da aula: 12h35 (Excepcionalmente às 11h50)

Duração: 45 min

Grau: 7º

Data: Terça, 08 de Fevereiro de 2022

NOTA: Aula supervisionada pelo Orientador de Estágio

1. Conteúdos Programáticos:

- Prelúdio da Suite nº I de Bach
- Bagatela nº 2 - William Walton

2. Conteúdos Específicos:

- Continuação da abordagem interpretativa ao Prelúdio, com revisão de leitura, digitação e interpretação do mesmo
- Trabalhar a linha melódica e rítmica homogeneamente – característica do período barroco
- Revisão da leitura da Bagatela nº2, com indicação de algumas nuances interpretativas no sentido de facilitar a leitura e consequente execução da peça
- Prática dos harmónicos com acompanhamento em sons naturais (parte mais complexa da peça)

3. Bibliografia/Discografia/Sitologia:

Relatório de aula

4. Tarefas Realizadas: (a preencher após a aula)

- Dado o facto de a aluna ainda estar numa fase de leitura da peça, comecei por ajudá-la na leitura da mesma, ainda que a primeira parte já estivesse relativamente bem lida. O meu foco foi incentivar à leitura vertical da peça, visto que a base da mesma assenta em posições que se vão repetindo ao longo do braço. Sempre que possível sugeri também algumas indicações interpretativas, nomeadamente a importância de manter constante a presença do *Flow*, do *Feeling* da peça. Revimos também a digitação das partes mais solísticas. Dedicámos algum tempo à parte mais complexa da peça, que é a execução de harmónicos artificiais com acompanhamento em sons naturais ao mesmo tempo. Sugeri à aluna que praticasse a mão direita isoladamente da mão esquerda e que, em casa, assinalasse pontos na parte mais aguda do braço da guitarra, no sentido de perceber de forma mais eficaz em que espaço da corda terá que pressionar o harmónico. Ao fim de algum tempo a técnica de execução desta parte melhorou bastante.
- Revimos também o Prelúdio de Bach, sendo que fiz algumas sugestões interpretativas, alertando para a importância da homogeneidade rítmica e melódica, característica do período barroco. Sugeri a utilização do metrónomo no estudo em casa e que, quando a aluna tivesse a peça bem amadurecida, a comesse a interpretar como se um violoncelo se tratasse, pois, apesar de ser uma adaptação para guitarra, o movimento circular do arco deve sentir-se musicalmente.

- **5. Material Utilizado:** Guitarra (Professor); Guitarra (aluno); Apoio; partituras; Lápis de cores.

Orientador Cooperante
(Instituição de Estágio)

MGEosta

Estagiário

Luís António Costa

Data: 08 / 02 / 2022

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Prática de Ensino Supervisionada e Relatório Final

Plano de Aula

Aluno: Joana Tomé

Aula nº: 22

Hora da aula: 11h50

Duração: 45 minutos

Grau: 6º Grau

Data: Terça, 03 de Maio de 2022

NOTA: Aula Supervisionada pelo professor Coorientador

1. Conteúdos Programáticos:

- Arranjo “No Time to Die”

2. Conteúdos Específicos:

- Revisão da leitura da peça

3. Bibliografia/Discografia/Sitologia:

Relatório de aula

4. Tarefas Realizadas: (a preencher após a aula)

- Estando já muito próximos da audição onde serão tocados os arranjos compostos por mim, foi com naturalidade que a aluna apresentou a execução do seu respetivo tema com uma qualidade já bastante considerável. Claramente entendeu o conceito e a abordagem estética do tema, tendo executado a mesma já com o *feeling* que o próprio tema original acarreta.
- As sugestões que fiz foi que tocasse apenas com mais alguma intensidade e que procurasse não precipitar o andamento, visto que a peça por si só é bastante lenta e melancólica.
- De qualquer forma, foi notória a rapidez com que a aluna aprendeu e apreendeu o arranjo instrumental, fruto do prévio conhecimento melódico e harmónico da canção original.
- **5. Material Utilizado:** Guitarra (Professor); Guitarra (aluno); Apoio; partituras; Lápis de cores.

Orientador Cooperante
(Instituição de Estágio)

Mgeosta

Estagiário

Luís António Costa

Data: 03 / 05 / 2022

Anexo 2 - Plano de Aula 2

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Mestrado em ENSINO DE MÚSICA [2021-2022]
Prática de Ensino Supervisionada e Relatório Final

Plano de Aula

Aluno: Mafalda Gonçalves

Aula nº: 20

Hora da aula: 17:30

Duração: 45 min

Grau: 7º

Data: Terça, 04 de Maio de 2022

NOTA: Aula Supervisionada pelo professor Coorientador

1. Conteúdos Programáticos:

- Arranjo "Love of My Life"

2. Conteúdos Específicos:

- Continuação do trabalho sobre o estudo do arranjo

3. Bibliografia/Discografia/Sitologia:

Relatório de aula

4. Tarefas Realizadas: (a preencher após a aula)

- A aluna ainda não tem o arranjo tão amadurecido como devia, apesar de já estar um pouco mais trabalhado. Estivemos a rever a questão dos acordes e da forma como os mesmo são construídos quer harmonicamente quer em termos de digitação, bem como a forma como eles são aplicados e aparecem transpostos em diversas outras peças já abordadas pela aluna, no sentido de facilitar a assimilação dos mesmos.
- Trabalhámos também a questão da condução melódica e da estrutura da peça. A aluna comprometeu-se a trazer o arranjo já pronto a ser apresentado em audição para a aula seguinte. Sugerir que, no sentido de facilitar a leitura e entendimento do arranjo, a aluna atentasse na questão das cifras e da construção harmónica (acordes) em vez tentar assimilar as notas sobrepostas uma a uma, mas sim como um todo.

- **5. Material Utilizado:** Guitarra (Professor); Guitarra (aluno); Apoio; partituras; Lápis de cores.

Orientador Cooperante
(Instituição de Estágio)

MGEosta

Estagiário

Luís António Gonçalves

Data: 03 / 05 / 2022

Anexo 3 - Plano de Aula 3

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Anexo II – Relatório da Audição Final realizada no âmbito deste projeto

Mestrado em ENSINO DE MÚSICA [2021-2022]
Prática de Ensino Supervisionada e Relatório Final

Relatório da Audição Final

Alunos: Classe da Professora Cooperante Marta Costa e do Professor Estagiário João Silva
Grau: 1º, 2º, 3º, 6º e 7º Graus
Aula nº: -----
Duração: 90 Minutos
Data: Quarta, 18 de Maio de 2022
Hora: 18h30

1. Alinhamento da Audição:

• Alunos da Professora Cooperante Marta Costa:

1. Margarida Duarte	Broken Peace	N. Powlesland
2. Rafael Marques	Promenade	Robert Hamilton
3. Francisco Silva	Moonlight	Stepan Rak
4. Vicente Alves	At the Fair	Peter Batchelar
5. Miguel Martinho	Sad Waltz	Stephen Goss
6. Elisabete Soares	Plaza Italia	M. D. Pujol

• Alunos da Professora Cooperante em colaboração com o Professor Estagiário João Silva:

7. Joana Tomé	No Time To Die	Billie Eilish	} Arr. João Silva
8. Beatriz Arinto	Easy on Me	Adele	
9. Martim Domingues	The Scientist	Coldplay	
10. Guilherme Ferreira	Para Sempre	Xutos & Pontapés	
11. Inês Correia	Rewrite the Stars	Zac Efron & Zendaya	
12. Mafalda Gonçalves	Love Of My Life	Queen	
13. José Mendes	Come As You Are	Nirvana	
14. Afonso Caria	Believer	Imagine Dragons	

Relatório da Audição

2. Relatório:

Esta audição de final de ano letivo foi, sem dúvida, a experiência mais marcante de todo o estágio. E isso deve-se a vários fatores. Desde logo por ser o culminar de todo o trabalho feito ao longo de vários meses. Para além disso, foi um materializar de muitos dos objetivos a que me propus no início do estágio. Um outro ponto muito importante foi o facto de parte da audição ter sido conduzida por mim, quer a nível da organização, dos arranjos e da própria performance em si, visto que em algumas peças os alunos interagiram diretamente comigo.

Para além de toda a envolvente, a prestação dos alunos em geral e de cada um individualmente deu ainda mais credibilidade ao projeto e à própria audição. Desde logo pela inovação que se fez sentir, não só ao nível de repertório, mas também ao nível audiovisual, que complementou bastante o que os alunos tocaram. Quer através das imagens dos artistas dos temas originais, projetadas em pano de fundo, quer dos videoclipes e acompanhamento instrumental sobre os quais alguns alunos tocaram os seus arranjos. O desempenho de cada um dos alunos foi muito positivo, demonstrando ainda mais qualidade interpretativa do que aquela que já havia sido apresentada ao longo das aulas. Para além disso, a satisfação e gosto em tocar nesta audição foram notórias. Prova disso é que, a maioria dos arranjos, exigia um grau de dificuldade bastante considerável tendo em conta o nível de cada aluno.

No final as reações foram muito interessantes. Primeiro por parte dos alunos que executaram os arranjos e que gostaram imenso da experiência. Depois por partes dos restantes alunos que executaram repertório erudito e que referiram ter vontade de tocar este tipo de repertório. Por fim, a reação dos pais, que fizeram questão de parabenizar educandos e professores pela iniciativa e, acima de tudo, referiram, de forma unânime, que sentiram os seus alunos mais motivados para estudar este tipo de repertório.

Referir ainda a facilidade com os alunos assimilaram a interação com os recursos multimédia, pois é algo que até ao momento não tinham experimentado. A coordenação entre playback instrumental, vídeos e execução dos arranjos foi muito interessante e recorreu sem falhas. Apesar de toda a inovação e da variedade e originalidade do repertório, os conceitos de guitarra clássica estiveram sempre presentes, o que não desvirtuou, de forma alguma, o próprio instrumento. Pelo contrário. Demonstrou o potencial que tem para se renovar sem perder a sua essência.

3. Material Utilizado: Projetor; Apoio; Cadeira;

Orientador Cooperante
(Instituição de Estágio)

Mscosta

Estagiário

João António Gonçalves

Data: 18 / 05 / 2022

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

Anexo III – Questionários individuais preenchidos

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMlt4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 1/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 2/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 3/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 4/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 5/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 6/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 8/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH1... 9/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: A peça ter sentido para mim

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEGs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 10/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 11/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 12/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 13/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 15/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 16/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 17/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 18/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 19/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 20/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 22/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: Jazz e Rock _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGEGs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 23/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 24/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEGs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 25/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 26/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 27/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 29/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 30/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 31/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 32/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEGs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 33/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 34/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 36/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 37/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 38/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 39/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 40/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: Acho que não gostaria de ter sugerido nada. _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 41/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 43/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra: _____

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: Todos os tipos _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 44/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 45/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGEGs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 46/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 47/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

14. Quais as técnicas que trabalhaste/aprendeste com o teu arranjo? *

- Harmonia (Acordes)
- Ritmos de acompanhamento na mão direita
- Posições novas na mão esquerda
- Transposição (com ou sem recurso ao transpositor)
- Tocar com playback instrumental
- Tocar coordenado com videoclipe
- Nenhuma das anteriores
- Outra: _____

15. Sugeriste alterações ao arranjo/partitura? *

- Sim
- Não

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)
- Outra: Nenhuma _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 48/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

A Guitarra e Eu

Questionário aos Alunos de Guitarra da Professora Marta Costa - Conservatório de Música de Coimbra

1. Porque decidiste escolher a guitarra? *

- Sempre tive vontade de aprender guitarra
- Gosto do timbre da guitarra
- Acreditava ser um instrumento fácil de aprender
- Por imposição dos pais/encarregados de educação
- Para poder tocar com amigos
- Não consegui entrar na minha primeira opção

2. Quando entraste no Conservatório, tinhas uma ideia do tipo de música que irias aprender? *

- Sim
- Não

2.1 Gostas do estilo de músicas que tens vindo a aprender? *

- Sim
- Não
- Sim, mas gostava de tocar outros estilos musicais como por exemplo:
- Outra: _____

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 50/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

2.1.1 Se não, porquê?

- Não gosto do estilo de música
- É muito difícil de tocar
- Outra:
acho que não devíamos tocar sempre repertório clássico, mas também descomprimir com o moderno.

2.2 Qual o tipo de música que mais gostas? *

- Clássica
- Rock
- Pop
- Jazz
- Não tenho preferência
- Outra: _____

3. Quais as maiores dificuldades que sentes no estudo/execução da guitarra? *

- Leitura
- Técnica
- Coordenação motora
- Posição e postura

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 51/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

4. O que é que, normalmente, te motiva mais a estudar uma peça? *

- Ser fácil de tocar
- Ser fácil de ler
- Ser bonita
- O facto de eu conhecer a música
- O facto de ser nova para mim
- Outra: _____

5. O que mais te desmotiva no estudo de uma peça? *

- Ser difícil de tocar
- Ser difícil de ler
- Não gostar da peça ou do estilo
- Não conhecer a peça
- Outra: _____

6. Normalmente, como é escolhido o repertório que tocas? *

- A minha professora é que escolhe o meu repertório
- A minha professora dá-me a escolher entre várias opções
- Eu sugiro à professora a(s) peça(s) que gostava de tocar

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMt4_BTeWCgvQveOcGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 52/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

7. Em média, quanto tempo dedicas, diariamente, ao estudo da guitarra? *

- 60 minutos ou mais
- 45-60 minutos
- 30-45 minutos
- 15-30 minutos
- 15 minutos ou menos

8. Os teus pais/encarregados de educação, ouvem as peças que estudas/tocas? *

- Sempre
- Por vezes
- Não
- Só nas audições

A Minha Música

Questionário aos alunos

9. Sentiste-te mais motivado a estudar o arranjo da música que sugeriste? (Quando comparado com o outro tipo * de repertório que tens vindo a trabalhar)

- Sim
- Foi indiferente
- Não, na realidade senti-me menos motivado

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcGGEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 53/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

10. Como consideras o grau de dificuldade do arranjo que tocaste? *

- Muito mais difícil do que o restante repertório
- Mais difícil do que o restante repertório
- Ao nível do restante repertório
- Mais fácil do que o restante repertório
- Muito mais fácil do que o restante repertório

11. Quanto tempo dedicaste ao estudo do arranjo? *

- Dediquei mais tempo do que ao restante repertório
- Dediquei tanto tempo como ao restante repertório
- Dediquei menos tempo do que ao restante repertório

12. Consideras importante tocar este tipo de músicas? *

- Sim, sempre
- Sim, por vezes
- Não

13. Tens vontade de voltar a tocar músicas desta ou de outras bandas/artistas que gostes? *

- Sim
- Não

https://docs.google.com/forms/d/1sWi0LVxn81f85f5zat0rCnpMl4_BTeWCgvQveOcgEs/edit?no_redirect=true#response=ACYDBNiaLY_c1QH... 54/56

Autonomia Orientada Na Escolha De Repertório No Ensino Artístico Especializado

Guitarra Clássica

22/06/22, 01:39

A Guitarra e Eu

15.1 Que tipo de alteração sugeriste ou gostarias de ter sugerido? *

- Facilitar a leitura
- Menos notas nos acordes
- Alterar a velocidade
- Evitar as barras
- Facilitar a execução técnica de partes específicas (ex. legatos, glissandos)

Outra:

Evitar a colocação de notas/acordes que fosse preciso "abrir" muito a mão e evitar baixos (que apareciam no instrumental e que eram desnecessários de tocar) que dificultavam a música.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários